



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Intervenção sistémica com famílias alcoólicas

ANA PATRÍCIA RIBEIRO DE MATOS

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Este trabalho final marca o culminar de uma experiência enriquecedora concretizada ao longo de cinco anos. Cruzei-me com professores e colegas que me motivaram nesta jornada minha, tua e nossa de que tanto me orgulho. Assim, quero agradecer em especial a colegas que se tornaram amigas, Mariana Pedrosa, Inês Patrício, Ana Cláudio, Joana Sousa, Mariana Barbosa e Francisca Calçada Bastos. Quero igualmente agradecer todo o apoio por parte da minha orientadora de seminário de dissertação, professora Maria Gouveia-Pereira.

O meu maior agradecimento aos meus pais, por todo o seu amor e apoio. Ao João Silva pelo seu carinho, serenidade e força que me transmitiu durante estes cinco anos. À minha querida amiga Joana Rodrigues que sempre esteve do meu lado, apoiando-me em todos os aspetos independentemente de tudo.

Aos meus queridos irmãos David e Luís, que tanto amo e me orgulho por ser sua irmã mais velha. À minha divertida família, primos, primas, tios e tias. E em especial à minha tia Rute, estás sempre presente no meu coração e memória.

Ao meu grupo de sempre, Raquel Gervaia dos Santos, Mariane Roza e Soraia Tavares. À família Gervaia dos Santos, porque sempre foram e são uma inspiração para mim. Agradecer também à Maria José Figueira e Lurdes Amaro pelo vosso carinho.

Não posso deixar de agradecer a amigos de que tanto me orgulho ter conhecido este último ano, Charis Betts, Dézio Silva, Desejado Gomes e Vanda Monteiro, vocês foram o meu grande suporte emocional e motivador da última etapa deste meu percurso, tornaram a casa ORIENTA.TE a minha segunda casa. Quero também agradecer à Mariana Miranda, Mariana Guimarães e Vera Burnay, pelos momentos de intervenção. À Filipa Costa Macedo por todo o apoio e simpatia que teve para comigo.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo avaliar a intervenção familiar estrutural realizada no projeto ORIENTA.TE, ao nível das mudanças do funcionamento de duas famílias constituídas por membros com dependência química. Os dois sistemas familiares pertencem a uma condição socioeconómica baixa, e todas as figuras parentais encontravam-se desempregadas. O primeiro momento de avaliação do funcionamento familiar foi realizado através de um conjunto de sessões de intervenção familiar, onde as técnicas de intervenção preencheram no final de cada sessão a *Clinical Rating Scale* (Olson, 1993). O último momento de avaliação considerou a perceção de cada participante relativamente ao seu funcionamento familiar através de uma entrevista, executada sob a forma de um guião de entrevista, baseado numa adaptação da FACES IV (Olson, 2011). Os resultados indicaram a existência de mudanças no funcionamento familiar numa das duas famílias em estudo.

Palavras-chave: Intervenção familiar estrutural, Modelo Circumplexo, Famílias de condição socioeconómica baixa com dependência química

Abstract

The aim of this study is to evaluate the intervention of the structural family performed by the ORIENTA.TE project, at the level of the behaviour changes of two families composed by chemical dependent members. The two family systems belong to a low socioeconomic condition and all parents are unemployed. The first moment of evaluation of the family behaviour was done by a group of family intervention sessions, in which the techniques of intervention filled in the end of each session the Clinical Rating Scale (Olson, 1993). The last moment of the evaluation considered the perception of each participant regarding the family behaviour with an interview, performed by an interview script, based in an adaptation of FACES IV (Olson, 2011). The results showed family behaviour changes in one of the study families.

Key words: Family structural intervention, Circumplex Model, Chemical dependent families in low socioeconomic condition

Índice

Introdução.....	1
Modelo Estrutural de Salvador Minuchin.....	1
Terapeuta Estrutural.....	6
Modelo Circumplexo de Olson.....	7
Dimensão coesão.....	7
Dimensão flexibilidade.....	8
Dimensão comunicação.....	8
FACES IV.....	8
Clinical Rating Scale (CRS).....	9
Procedimentos na aplicação da CRS.....	11
Hipóteses do Modelo Circumplexo de Olson.....	12
Sensibilidade étnica e cultural do Modelo Circumplexo.....	14
Famílias economicamente desfavorecidas.....	15
Trabalho não colaborativo entre os serviços de apoio.....	15
Visão sistémica e abordagem centrada na família, junto de famílias pobres...	16
A importância de uma visão sistémica, voltada para as competências, com famílias pobres.....	18
A importância do estabelecimento de uma aliança terapêutica no trabalho com famílias pobres.....	19
Alcoolismo na família – Visão sistémica.....	21
O alcoolismo sob forma de padrão transgeracional.....	21
O alcoolismo como sintoma.....	23
Fatores de proteção e de risco para o alcoolismo na adolescência.....	24
Método.....	26
Participantes.....	26
Instrumentos.....	26
Procedimento.....	28

Apresentação e discussão dos resultados.....	31
Família 1.....	31
Análise dos resultados da Clinical Rating Scale da Família 1.....	31
Análise dos resultados das entrevistas da Família 1.....	34
Família 2.....	44
Análise dos resultados da Clinical Rating Scale da Família 2.....	44
Análise dos resultados das entrevistas da Família 2.....	47
Conclusão geral.....	57
Limitações do estudo.....	60
Propostas para estudos futuros.....	60
Referências Bibliográficas.....	61
Anexo A. Configuração do Modelo Circumplexo de Olson.....	67
Anexo B. Guião de entrevista: Versão Adulto/Versão Jovem	68
Anexo C. Exemplo da grelha da cotação da Clinical Rating Scale.....	76
Anexo D. Exemplo de uma das entrevistas finais.....	77
Anexo E. Genogramas da primeira e última sessão das Famílias 1 e 2.....	110

Índice de tabelas e figuras

Figura 1- Gráfico do progresso do funcionamento da Família 1 ao longo das treze sessões, através da observação das dinâmicas familiares.....	31
Tabela 1 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão coesão ligada da entrevista final para a Família 1.....	34
Tabela 2 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão coesão emaranhada da entrevista final para a Família 1.....	35
Tabela 3 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão flexibilidade flexível da entrevista final para a Família 1.....	36
Tabela 4 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão flexibilidade caótica da entrevista final para a Família 1.....	37
Tabela 5 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão comunicação positiva da entrevista final para a Família 1.....	38
Tabela 6 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão comunicação ambivalente da entrevista final para a Família 1.....	39
Tabela 7 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão comunicação negativa da entrevista final para a Família 1.....	39
Tabela 8 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão alcoolismo da entrevista final para a Família 1.....	40
Tabela 9 - Resultados da análise de conteúdo das mudanças percebidas relativas às dimensões, da Família 1.....	42
Figura 2 - Gráfico do progresso do funcionamento da Família 2 ao longo das nove sessões, através da observação das dinâmicas familiares.....	44
Tabela 10 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão coesão desligada da entrevista final para a Família 2.....	47

Tabela 11 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão coesão ligada da entrevista final para a Família 2.....	48
Tabela 12 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão coesão emaranhada da entrevista final para a Família 2.....	49
Tabela 13 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão flexibilidade flexível da entrevista final para a Família 2.....	50
Tabela 14 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão flexibilidade caótica da entrevista final para a Família 2.....	51
Tabela 15 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão comunicação positiva da entrevista final para a Família 2.....	51
Tabela 16 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão comunicação ambivalente da entrevista final para a Família 2.....	52
Tabela 17 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão comunicação negativa da entrevista final para a Família 2.....	53
Tabela 18 - Resultados da análise de conteúdo da dimensão <i>alcoolismo</i> da entrevista final para a Família 2.....	54
Tabela 19 - Resultados da análise de conteúdo das mudanças percebidas relativas às dimensões, da Família 2.....	56

INTRODUÇÃO

Modelo Estrutural de Salvador Minuchin

A terapia familiar baseada no modelo estrutural, do autor Salvador Minuchin, tem como base uma teoria e certas técnicas que assentam no indivíduo inserido no contexto, uma vez que Minuchin crê que o sistema familiar é aberto isto é, está em constante interação com o meio (Minuchin, 1988). A terapia familiar estrutural pretende provocar uma alteração na *estrutura* do sistema familiar, sendo que quando ocorre uma modificação na forma de como este sistema está *estruturado*, a experiência subjetiva de cada membro altera-se, bem como a forma de como se posicionam face a esse grupo familiar. Esta mudança da *estrutura* familiar provoca assim uma *reestruturação* no sistema familiar (Minuchin, 1988). Desta forma é perceptível que a *reestruturação* da família ocorre quando a intervenção familiar não pretende apenas extinguir sintomas ou dinâmicas familiares *desequilibradas*, mas quando procura essencialmente desenvolver, junto dos membros da família, potencialidades ao nível comunicacional e relacional que permita no futuro formar *padrões transacionais* mais funcionais (Walsh & Olson, 1989; citado por Olson & Gorall, 2003). Assim, para promover a criação de *padrões transacionais* mais funcionais, estes necessitam de se tornar mais flexíveis, e para isso o terapeuta pode libertar os membros de *papéis* e funções que foram assumindo na família. Esta flexibilização conduz a outros tipos de interação, pois através dessas novas formas de relação, as condutas disfuncionais deixam de ter apoio por parte do sistema familiar (Minuchin & Lappin, 2011). Para fomentar a mudança na *estrutura* familiar, o terapeuta estrutural pode utilizar as técnicas *união*, onde o técnico se une à família de forma a abrandar as diferenças existentes; *reenquadramento*, em que se procura reenquadrar a realidade familiar, na realidade criada na sessão; *focalização*, que consiste na compreensão e na seleção das informações que são essenciais trabalhar naquele momento; *intensidade da mensagem terapêutica*, para a família perceber a importância do conteúdo da mensagem de modo a se sentir incentivada a mudar os seus *padrões transacionais* habituais; *reestruturação* onde aquilo que se pretende é uma correção das transações familiares; e *encenação*, de modo a que a família conheça, através da dramatização, outras formas de interagir que não utilizava (Minuchin & Fishman, 2003).

A terapia estrutural trabalha com o momento atual onde intervém com o próprio sistema familiar, pois ao lidar com o presente familiar está a trabalhar todo um conjunto de modos de funcionar que a família foi construindo ao longo dos anos, e cuja intervenção no presente acrescenta mudanças nessa *estrutura* e organização familiar (Minuchin, 1988). As

modificações na *estrutura* da família são facilitadas pela *união* do terapeuta à respetiva família, pois é através da entrada do próprio na cena familiar que se consegue compreender a *estrutura* da mesma, e fomentar novas formas de interação entre os *subsistemas* ou mesmo dentro dos mesmos (Minuchin, 1988). O nível de envolvimento do terapeuta à família vai depender das mudanças que vão ocorrendo nas sessões, que por sua vez está relacionado com as respostas da família à terapia (Navarre, 1998). Quando a *estrutura* da família é alterada, a mesma consegue apropriar-se e preservar, através dos seus mecanismos de *autorregulação*, aquilo que foi sendo construído na terapia, criando assim um novo padrão de funcionamento no seio familiar (Minuchin, 1988). Todavia, de acordo com Minuchin (1988), o novo cenário que o terapeuta constrói com a família, poderá ser ou não apreendido pela mesma. Perante esse novo cenário, a família pode apenas assimilar aquilo que lhe foi devolvido, contudo tal não permite um crescimento. A família pode também conseguir mudar e alargar os seus padrões, de forma a conseguir incluir aquilo que se foi construindo na sessão, contudo não modificam os do passado, que são disfuncionais. Além destes casos, existem outro tipo de famílias que conseguem compreender o cenário que lhes foi oferecido como algo novo, por isso essa nova realidade é percebida como stressante, o que vai perturbar a *homeostase* familiar, promovendo assim uma modificação da *estrutura* da família (Minuchin, 1988). Neste sentido, a efetivação da mudança ocorre porque o sistema familiar, ao vivenciarem novos *padrões transacionais*, faz ressurgir novas ligações que promovem e mantêm esses mesmos (Minuchin, 1988).

De acordo com a terapia estrutural, as transações do sistema familiar refletem as relações que os membros da família estabelecem entre si e, por sua vez esta vai originar a *estrutura* da mesma. Deste modo, essa *estrutura* retrata a organização familiar que funciona segundo um conjunto de exigências funcionais. As interações entre os membros familiares, isto é as suas contínuas transações, constituem o *padrão transacional* familiar que preceitua o comportamento familiar e de cada membro (Minuchin, 1988). Esses *padrões transacionais* são mantidos, segundo Minuchin (1988), por dois sistemas de repressão, o *genérico* e o *idiosincrásico*. O sistema *genérico* tem em conta que existem certas regras que organizam o sistema familiar, como por exemplo a partilha de *papéis*, pois esta possibilita uma consciência, de cada membro, do papel que devem desempenhar (Minuchin, 1988). O sistema *idiosincrásico* diz respeito às expectativas que se criam dentro do sistema familiar, que se estabelecem explicitamente ou implicitamente no dia a dia da família, e que se vão mantendo no decorrer dos anos, formando *padrões transacionais* habituais (Minuchin, 1988).

Dentro de um sistema familiar vão-se estabelecendo *fronteiras* que constituem as normas de como e quem participa, de forma a manter a diferenciação do *sistema* para com o meio e entre os *subsistemas*. Esses subsistemas podem ser o *individual* – constituído pelo sujeito e pela sua participação no sistema familiar, mas também noutros sistemas onde executa certos *papéis* que afetam o seu crescimento pessoal, e por isso influencia a sua posição na família; *parental* – exerce funções executivas, sendo que tem a seu encargo os membros mais novos da família; *conjugal* – composto pelo marido e mulher; e o *fraternal* – formado por irmãos, é neste *subsistema* que se adquire aptidões para a relação entre iguais (Relvas, 1996). Cada um destes *subsistemas* tem diferentes capacidades, níveis de poder e de relação, o que lhes capacita assim para o desenvolvimento de competências interpessoais, se consentirem ser interferidos por parte de outros *subsistemas* (Minuchin, 1988). Compreende-se assim, que as *fronteiras* que os membros dos *subsistemas* delimitam vão estar relacionadas com o modo de funcionar dos mesmos, sendo que por isso essas *fronteiras* devem ser claras para que os elementos do *subsistema* cumpram, adequadamente, os seus *papéis* (Minuchin, 1988). Pratta e Santos (2006) acrescentam referindo que a família ao estabelecer regras e *limites* claros, transmite ao jovem parâmetros que guiam a sua conduta, o que conduz a uma maior responsabilidade e autonomia por parte do juvenil pelas suas atitudes e comportamentos. Assim, para Minuchin (1988) aquilo que distingue uma família funcional da disfuncional é a sua capacidade de se adaptar às diversas situações novas que vão ocorrendo, mas também através das *fronteiras* que estabelece, pois para o mesmo autor uma família saudável é aquela que consegue determinar *fronteiras* claras (Minuchin & Lappin, 2011).

Desta forma, existem famílias cujas *fronteiras* são bastante *difusas*, que são designadas por famílias *emaranhadas*, e famílias cujas *fronteiras* são excessivamente *rígidas*, como as famílias *desligadas*. De acordo com Minuchin (1988), estes dois extremos de funcionamento familiar podem representar dois campos patológicos, o *emaranhado* e o *desligado*. O sistema familiar *emaranhado* ou *aglutinado* caracteriza-se por uma delimitação difusa das *fronteiras*, ou seja, as *fronteiras* entre os membros da família não estão claras para cada um. Essa dissipação, ou confusão dos *limites* entre os *subsistemas* deve-se à excessiva dependência física e emocional entre os membros (Olson, 2000), onde a perceção sobre um outro familiar diferente dele, encontra-se ausente (Navarre, 1998). Este tipo de sistema familiar apresenta uma excessiva preocupação pelos restantes membros, o que acaba por se traduzir numa constante e desmedida fusão, onde aquilo que se passa com um membro é vivido de forma imediata e intensa pelos restantes membros da família, dado o forte sentimento de pertença (Minuchin, 1988). Considerando esta excessiva preocupação, tudo

aquilo que escape ao controlo deste tipo de sistema, ou seja, tudo aquilo que coloque em causa a harmonia (dis)funcional que o caracteriza, faz ressurgir uma resposta imediata a dada situação imprevisível (Minuchin, 1988). Deste modo, torna-se perceptível a necessidade deste tipo de sistema criar o seu *microcosmos*, uma realidade em que a excessiva preocupação e ligação entre os membros não permite um espaço onde cada membro familiar possa crescer, individuar-se e autonomizar-se dos seus parentes. Este tipo de sistema acaba assim por não conseguir lidar de forma adaptável a situações desconhecidas, isto é não consegue mobilizar mecanismos necessários a um ajustamento eficaz aos tais eventos que escapam àquilo que é o seu *padrão* habitual (Minuchin, 1988). Neste tipo de sistemas familiares, o espaço privado está ausente, pois todo o espaço e tempo são partilhados com a família ou amigos da mesma, uma vez que a lealdade à família é exigida. Tendo em conta que o tempo que passam é exclusivamente para a sua família, acabam assim por apenas possuírem interesses comuns aos do seu sistema familiar (Olson, 2000).

O outro extremo de funcionamento familiar passa por famílias com *fronteiras* excessivamente rígidas, designadas por *desligadas* ou *desmembradas*, onde a transmissão de afeto e de comunicação apresentam-se bastante difíceis ou mesmo impossibilitadas, o que acaba por se repercutir ao nível das relações sociais dos membros deste sistema. A família *desligada* só ativa os seus mecanismos de apoio quando surge um evento bastante difícil isto é, se algo acontecer com um membro de um sistema familiar *desligado* o mesmo só vai ecoar sobre os restantes se esse acontecimento se demonstrar deveras stressante. Neste tipo de família, os membros funcionam de forma autónoma, contudo os mesmos têm uma forma de ver a sua “independência” bastante alterada do próprio conceito (Minuchin, 1988). Neste tipo de sistema familiar cada membro investe no seu espaço e interesses pessoais, no qual o tempo é passado em separado da família. Dada a essência deste tipo de sistema, os membros que a compõem não conseguem pedir apoio à sua família quando necessitam (Olson, 2000).

Deste modo, é compreensível a importância de uma averiguação correta do funcionamento familiar e das suas *fronteiras*, pois esta permite uma intervenção eficaz tanto ao nível do afrouxamento das *fronteiras* criadas numa família *desligada* como da clarificação das *fronteiras difusas* de um sistema *emaranhado* (Minuchin, 1988). Assim, a criação de *fronteiras* claras e consistentes são fulcrais para um saudável funcionamento familiar. Um bom exemplo da necessidade de criação de *fronteiras* nítidas é entre o *subsistema conjugal* e o *filial*, pois caso o primeiro não defina uma fronteira clara com o *subsistema filial*, o casal fica invadido de apelos e não vai conseguir disponibilizar tempo para entender as suas próprias necessidades e questões (Minuchin, 1988).

Semelhantemente, face ao crescimento natural dos filhos, o *subsistema parental* também vai sofrendo mudanças na flexibilização das *fronteiras* à medida do tempo, visto que é importante que o par parental conceda espaço e liberdade aos seus filhos para o contacto com outros pares, *extrafamiliares*. Para tal, torna-se necessário um ajustamento, e um encorajamento, por parte dos pais em relação ao crescimento dos filhos, de modo a facilitar a sua diferenciação e autonomia (Minuchin, 1988). Tal sucede-se quando ocorre a entrada dos filhos para a adolescência, onde os pais muitas das vezes sentem-se excluídos por não possuírem uma gratificação no seu papel parental como antes, em que por isso o casal tem de (re)aprender um novo papel parental (Alarcão, 2008). A alteração da sua função como pais, ocorre igualmente ao nível do papel conjugal, pois nesta fase os dois têm mais espaço para investirem um no outro. Contudo, este maior tempo passado em conjunto enquanto casal não é fácil, porque ao longo de muitos anos este par sustentou a sua relação exercendo na sua maioria um papel parental. Desta forma, quando o casal se depara com um maior tempo em conjunto, podem surgir conflitos e com isso receios de interagirem e enfrentarem problemas relacionais que antes não tinham sido confrontados, sendo que quando isso ocorre o casal pode-se separar, ou pode suportar uma relação nada satisfatória, onde para mantê-la incluem um terceiro elemento que poderá ser o filho (*triangulação*) para mudarem o foco da sua ansiedade (Alarcão, 2008). A família é assim um sistema que se encontra em constante mudança, sendo que tal envolve um conjunto de transições familiares evolutivas (Minuchin, 1988), e por isso torna-se fulcral que toda a família esteja aberta a interpretar e a chegar a um acordo relativamente a todas essas transformações que vão surgindo no seu quotidiano (Molinari, Everri & Fruggeri, 2010).

Minuchin (1988; pp.108) considera “(...) a família como um sistema sociocultural aberto, enfrenta continuamente exigências de mudança.”. Através desta expressão, Minuchin (1988) refere que as alterações que ocorrem na sociedade manifestam-se na família pois, esta continuamente procura dar respostas às necessidades que vão emergindo no seu contexto. As respostas das famílias a essas necessidades podem ser de dois tipos, uma que procura amparar os seus parentes, e outra que pretende organizar-se em torno da respetiva cultura em que se encontra (Minuchin, 1988). Sendo assim, através de trocas entre o meio e a família, estas últimas acabam por, no seu dia a dia, sofrer modificações, por meio de uma adaptação às situações que foram surgindo. Esse movimento adaptativo promove o crescimento do sistema e de cada membro, mantendo assim o sistema familiar estável (Minuchin, 1988). Todavia, como já foi referido anteriormente, existem sistemas familiares que estabelecem *fronteiras* muito *rígidas* dado os seus receios perante acontecimentos novos, o que dificulta o processo

de crescimento familiar, pois este só é em grande parte possível através de trocas entre o meio e o sistema familiar (Minuchin, 1988).

Terapeuta Estrutural

Segundo Minuchin (1988), o terapeuta estrutural é um técnico ativo, no sentido em que se une à família, de forma a vivenciar e perceber as respectivas *transações* familiares, onde valoriza sempre a experiência e identidade desse sistema, mas também procura assumir uma espontaneidade que lhe é característica, trabalhando as *fronteiras* entre os *subsistemas* e partilhando tarefas entre todos os membros. Assim, o terapeuta ao se *acomodar/unir* à família avalia também as suas interações familiares, que revelam *padrões transacionais* prediletos, *coligações*, *triangulações*, *desvios de conflitos*, o tipo de *ressonância* que a família detém, a fase do *ciclo de vida* em que se encontra, bem como a forma de com o *sintoma*, do chamado *paciente identificado*, é utilizado para perpetuar os *padrões transacionais* do sistema familiar (Minuchin, 1988). A partir do momento em que o terapeuta entra no drama familiar, irão surgir reações francas que devem ser encorajadas ou facilitadas, pois essas condutas muitas vezes são congruentes com o modo de funcionar da família (Minuchin, 1988). Quando há uma associação do terapeuta à família o primeiro consegue provocar uma mudança, sendo que essa deve ser prudentemente pensada de forma a, quando aplicada na intervenção, alterar os padrões disfuncionais (Minuchin, 1988).

A confiança da família para com o terapeuta é essencial, pois a união do técnico a esse sistema vai desencadear *stress* no sistema familiar, o que conduz a família a responder de forma a preservar a sua *homeostase* familiar (Minuchin, 1988). Tendo em conta que o objetivo da terapia familiar estrutural é *reestruturar* o sistema, o terapeuta deve opor-se ao perpetuar dessa *homeostase* e desafiar as percepções criadas pelos membros, procurando sempre compreender e dar alento às inquietações da família (Minuchin, 1988). Através da perspectiva dos próprios atores da família, bem como da percepção do terapeuta acerca das interações familiares, e por isso da *flexibilidade* e capacidade que a família tem para mudar, o terapeuta diagnóstica, adquire um conhecimento subjetivo sobre os *padrões transacionais* da família e, cria o seu *mapa familiar*. O *mapa familiar*, ou *genograma* representa uma hierarquia de poder, através da forma de como os sistemas estão dispostos, onde o *subsistema parental* posiciona-se no topo do mapa, comparativamente com o *subsistema filial* (Minuchin & Lappin, 2011). Esse mapa expõe a *estrutura* familiar e a sua composição e, permite ao terapeuta formular hipóteses acerca do funcionamento familiar, para com isso realizar uma intervenção eficaz, isto é, *reestruturadora* do sistema (Minuchin, 1988). Através da

observação do *mapa*, o terapeuta apercebe-se de forma mais clara das coligações, triangulações, *alianças* e das *fronteiras* que demarcam os *subsistemas* (Minuchin, Colapinto, Minuchin, 2007). Na maioria das vezes, o primeiro *mapa* que se constrói da família não está totalmente composto, os restantes membros familiares acabam por ser considerados no *mapa familiar* ao longo do tempo, através de um trabalho colaborativo entre o terapeuta e a família (Minuchin et al., 2007). Consoante o *mapa* se vai constituindo, a família e o técnico vão entendendo a organização familiar, quem são as pessoas mais relevantes para aquele sistema, mas também qual o nível de adesão da família à intervenção (Minuchin et al., 2007). Esse mapa permite perceber as dinâmicas atuais da família, pois no mesmo encontram-se as famílias de origem, que muitas vezes acabam por explicar o modo atual de funcionamento, uma vez que esse modo de operar pode surgir como uma resposta contrária àquilo que vivenciou na sua família de origem, ou pode constituir como manutenção dos *padrões transacionais* dessa mesma família (Olson & Gorall, 2003).

Modelo Circumplexo de Olson

Considerando que toda a minha investigação se vai basear nas dimensões centrais do *Modelo Circumplexo* de David Olson, torna-se de grande relevância descrevê-lo. Essa descrição passará por uma exposição do modelo, pelas suas dimensões principais, pelos instrumentos que avaliam essas dimensões, pelas suas hipóteses, e por uma alusão à sua sensibilidade étnica e cultural.

A compreensão geral dos sistemas possibilitou a muitos terapeutas da família e do casal, o desenvolvimento de um conjunto de conceitos acerca das dinâmicas familiares e conjugais, onde se entendeu que as dimensões *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* seriam as mais pertinentes para a concretização de uma avaliação, planeamento e intervenção eficaz com famílias e casais. Desta forma, o *Modelo Circumplexo* é um diagnóstico relacional que procura o entendimento do funcionamento familiar e conjugal, considerando a dimensão *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* (Olson, 2000) (Anexo A).

Dimensão coesão

A dimensão *coesão* diz respeito ao vínculo emocional existente entre os membros da família. Quando se pretende entender o nível de *coesão* de uma família, procura-se determinar o equilíbrio que esse sistema consegue fazer entre a *união* e a *separação* (Olson, 2000). Segundo o mesmo autor, a *coesão* familiar é avaliada através de várias medidas que ajudam posteriormente a definir a dimensão, tais como o envolvimento afetivo, espaço e tempo

partilhados, *papéis*, *limites*, como e quem concebe as decisões, e se os interesses bem como os momentos de lazer são ou não partilhados com a família (Olson, 2000).

Dimensão Flexibilidade

A dimensão *flexibilidade*, outrora denominada de *adaptabilidade* (Olson & Gorall, 1995), diz respeito à capacidade das famílias estarem dispostas a alterarem a sua liderança, as suas regras, e a forma de como se relacionam uns com os outros (Olson, 2000). Esta dimensão é igualmente importante, pois todos os casais e famílias necessitam de encontrar um equilíbrio entre a *estabilidade* e a *mudança*. Assim, aquilo que distingue casais e famílias funcionais das disfuncionais é a sua aptidão para a mudança, quando as circunstâncias assim o exigem (Olson, 2000). As variáveis que permitem perceber o nível de *flexibilidade* existente numa família são a *liderança*, as *regras* e os *papéis* de cada membro na interação familiar, e a forma de como negociam (Olson, 2000). Assim, para compreender qual o nível de *flexibilidade*, deve-se procurar perceber qual o equilíbrio que a família faz entre a sua estabilidade e a sua capacidade para a mudança (Olson, 2000).

Dimensão Comunicação

A terceira dimensão do *Modelo Circumplexo*, a *comunicação*, não está representada graficamente no Modelo como as outras duas, pois é considerada uma dimensão facilitadora da *coesão* e da *flexibilidade* (Olson, 2000). De acordo com Olson e Gorall (1995), a *comunicação* é uma dimensão do modelo e, por isso não deve ser vista como tendo um papel secundário, pois é esta que muitas vezes impulsiona uma modificação na *estrutura* da família. Deste modo, deve-se entender o funcionamento familiar considerando a sua *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* (Olson & Gorall, 1995).

De forma a realizar uma avaliação precisa sobre estas dimensões, Olson e colaboradores construíram um conjunto de instrumentos, sendo que no presente trabalho só irão ser discutidos dois instrumentos, nomeadamente a *FACES (Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales) IV*, preenchido pelos membros da família, e a *Clinical Rating Scale (CRS)*, cujo preenchimento é feito pelo terapeuta, ou observador (Olson, 2011).

FACES IV

O instrumento *FACES* apresenta várias versões porém, para a presente investigação será utilizada a *FACES IV*, desta forma proceder-se-á a uma breve explicação desta recente versão. A *FACES IV* apresenta algumas alterações como a introdução de duas classificações,

de forma a conseguir perceber, de forma mais exata, os dois extremos de cada dimensão *coesão* e *flexibilidade*, como *coesão desligada* e *coesão emaranhada*, *flexibilidade rígida* e *flexibilidade caótica*, respetivamente. Nesta nova versão também foram incluídas mais duas dimensões, *comunicação* e *satisfação* (Olson, 2011). A FACES IV avalia a *coesão* e a *flexibilidade* dos sistemas conjugais e familiares, considerando duas classificações equilibradas e quatro classificações desequilibradas. Assim, este instrumento avalia o funcionamento familiar segundo cinco classificações de *coesão* e *flexibilidade*, criando 25 tipos de funcionamento familiar, em que quatro tipos de funcionamento são desequilibrados, nove apresentam um funcionamento equilibrado, e 12 tipos encontram-se num nível médio, ou seja apresentam-se equilibradas numa dimensão, mas desequilibradas noutra (Olson, 2011). Tanto a *coesão* como a *flexibilidade* equilibrada estão associadas positivamente a um modo de funcionar funcional, sendo que as quatro classificações desequilibradas estão relacionadas de forma negativa com um saudável funcionamento familiar (Olson, 2011).

Desta forma, Olson e Gorall (2006) fazem uma breve explicação sobre os tipos de funcionamento familiar, em cima explicitados. Uma família *equilibrada* revela-se bastante adaptável perante novas circunstâncias ou transições, que naturalmente desencadeiam *stress*. As *famílias rigidamente equilibradas* caracterizam-se por um elevado envolvimento emocional contudo, quando é necessário uma adaptação a uma mudança, estas revelam um funcionamento rígido perante a mesma. As famílias que se situam num nível *intermédio* de funcionamento familiar apresentam um nível moderado de *coesão* e *flexibilidade*, onde nem apresentam altos níveis de fatores de risco, nem de proteção. As famílias flexivelmente *desequilibradas* apresentam um elevado nível de *flexibilidade*, por isso apesar de revelarem um funcionamento problemático estas poderão conseguir, através da sua *flexibilidade*, alterar as suas condutas menos benéficas. As famílias *caoticamente desligadas* demonstram um funcionamento desequilibrado, dado a ausência de afetividade emocional e o seu baixo nível de *flexibilidade*, o que conduz a uma dificuldade em mudarem os seus *padrões transacionais*. Por fim, as famílias *desequilibradas* apresentam um funcionamento familiar problemático (Olson & Gorall, 2006).

Clinical Rating Scale (CRS)

No que diz respeito ao instrumento CRS, esta escala permite avaliar clinicamente as três dimensões do *Modelo Circumplexo* na família e no casal, auxilia no planeamento e intervenção (Olson, 2000) e indica, igualmente, quais as dimensões, ou as variáveis mais revelantes para trabalhar na intervenção (Olson & Gorall, 2003). É de realçar que a avaliação

através da CRS, pode ser feita quer pela observação das dinâmicas familiares, bem como por entrevistas clínicas (Olson & Gorall, 2003). Assim, conclui-se que a utilização de ambos os instrumentos, FACES IV e CRS, permitem um entendimento mais completo da *coesão* e *flexibilidade* conjugal e familiar (Olson, 2000).

A CRS compreende a dimensão *coesão* em quatro tipos de classificações da *coesão*, os dois tipos de *coesão* extremados, já explicados anteriormente, *desligada* e *emaranhada*, onde a *coesão* é bastante baixa e excessivamente elevada, respetivamente, e os dois níveis intermédios de *coesão separada* e *ligada*, na qual a *coesão* é baixa e alta mas moderada, nesta ordem (Olson, 2000). No que diz respeito às duas classificações extremadas de *coesão*, Olson (2000) refere que, ainda que não exista o melhor tipo de relacionamento, se os níveis de *coesão* se mantiverem nesses *limites* extremos durante um longo período de tempo, tal acabará por se repercutir em inúmeros problemas quer ao nível do desenvolvimento físico dos membros, como também poderá comprometer as suas relações sociais (Olson, 2000). O nível intermédio de baixa *coesão* mas moderada, ou seja *separada*, caracteriza-se por um envolvimento emocional muito escasso, onde existe alguma partilha do tempo em família. Neste tipo de famílias, algumas das decisões tomadas são partilhadas pelos membros, tais como os tempos livres e interesses são relativamente em comum com o seu sistema familiar (Olson, 2000). No nível intermédio de alta *coesão* mas moderada, isto é *ligada*, evidencia-se um envolvimento emocional e por isso uma dedicação por parte dos membros em manterem essa ligação. Em sistemas que possuem uma *coesão ligada*, é atribuída uma relativa importância à ligação familiar, em que os interesses são relativamente comuns aos da família, e o tempo em conjunto com a mesma é preferido ao tempo passado a sós (Olson, 2000). Deste modo, entende-se que os níveis extremados de *coesão* revelam um modo de funcionar problemático, sendo que nos níveis intermédios os membros familiares conseguem estabelecer um equilíbrio entre a *separação* e a *união*, isto é são famílias onde os elementos conseguem ser autónomos mas ao mesmo tempo possuem uma ligação emocional ao seu sistema familiar (Olson & Gorall, 1995).

Assim como a *coesão* apresenta quatro níveis, a *flexibilidade* também classifica as famílias em *rígida*, *estruturada*, *flexível* e *caótica*, respetivamente da mais baixa para a mais elevada *flexibilidade*. Desta forma, os níveis intermédios, *estruturada* e *flexível*, são mais propícios para um bom funcionamento familiar e conjugal, ao passo que as classificações extremadas, *rígida* e *caótica*, acabam por conduzir a maiores dificuldades, se esses tipos de funcionamento se mantiverem durante um longo período de tempo (Olson, 2000). O tipo de funcionamento *rígido* reflete a existência de uma inflexibilidade face à mudança. Neste tipo

de famílias está presente um membro que lidera e controla todas as dinâmicas familiares, sendo que a capacidade para uma negociação flexível não está presente visto que, o líder é que impõe todas as regras e decisões. Deste modo, os *papéis* e as regras são definidos, sem haver qualquer tipo de possibilidade para a sua alteração (Olson, 2000). A família *estruturada* apresenta uma distribuição dos *papéis* pelos membros e, por isso, existe alguma abertura a negociações, incluindo para com as crianças. Tendo em conta que esta família é liderada por um líder pouco democrático, as regras impostas apenas poderão sofrer algumas modificações (Olson, 2000). As famílias com um funcionamento *flexível* caracterizam-se por uma partilha da liderança ou seja, existe uma democracia relativamente à criação das regras, às tomadas de decisões e à partilha de *papéis*. Essa democracia reflete-se sob uma elevada negociação, onde é incluída de forma absoluta a opinião das crianças. Por último, as famílias que funcionam de forma *caótica* apresentam uma liderança confusa ou limitada, o que acaba por se repercutir ao nível das decisões tomadas, pois estas caracterizam-se por uma grande desordem e precipitação. Desta forma, os *papéis* de cada um estão continuamente a alternar-se e, por isso, nunca chegam a ficar esclarecidos para cada membro (Olson, 2000).

De forma a avaliar a *comunicação* familiar, o *Modelo Circumplexo* centra-se na família como um todo e através disso avalia a capacidade do membro se exprimir de forma clara, de ouvir e ser empático com os outros, e se os conteúdos trazidos para a sessão revelam uma continuidade. É também considerada nesta avaliação, a forma de como os membros respeitam a vez do outro falar e os sentimentos dos outros (Olson, 2000).

Procedimentos na aplicação da CRS

Primeiramente à aplicação da CRS, Olson (1993) propõe uma leitura detalhada sobre as dimensões que esta escala avalia, a *coesão*, a *flexibilidade* e a *comunicação*. Como já foi referido, o preenchimento desta escala pode ser feito através de uma observação das dinâmicas familiares. Para isso, podem-se criar diálogos que conduzam a determinadas questões do funcionamento familiar, por exemplo o terapeuta pode perguntar como são as rotinas familiares, de forma a entender se existem regras para a hora de dormir, questionar de que forma é aproveitado o tempo em família, quem e de que forma é que são tomadas as decisões, entre outros (Olson, 1993). Através deste diálogo e da observação da família, o terapeuta seleciona qual o nível das várias dimensões em que o sistema familiar se encontra, para posteriormente fazer a soma total para cada dimensão, o que vai indicar qual o nível do funcionamento familiar que a família demonstrou naquela sessão (Olson, 1993). É de referir que é possível encontrar relações diádicas diferentes das restantes interações estabelecidas na

família, contudo a avaliação clínica faz-se com base na família como um grupo, sendo que caso haja um ou outro membro com um papel diferente naquele sistema, pode-se descrever à parte a sua posição no sistema familiar (Olson, 1993). Por fim, Olson (1993) refere que o total da avaliação da CRS não deve ser executado com base numa mera soma de pontuações de cada dimensão, mas deve ser feita através de uma avaliação global.

Este instrumento é deveras importante, pois quando o terapeuta avalia o funcionamento familiar à luz destas três dimensões consegue orientar melhor o seu plano de intervenção, uma vez que percebe quais os aspetos que deve ou não reforçar, de forma a ir ao encontro dos objetivos propostos para as respetivas sessões de intervenção. É de referir que esses objetivos devem ser realistas pois, não é possível por exemplo, conduzir a família para um tipo de funcionamento familiar muito distinto do atual (Olson, 2000). A delineação de metas realistas e adaptadas também poderão dizer respeito a um entendimento de que, por vezes, uma família adota um tipo de funcionamento porque para ela, naquele momento, é a forma mais funcional de se adaptar a uma situação nova e stressante (Olson & Gorall, 1995).

Desta forma, os resultados da CRS permitem, no trabalho com as famílias, alterar a sua dinâmica atual, uma vez que essa está a cooperar para o perpetuar de condutas sintomáticas (Olson, 2000), considerando sempre o ciclo de vida em que a família se encontra (Michael-Tsabari & Lavee, 2012). Para além de este modelo ser útil para a avaliação, planeamento e intervenção (Olson, 2000), ele é deveras importante para a concretização de um acompanhamento avaliativo, de modo a assegurar que as mudanças efetuadas se mantenham (Olson & Gorall, 1995).

Hipóteses do Modelo Circumplexo de Olson

De forma a complementar a teoria referida anteriormente, acerca das três dimensões centrais do *Modelo Circumplexo* e dos instrumentos que a avaliam, torna-se relevante para o presente estudo compreender as hipóteses deste modelo.

O *Modelo Circumplexo* de Olson propôs seis hipóteses principais sobre os sistemas conjugais e familiares (Olson, 1993). A hipótese central deste modelo refere que as famílias que apresentam um funcionamento *equilibrado* normalmente procedem de forma mais adequada do que os sistemas *desequilibrados* (Olson & Gorall, 1995). Todavia, uma família equilibrada, por vezes também poderá adotar um funcionamento *desequilibrado*, pois um modo de funcionar *equilibrado* significa também que, de forma a se adaptar a uma situação de crise, a família está disposta a criar uma nova dinâmica no sistema familiar, que naquela fase de vida é funcional (Olson & Gorall, 2003). Olson e Gorall (2003) acreditam que, consoante a

fase de vida em que a família se encontra, as mesmas vão assumindo, de forma a se ajustar ao momento, diferentes tipos de funcionamento. Contudo, essas famílias vão acabando por demonstrar um interesse maior num determinado tipo de funcionamento do que noutra, sendo que a constante opção por um funcionamento mais extremado revela *desequilíbrios* nas dinâmicas familiares (Olson & Gorall, 2003). Essa hipótese central foi provada por mais de 250 estudos, onde se utilizou a FACES III (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales, III*) (Olson, 1996; cit. por Olson, 2000).

A etnia é um aspeto fundamental nas famílias e por isso devemos ser sensíveis à mesma e considerá-la na avaliação das dinâmicas familiares, pois o que pode parecer ser um sistema *emaranhado*, ou seja disfuncional, pode ser visto pelos membros da própria família como funcional (Olson, 2000). Assim, a segunda hipótese vai ao encontro da sensibilidade à diversidade étnica e cultural do *Modelo Circumplexo* (Olson, 2000). Essa hipótese refere que mesmo quando as famílias estão num nível extremado de funcionamento, se as expectativas da mesma, relativamente à forma de como uma família deve funcionar, coincidirem com o seu funcionamento, então esta acaba por funcionar de forma adequada (Olson & Gorall, 1995). Esta segunda hipótese remete para a questão de que não é aconselhável fazer uma avaliação precipitada do funcionamento familiar, pois essa deve ter em conta todas as dinâmicas contextuais que envolvem a família. Exemplo disso são os sistemas familiares que, dada a sua religião e etnia, acabam por possuir um conjunto de expectativas relativo ao que deve ser o seu funcionamento familiar, visto que são essas que sustentam tais funcionamentos *desequilibrados* (Olson, 2000). Neste caso, Olson (2000) refere que se podem aplicar escalas de satisfação a cada membro da família, sendo que essa escala é baseada nas dimensões do *Modelo Circumplexo*.

Quando ocorre uma situação não-normativa, como por exemplo um membro ter tido um acidente e ficado com uma perna partida, essa acaba por trazer mudanças em todas as dinâmicas familiares, pois o sistema necessita de se adaptar à nova situação (Olson, 2000). Este exemplo serve para dar a compreender ao leitor que, perante uma situação de crise, os sistemas mudam (Olson, 2000). Neste sentido, a terceira hipótese deste modelo refere que os sistemas familiares e conjugais *equilibrados* estão mais capacitados para mudarem os seus níveis de *coesão* e *flexibilidade*, pois possuem um conjunto de ferramentas que lhes possibilita responder no sentido da adaptação face a qualquer evento stressante, o mesmo não é possível nas famílias *desequilibradas* (Olson & Gorall, 1995). Esta terceira hipótese incide na natureza dinâmica do modelo, pois entende que a família, quando necessário, altera o seu modo de funcionamento (Olson & Gorall, 2003).

A quarta hipótese refere que os sistemas conjugais e familiares *equilibrados* apresentam uma melhor aptidão comunicacional do que os *desequilibrados* (Olson & Gorall, 1995).

Na quinta hipótese propõe-se que essa habilidade de comunicar possibilita que os sistemas *equilibrados* alterem os seus níveis de *flexibilidade* e de *coesão*, ao contrário dos sistemas *desequilibrados* (Olson & Gorall, 1995). Tal ocorre, pois segundo Olson e Gorall (2003) a otimização das habilidades comunicacionais promove uma melhor percepção daquilo que cada um precisa, ou gostaria. Essa expressão, daquilo que cada um sente e percebe, vai abrir caminhos para novas e melhoradas formas de relacionamento na família (Olson & Gorall, 2003).

Por fim, a última hipótese cita que os sistemas *equilibrados* conseguem modificar os seus níveis de *coesão* e *flexibilidade* para fazer face a momentos que implicam alteração e adaptação, ao contrário dos sistemas *desequilibrados* que erguem barreiras rígidas perante mudanças (Olson & Gorall, 1995). Segundo Olson (2000), tal ocorre porque as famílias e casais com um funcionamento *desequilibrado* não detêm os recursos necessários para lidar com situações novas e desconhecidas.

Sensibilidade étnica e cultural do Modelo Circumplexo

Considerando a amostra da presente investigação, onde uma das famílias é de nacionalidade cabo-verdiana, torna-se fulcral referir alguma literatura sobre a sensibilidade do *Modelo Circumplexo* à diversidade étnica. Desta forma, Woehrer (1989; cit. por Olson & Gorall, 1995) analisou vários estudos realizados sobre as minorias étnicas, como por exemplo a população afro-americana. Através da sua análise, Woehrer refere que a utilização do *Modelo Circumplexo* é bastante útil com famílias com uma diversidade étnica e cultural, pois permite perceber aquilo que é culturalmente normativo para determinados grupos étnicos e não apenas como medida de comparação com grupos de caucasianos. Woehrer (1989; cit. por Olson & Gorall, 1995) comenta que quando se utiliza este modelo deve-se incluir e entender o processo de *aculturação* para que, deste modo, não se produzam estereótipos relativamente a estes grupos. Exemplo de outro estudo é o do autor Calleja (1989; cit. por Olson & Gorall, 1995) que utilizou, na sua investigação com famílias afro-americanas, o instrumento FACES III. O estudo incluiu 56 famílias *monoparentais*, com filhos adolescentes, cujos recursos financeiros eram bastante escassos, e pretendia verificar a relação entre o funcionamento familiar, os problemas de comportamento e o *stress* familiar. Os resultados indicaram que as famílias *equilibradas* apresentam, consideravelmente, menos problemas de conduta do que as

famílias de um nível de funcionamento *intermédio*, ou *desequilibrado* (Olson & Gorall, 1995).

Famílias economicamente desfavorecidas

Trabalho não colaborativo entre os serviços de apoio

As famílias economicamente desfavorecidas são, diariamente, afetadas pela sua falta de recursos, pela carência em experiências positivas, pelo contato constante a um ambiente stressante e desafiador e pelo seu desenvolvimento limitado quer ao nível individual como familiar (Rojano, 2004). Para colmatar todas as suas necessidades, as famílias pobres encontram-se sempre envolvidas em inúmeros serviços de apoio. Todavia, esse desdobramento por parte das mesmas para conseguirem viver o dia a dia, acaba muitas vezes por não conduzir a uma mudança positiva e profunda na vida destas famílias, pois os serviços aos quais elas recorrem não comunicam entre si, ou seja não desenvolvem um trabalho colaborativo, o que dificulta a intervenção de cada um (Minuchin et al., 2007). Assim, a intervenção delineada com este tipo de famílias deverá ter em conta todas as ações realizadas pelos diversos serviços, onde é fulcral uma comunicação entre os interventores envolvidos, no sentido de se concretizar um trabalho mais eficaz. Esta articulação poderá realizar-se através de um técnico que assume o papel de coordenador, com o apoio da família, das redes formais e informais (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007). Essas redes formais dizem respeito a um conjunto de sujeitos cuja família estabelece uma relação íntima, e as relações formais são aquelas que a família estabelece com sujeitos que trabalham numa determinada instituição (Sousa, 2005). O papel deste coordenador da intervenção é crucial, pois através do contacto com os respetivos técnicos de ação e com a própria rede informal da família, percebe-se aquilo que já foi feito e aquilo que não se mostrou eficaz (Sousa et al., 2007). Entende-se deste modo que as ligações que a família possui, tanto ao nível formal como informal, são um instrumento imprescindível para a continuação de uma intervenção eficaz (Sousa, 2005). É de realçar que é de extrema importância que este coordenador mantenha um contacto frequente com as famílias, demonstrando disponibilidade e perseverança ao longo de todo o processo (Sousa et al., 2007).

Para além desta intervenção fragmentada, existe ainda um outro aspeto que dificulta a ação destes sistemas de apoio, que se trata do facto de muitas vezes estes serviços perceberem o indivíduo como um ser individual, repleto de problemas que necessitam de ser extintos, sem considerar as relações do mesmo, bem como os recursos do sujeito e da família (Minuchin et

al., 2007), ou seja, não existe uma concepção de que os vários sistemas estão em relação e que uma parte do sistema pode perturbar outras partes (McNeil, Herschberger & Nedela, 2013). Assim, quando trabalhamos com o sistema familiar, estamos também a modificar o contexto onde ela está inserida, por isso torna-se essencial a concretização de um trabalho com as famílias mas também com os sistemas com os quais elas estão envolvidas (McNeil et al., 2013).

Visão sistémica e abordagem centrada na família, junto de famílias pobres

Considerando a atual crise económica, torna-se oportuno compreender a formas de como os serviços que trabalham com famílias pobres se podem reestruturar, de modo a fornecer uma resposta o mais sensível e benévola possível (Minuchin et al., 2007). Segundo Minuchin et al. (2007), através de uma visão sistémica e sob uma abordagem centrada na família poder-se-á responder a este tipo de população.

A visão sistémica permite compreender o indivíduo de uma forma mais completa ou seja, percebê-lo como um ser que se encontra em constante relação e ligação com os que lhe rodeiam, o que conduz a uma intervenção mais construtiva, pois esta terá em conta toda a rede do indivíduo, tais como o ambiente onde o sujeito vive, as relações que ele estabelece com a família, amigos e serviços de apoio existentes na comunidade, bem como que recursos intrínsecos, ou extrínsecos da comunidade este sujeito possui. Deste modo, é perceptível que uma perspetiva sistémica possibilita um entendimento de que algo que parece particular é bastante complexo, pois um dado aspeto que parece algo relativo e individual revela uma elevada complexidade e um conjunto de ligações com diversos outros sistemas, onde o sujeito está inserido (Minuchin et al., 2007). Esta visão sistémica permite assim uma maior organização na prestação dos vários serviços requeridos, pois ao considerar o sujeito inserido em vários *subsistemas*, percebe-se que esses se encontram relacionados e que se afetam mutuamente, onde as alterações ou a constância vão surgindo, sendo que por isso não faz sentido que cada serviço atue de forma isolada, pois apenas através de um trabalho colaborativo é possível compreender de forma mais completa a problemática do sujeito e/ou da família (Minuchin et al., 2007).

Compreender a história individual, ou tentar solucionar os problemas do sujeito, sem perceber toda a dinâmica da sua rede familiar, é redutor. Neste sentido, Minuchin et al. (2007), aludem para uma abordagem centrada na família, uma vez que a família trata-se igualmente de um conjunto de pessoas, que tal como os *sistemas* e *subsistemas*, têm uma *estrutura, fronteiras e padrões* que os caracterizam. Contudo, o entendimento da *estrutura e*

do funcionamento familiar não é suficiente para uma intervenção baseada numa abordagem familiar, essa atuação deve também passar pela compreensão do ciclo de vida em que a família se encontra (Minuchin et al., 2007).

O *ciclo vital da família* corresponde a uma sucessão de transformações na organização familiar, de acordo com um conjunto de tarefas que definem cada etapa. Essas tarefas podem estar relacionadas com as variáveis individuais de cada membro, mas também está associado à pressão externa para o cumprimento de certas funções com a finalidade de preservar a funcionalidade do sistema (Relvas, 1996). A compreensão de que a família poderá estar a vivenciar a entrada para uma nova fase, facultará ao técnico uma sensibilidade à respetiva organização familiar, que é responsiva a uma dada transição familiar. Esta sensibilidade conduz o técnico a uma compreensão da repercussão que essa nova fase tem na organização familiar, pois as famílias vão avançando e alterando os seus padrões, consoante as circunstâncias assim o exigam (Minuchin et al., 2007).

Cada família caracteriza-se pelo seu *padrão* familiar específico, sendo que aquilo que seria o mais adequado é que este fosse flexível e consistente perante alguma adversidade que requeresse uma alteração nesse mesmo *padrão*. Desta forma todos os sistemas sofrem mudanças e crescem, por isso essas modificações deverão refletir-se ao nível dos *padrões transacionais*, pois caso não se consiga ajustar os respetivos *padrões* às mudanças, tal poderá conduzir a condutas bastante conflituosas e pouco adequadas. Esses conflitos surgem porque a família está a utilizar *padrões* recorrentes que até poderão oferecer um certo equilíbrio, mas que se revelará disfuncional, pois o facto de não ser ajustável à situação promove divergências. Assim, Minuchin et al. (2007) referem a necessidade de, através de um processo árduo, as famílias procurarem um equilíbrio entre os seus padrões habituais e aqueles que são construídos perante a nova realidade construída nas sessões.

As famílias que se organizam sob a forma de padrões rígidos, ou seja que não procuram arranjar diferentes maneiras de lidar com novas situações, não permitem uma adaptação e mudança. Neste tipo de famílias deve-se procurar desenvolver uma intervenção onde um dos aspetos a explorar é a procura de novas trajetórias que sejam mais benéficas para o sistema (Minuchin et al., 2007). Este processo traz subjacente uma esperança de que a família nutre de uma capacidade de agir sob forma de padrões diferentes dos habituais, e por isso a condução da intervenção para novas formas de interação. Novamente, a exploração dessas novas formas de relação vão trazer no início alguma confusão natural, pois trata-se de experimentar diferentes formas de interação e de expressão emocional (Minuchin et al. (2007), mas cuja introdução de *stress*, quando pela via terapêutica, permite perceber a força latente que o

sistema familiar possui (Whitaker, 1989; cit. por Sousa & Ribeiro, 2005). A exploração de novas formas de interação conduz assim, a uma alteração ou melhoria na aptidão da família para a resolução dos conflitos, direcionando-se na concretização de um funcionamento mais funcional (Minuchin et al., 2007).

A importância de uma intervenção sistêmica, voltada para as competências, com as famílias pobres

Uma intervenção torna-se mais eficaz quando o olhar do técnico considera a *estrutura* familiar, o contexto onde a mesma está inserido, a forma de como as transições e o respetivo crescimento são vivenciadas na família, e as suas competências (Minuchin et al., 2007). Segundo McNeil et al. (2013) a pobreza traz uma descrença a todas as famílias, sendo que essa é mantida pela sua percepção de que não têm capacidade para se fazerem ouvir ou agir, e por isso acabam por não conseguir solucionar os seus problemas.

O enfoque nas competências tem-se revelado um excelente instrumento de intervenção (Sousa & Ribeiro, 2005). Todas as famílias têm competências, contudo as capacidades das famílias pobres muitas vezes encontram-se bloqueadas em dinâmicas familiares que se foram criando ao longo dos anos e que promovem um equilíbrio familiar, mesmo que disfuncional, que dá a ideia de estarem seguros e por isso mantêm o seu modo de funcionamento (Sousa et al., 2007).

Na intervenção com famílias pobres o reconhecimento das competências torna-se ainda mais fulcral dado o descrédito que sentem em relação a si enquanto sistema e membros individuais. Essa falta de crença em relação às suas competências deve-se em parte às relações precárias que foram estabelecendo, sendo que por sua vez essas vão refletir-se nas interações familiares ao nível da falta de delimitação de *fronteiras*, ou na dificuldade de resolução de conflitos (Minuchin et al., 2007). Através destas relações negativas, as famílias foram criando uma percepção muito negativa delas próprias e uma conceção sobre o trabalho dos serviços sociais de apoio muito ineficaz e insensível (Minuchin et al., 2007). O reconhecimento dos pontos fortes da família, considerando o sistema e cada membro individualmente, promove uma consciência de que os próprios têm competências que poderão utilizar na relação com os seus pares e com os serviços de apoio, o que conduz a uma identificação ativa das famílias no reconhecimento dos seus problemas, e por isso na sua solução (Minuchin et al., 2007), e não apenas em se cingir em responder às demandas dos técnicos, ou ficar dependente de uma ajuda assistencialista (Sousa et al., 2007).

Não obstante a importância da valorização das competências da família, muitas vezes essa não é suficiente, é necessário também um trabalho de compreensão e gestão das suas emoções, pois essas quando não são percebidas nem geridas podem afetar a intervenção (Sousa et al., 2007). Desta forma, poder-se-á ressaltar que a intervenção com famílias pobres recai muito sobre a valorização das suas competências, sobre o trabalho colaborativo com outros sistemas e sobre a exploração de novas formas de interação, o que possibilita a criação de uma nova visão por parte da família sobre as suas próprias capacidades, e conduz ao surgimento de diferentes comportamentos (Minuchin et al., 2007).

Contudo, apesar da importância da capacitação e do reconhecimento das competências da família, todo esse processo de valorização torna-se bastante confuso para as famílias pobres, pois estas não se percebem como competentes e não estão habituadas a ter um papel tão ativo, porque apenas procuram uma resposta imediata dos serviços de apoio, onde aceitam e preferem que sejam os próprios técnicos a resolverem de forma imediata as suas necessidades (Minuchin et al., 2007). Muitas vezes, esta perspectiva das famílias pobres conduz a desentendimentos sobre aquilo que a família e o técnico consideram que é mais relevante solucionar (Sousa et al., 2007). De forma a desconstruir esta imagem de que os técnicos são especialistas, Minuchin et al. (2007) realçam a importância do estabelecimento de uma *aliança terapêutica*.

A importância do estabelecimento de uma aliança terapêutica, no trabalho com famílias pobres

Uma família pobre encontra-se num *oco* social, onde não existe a disponibilização de apoios, ou se existe esse é controlado por um técnico especialista, em que a família sente que não tem voz na intervenção, o que promove na família uma desesperança e um descrédito para participarem e atuarem na mesma (Rojano, 2004). Assim, a valorização e a consideração do sistema familiar é essencial ao longo da intervenção, pois possibilita a construção de uma *aliança terapêutica* entre o técnico e a família, fulcral para todo o processo interventivo (Minuchin et al., 2007). Segundo Dore e Alexander (1996; cit. por Sousa et al., 2007) quando se planeia uma intervenção para famílias pobres, deve-se conseguir motivar a família no início do percurso mas também ao longo do processo interventivo, de forma a conseguir que os membros permaneçam durante toda intervenção. Considerando que a motivação passa pela confiança e pela relação que a família e o técnico estabelecem, torna-se essencial a criação de uma *aliança terapêutica*, que se fomenta através da disponibilidade a todo o momento e em qualquer espaço (Sousa et al., 2007), na demonstração de respeito pelos pontos de vista que a

família partilha, no reconhecimento de toda a força que essas famílias foram demonstrando e na procura de soluções em vez do foco no negativo (Minuchin et al., 2007). Desta forma, a família sente-se ouvida, compreendida e por isso motivada a colaborar na intervenção (Minuchin et al., 2007).

A participação das famílias é crucial, pois os técnicos sozinhos não conseguem realizar uma intervenção com resultados efetivos, uma vez que as mesmas são o maior e melhor recurso para uma intervenção (Minuchin et al., 2007). Esta sensibilidade e respeito pela participação da família e pelos seus valores são importantes quando se trabalha com as mesmas no seu contexto habitacional. Isto porque apesar do trabalho com famílias nas suas casas possuir vantagens como a própria família se sentir mais incentivada, essa motivação só será impulsionada se houver uma perceção, por parte das mesmas, de que os técnicos estão dispostos a entender e aceitar os seus estilos de vida, necessidades e comportamentos (Minuchin et al. 2007)

Muitas vezes as condutas que as famílias pobres revelam estão relacionadas com os seus poucos recursos financeiros. Desta forma, é essencial uma sensibilidade, por parte dos profissionais, à diversidade de sujeitos e famílias com quem poderão vir a intervir (Minuchin et al. 2007). Johnson, Wright e Ketring (2002) realizaram um estudo onde pretendiam verificar se existia uma associação positiva entre a *aliança terapêutica* e mudanças dos *sintomas*, nas interações entre os membros e na forma de como a família conseguia enfrentar e arranjar soluções para os seus problemas. A amostra era constituída por participantes de condição socioeconómica baixa, encaminhados para participarem numa intervenção familiar em casa, por uma clínica universitária. Este estudo permitiu perceber que a *aliança terapêutica* explica muitas das mudanças que as famílias efetuam, e que o tratamento no próprio domicílio da família era visto pelos técnicos e pelas próprias como mais fluído e menos angustiante, o que facilitou uma *aliança terapêutica* mais positiva (Johnson et al., 2002).

Segundo Sousa et al. (2007) a sensibilidade do terapeuta às condições económicas de cada família permite que os mesmos percebam que, muitas vezes, as famílias necessitam primeiro que lhes satisfaçam as suas necessidades mais instrumentais, pois a supressão dessas mesmas faz com que as famílias se sintam mais aliviadas e livres em termos físicos, emocionais, e de tempo. Enquanto essas necessidades instrumentais persistirem, estas famílias encontram-se numa angústia constante e, por isso não conseguem estar disponíveis para intervenções que promovam mudanças mais profundas (Sousa et al., 2007). Porém, Summers, McMann e Fuger (1997) chamam à atenção para o foco das famílias em quererem resolver de

imediatos os seus problemas instrumentais, pois para estes autores essa necessidade poderá estar relacionada com obstáculos reais, mas também poderá ser uma tentativa de evitar lidar com problemas internos familiares, cujo confronto com os mesmos acaba por suscitar maior dor (Summers, et al., 1997).

Relativamente ao finalizar do processo interventivo, esse provocará um certo receio e desalento, normal a qualquer mudança, contudo cabe ao técnico demonstrar à família que a intervenção trata-se de um processo que se concretiza durante um período de tempo, e que caso se torne necessário serão realizadas uma ou duas sessões de acompanhamento *follow-up*, de forma a facilitar uma mudança mais consistente (Minuchin et al., 2007).

Alcoolismo na família - Visão sistémica

O alcoolismo sob forma de padrão transgeracional

A família é o primeiro modelo de socialização com que as crianças e os adolescentes convivem (Schenker & Minayo, 2003). Este sistema constitui assim o principal promotor e preventor de condutas de risco nos jovens, pois as atitudes das figuras parentais face às drogas e o seu próprio consumo podem reforçar, aligeirar, ou modelar o jovem para o consumo excessivo de álcool (Diez, 1998).

Steinglass (1977; cit. por Trindade & Bucher-Maluschke, 2008) entende a família como resultado de um jogo interativo entre o processo de manutenção do funcionamento familiar, e o processo de crescimento e modificação desse mesmo sistema. A adolescência é uma fase de vida onde o jovem começa a definir a sua identidade e a construir o seu sistema de valores onde procura autonomizar-se e diferenciar-se em relação à sua família, sendo que para isso ele vai incorporando certas condutas, normas e valores através do meio *intra* e *extrafamiliar* (Moreno, Ventura & Brêtas, 2009). Considerando que a família é um importante sistema de socialização, o estabelecimento de vínculos saudáveis entre os membros, bem como a transmissão de regras sociais nesta fase de vida é deveras importante. Contudo, existem famílias ditas disfuncionais, que transmitem regras e valores desviantes através do seu próprio modelo de comportamento (Schenker & Minayo, 2003).

Relativamente à modelagem dos filhos para com os pais, verifica-se que a dependência química está diretamente relacionada com o consumo de álcool e com a sua regularidade (Weiner, 1995). Diez (1998) realizou um estudo onde pretendia perceber a relação entre o consumo de álcool nos adolescentes e as variáveis psicossociais, como o consumo de bebidas alcoólicas por parte dos membros da família e o modelo educativo dos

pais. Neste estudo, o autor constatou que os adolescentes que mais consumiam pertenciam a famílias onde era habitual a ingestão excessiva de álcool. Tal ocorria porque esse consumo tornava-se banal perante os membros familiares, o que conduzia mais facilmente à dependência química por parte do adolescente, sendo que este não tinha controlo sobre o que bebia uma vez que a moderação nunca foi mostrada, ou inculcada por parte das figuras parentais (Diez, 1998).

O perpetuar de condutas em torno do álcool no sistema familiar revela igualmente uma lealdade perante este tipo de *padrão transgeracional*, mantido através de rotinas, normas e convicções por parte dos membros familiares (Ortha & Moréb, 2008), onde de forma interativa e dinâmica sugestionam aquilo que se espera de cada elemento (Penso, Costa & Sudbrack, 2008). O *padrão transgeracional* que faz manter o álcool na família de geração em geração, torna comum o relacionamento de uma filha de um pai alcoólico com um marido alcoólico, a este *padrão* as autoras Trindade e Bucher-Maluschke (2008) referem que é uma forma de manter a *identidade alcoólica* da sua família de origem, onde a escolha do par conjugal serve como forma de preservar essa *identidade*. As mesmas autoras definem *identidade alcoólica* como um conjunto de perspetivas e ideias partilhadas que a família foi construindo relativamente a si e à sua relação com o meio, noções essas que são transmitidas através de atos e valores. Assim, é possível realçar que neste tipo de famílias, onde aquilo que norteia o seu funcionamento é o álcool, todo o seu potencial se vai organizar em torno do mesmo (Trindade & Bucher-Maluschke, 2008). Silva (2003) refere igualmente que neste tipo de famílias, os pais não conseguem assumir um papel de liderança na família, sendo que esse acaba por ser cumprido por outros membros familiares, o que conduz a uma ausência de clareza na forma de como a família está organizada. A mesma autora acrescenta que estes sistemas caracterizam-se por uma grande instabilidade e receios, pois os membros sóbrios da família estão sempre à espera de que o elemento alcoólico crie conflitos sobre algo, ou com alguém.

É de referir que outro dos fatores que possibilita esta modelagem no sistema familiar refere-se ao facto do álcool ser uma substância que facilmente se encontra na maioria das casas (Nuño-Gutiérrez & González-Fortaleza, 2004), mas também porque o seu consumo está bastante associado a situações de festas e momentos de alegria e prazer, o que acaba por conduzir a um perpetuar do consumo excessivo ao longo das gerações (Lourenço & Fernandes, 2011).

O alcoolismo como sintoma

A visão sistêmica oferece uma nova perspectiva, pois a mesma expõe que todos os membros familiares têm um papel na forma de como a mesma funciona, de como os elementos interagem entre si, e no modo de como o *sintoma* surge (Bowen, 1974; cit. por Trindade & Bucher-Maluschke, 2008).

Schor (1996; cit. por Schenker & Minayo, 2005), refere que apesar da forte influência do consumo de álcool dos pais, mantido de geração em geração, outro grande fator que afeta a dependência química na adolescência é relativo aos *padrões transacionais* existentes na família que deixam irromper o *sintoma*. Leonard e Eiden (2007) acrescentam ainda que o transtorno alcoólico no sistema familiar está relacionado com a sua *estrutura* e com a possibilidade da família ter de realizar uma transição para uma *estrutura* familiar diferente.

O período da adolescência surge como uma nova etapa do ciclo vital da família, e por isso torna-se imprescindível novas formas de relação em todos os *subsistemas* familiares. Na fase da adolescência, o jovem procura firmar a sua identidade, diferenciar-se e autonomizar-se em relação à sua família (Sudbrack, 2003), sendo que para isso é necessário um conjunto de negociações e mudanças na relação entre pais e filhos, e entre o casal (Schenker & Minayo, 2003). Esta transição torna possível o surgimento de comportamentos de adição (Sudbrack, 2003), pois quando o funcionamento familiar se caracteriza como rígido o jovem sente-se num impasse, pois por um lado ele sente dor em se separar dos pais, mas por outro quer construir outro tipo de relações e tornar-se mais independente (Penso & Sudbrack, 2004). O adolescente vê-se assim sobrecarregado, sem possibilidade de crescer e de se autonomizar, o que conduz a uma procura de distração através de condutas de risco como a adição (Penso & Sudbrack, 2004), de forma a “*resolver o conflito entre separar e pertencer*” (Penso & Sudbrack, 2004; pp.48) e de adquirir desta forma uma *pseudo-independência* (Stanton, 1978; cit. por Sudbrack, 2003).

Desta forma, a adição surge como uma tentativa de desfocalizar do problema existente na *estrutura* e no funcionamento familiar, criando uma aparência de estabilidade do sistema familiar (Ortha e Moréb, 2008). O consumo de drogas por parte do adolescente torna-se deste modo o *sintoma*, que tem uma função *homeostática* uma vez que apesar de indicar que alguma coisa de errado se passa na família, esta última mantém os mesmos *padrões* relacionais intrafamiliares (Sudbrack, 2003). A conservação desses *padrões* é deveras importante para este tipo de famílias, e por isso as mesmas preferem uma solução menos sofredora através do álcool, pois é mais fácil lidar com a dependência química do seu membro familiar do que com a sua separação, visto que esta última revela-se como ameaça destrutiva

do sistema familiar (Mowatt, 1988; cit. por Trindade & Bucher-Maluschke, 2008). Desta forma, é possível constatar que o *sintoma* de dependência química irrompe dado a falta de *flexibilidade* do sistema familiar perante novas situações geradoras de *stress* (Paz & Colossi, 2013), onde o jovem implora por mudanças funcionais em termos de regras e de *limites* que tragam algum equilíbrio e controlo numa fase tão pouco estável (Sudbrack, 2001). A dependência química assume assim o papel de *sintoma*, conservador da *homeostase* familiar, que ofusca o real problema familiar e mantém o seu funcionamento *rígido* ou *caótico*, mas conservadora de uma conduta de adição (Ortha & Moréb, 2008).

Ortha e Moréb (2008) referem ainda que as famílias dos sujeitos com problemas de adição acabam por preferir estabelecer relações externas do seu mundo familiar. Não obstante esta tendência para preferir relações com amigos, Sudbrack (2004; cit. por Ortha & Moréb, 2008) chama à atenção para o facto das mães de adictos estabelecerem relações fusionais com os seus filhos. Kaufman (1985; cit. por Sudbrack, 2003) acrescenta referindo que muitos dos sistemas familiares onde existem problemas de adição encontra-se um adolescente masculino triangulado devido a um conflito entre o casal, onde o mesmo possui uma relação *emaranhada* com a sua figura materna. Neste caso, a droga serve como uma forma de retirar o seu prazer e independência (Stanton, 1978; cit. por Sudbrack, 2003), mantendo-se fiel à mãe (Sudbrack, 2003).

Bowen (1974; cit. por Trindade & Bucher-Maluschke, 2008) refere que ao modificar as relações existentes entre os membros da família, a dependência química é atenuada mesmo que o próprio alcoólico não participe na intervenção. Estas famílias caracterizam-se pela sua rigidez em termos de *flexibilidade*, com o intuito de manter o seu *status quo*, mas quando na intervenção familiar o terapeuta desafia esse ou seja, quando as famílias são direccionadas para fazerem frente a situações novas geradoras de *stress*, elas conseguem ultrapassar as fases de transição do ciclo de vida familiar com sucesso (Penso, Costa & Sudbrack, 2008).

Fatores de proteção e de risco para o alcoolismo na adolescência

Vários autores dedicaram-se em compreender quais os fatores de proteção e de risco para o consumo excessivo de álcool nos adolescentes. Entende-se por fatores de proteção aqueles que oferecem suporte para um crescimento favorável (Schenker & Minayo, 2005). Os fatores de risco são percebidos como condutas que constroem um desenvolvimento saudável (Schenker & Minayo, 2005). As mesmas autoras procuraram constatar a influência que a família exerce para o transtorno de alcoolismo nos adolescentes, sendo que perceberam um conjunto de fatores de proteção e de risco para esse consumo excessivo.

Os fatores de proteção recaem na existência de uma relação forte entre pais e filhos, no estabelecimento de *limites* e regras claras, no suporte e na consideração pelas decisões e comportamentos de todos os membros, na negociação, supervisão e no incentivo ao diálogo (Schenker & Minayo, 2005). A importância da existência de comunicação na família é bastante apoiada pela literatura, segundo Pratta e Santos (2006) o diálogo facilita orientação dos jovens sobre vários assuntos, bem como promove um clima de tranquilidade e de satisfação na família. Uma vez que o consumo do álcool está associado às dinâmicas familiares assim como às variáveis individuais como a autoestima (Diez, 1998), um ambiente familiar em que não haja comunicação e compreensão perturba a segurança que o jovem sente em relação a si (Pratta & Santos, 2006). Diez (1998) acrescenta ainda como fator de proteção a aceitação, o reconhecimento e a segurança na relação com os pais, pois essa segurança e sentimento de pertença à sua família, faz com que o jovem não procure de forma dissimulada a aceitação de outros.

As autoras Ortha e Moréb (2008) referem como fatores de risco a ausência de uma relação afetiva, ou uma relação afetiva excessiva, uma disciplina rígida, ou uma excessiva condescendência, pois este tipo de dinâmicas conduz a uma não definição, ou a uma rigidez dos *limites* e regras da *estrutura* e do funcionamento familiar. As faltas de respeito, as rejeições, os castigos e a carência de suporte afetivo e compreensão estão também relacionados positivamente com o consumo excessivo de álcool por parte dos adolescentes (Diez, 1998). Considera-se também como fatores de risco a pobreza, e o facto de fazer parte de minorias étnica-culturais, pois estas estão sujeitas diariamente à discriminação e ao racismo, o que conduz aos jovens e adultos na procura de uma saída pautada por condutas de risco (Gaspar, Gonçalves, Ramos & Matos, 2006).

Desta forma, a perspectiva sistémica quebra assim um pensamento linear de causa e efeito (Trindade & Bucher-Maluschke, 2008), pois percebe o problema de alcoolismo como um *padrão transgeracional* e/ou como um *sintoma*, onde a pessoa alcoólica deixa de ser vista como tendo um papel negativo no sistema familiar, para passar a ser o ator principal de mudanças essenciais para o crescimento do mesmo (Sudbrack, 2003), porque no fundo este membro apenas está a “*protagonizar a angústia colectiva*” (Trindade & Bucher-Maluschke, 2008; pp.169) do sistema familiar, de forma a provocar e a modificar as relações existentes na sua família (Sudbrack, 2001).

O objetivo da presente investigação é avaliar a intervenção realizada no contexto do projeto ORIENTA.TE. Assim, a hipótese geral deste estudo é que a intervenção concretizada

de nove e treze sessões com cada uma das famílias, tornará o funcionamento das respetivas mais funcional, seja ao nível da *coesão*, *flexibilidade* como da *comunicação*.

MÉTODO

Participantes

Para a presente investigação participaram duas famílias com residência em São Domingos de Rana, no concelho de Cascais. A Família 1 é constituída por três membros, uma mãe e dois filhos, de nacionalidade cabo-verdiana. A Família 2 é formada por dois membros, uma mãe e uma filha, de nacionalidade portuguesa. A idade das figuras parentais situa-se entre os 47 e os 56 anos, sendo que todas são do sexo feminino. As habilitações literárias destas mães correspondem ao quarto ano de escolaridade, sendo que ambas têm uma condição económica bastante precária. A idade dos jovens encontra-se entre os 12 e os 22 anos, onde dois são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Relativamente às habilitações literárias destes jovens, dois não concluíram o ensino obrigatório e a mais nova está a terminar o 7º ano.

Instrumentos

Para a concretização do presente estudo utilizou-se os seguintes instrumentos:

Guião da Entrevista

O guião de entrevista foi construído considerando os itens do FACES IV (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales, IV*) (Gouveia-Pereira, Gomes, Martins, Miranda & Coutinho, 2015), baseando-se no *Modelo Circumplexo*, o que oferece uma compreensão das dinâmicas familiares e conjugais, pois este instrumento procura aceder às dimensões *coesão*, *flexibilidade*, *comunicação* e *satisfação* da família e do casal. Considerando que cada membro familiar ocupa um determinado papel no seu sistema familiar e de que esse está relacionado com o seu posicionamento no sistema, foram utilizadas duas versões deste guião, um para os adultos e outro para os jovens (Anexo B).

Para compreender a dimensão *coesão*, este guião é constituído por um conjunto de questões tais como: “*Na família costumam envolver-se nos problemas dos outros...Em todos?...Como?*”; “*Fale-me/Fala-me um pouco da relação com os seus filhos/com os teus*

pais.”; “Diria/Dirias que se dá/que te dá melhor com pessoas fora da sua/tua casa ou não precisa/precisas de pessoas especiais fora de casa?...Porquê?...Quem?”.

Para compreender a dimensão *flexibilidade*, o guião é composto igualmente por um conjunto de questões que a remetem, tais como: “Quando há uma mudança na rotina que costumam ter, como é que a sua/tua família reage?”; “Quando é preciso tomar decisões quem decide?...Porquê?”; “Acha que é claro e fácil de perceber as consequências que podem acontecer quando alguém da sua/tua família faz algo de errado?”.

No que diz respeito à dimensão *comunicação*, este guião é formado por um conjunto de questões que remetem para a sua compreensão, tais como: “Se quisesse classificar a comunicação da sua/tua família, como a classificaria/classificarias?...Porquê?”; “Quando conversam em família há espaço para partilhar sentimentos?”; “Todos ouvem o que os outros têm a dizer?”.

Para compreender de que forma as respetivas famílias estão satisfeitas com as mudanças alcançadas, foram também realizadas as seguintes questões: “Em que é que este processo que iniciámos todos juntos, vos ajudou?”; “Como se sente agora?”; “Sentes que tem havido mudanças em ti?...Quais?”.

A fim de que seja realizada uma leitura e interpretação da entrevista com os mesmos níveis e dimensões da *Clinical Rating Scale* (CRS), a entrevista vai ser analisada segundo quatro níveis para as dimensões *coesão* e *flexibilidade*, ou seja, de acordo com a *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales, III* (FACES III) (Olson, 1986; cit. por Olson, 2000). No que diz respeito às dimensões *comunicação* e *satisfação*, estas serão analisadas de acordo com o FACES IV (Olson, 2011). Da mesma forma, para se poder interpretar os dados das entrevistas com os resultados da CRS, os níveis de cada dimensão são subdivididos. A dimensão *coesão* divide-se em *desligada* (nível 1 e 2); *separada* (nível 3 e 4); *ligada* (nível 5 e 6); *emaranhada* (nível 7 e 8). Os níveis da dimensão *flexibilidade* são a *rígida* (nível 1 e 2); *estruturada* (nível 3 e 4); *flexível* (nível 5 e 6); *caótica* (nível 7 e 8). Nestas duas dimensões, os níveis considerados funcionais são os 4 e 5, sendo que quanto mais os níveis se aproximarem dos extremos mais disfuncionais são (Olson, 2000).

Clinical Rating Scale (CRS)

A CRS é um instrumento que avalia clinicamente as três dimensões do *Modelo Circumplexo* dos sistemas conjugais e familiares, sob a forma de observação das dinâmicas existentes nos mesmos (Olson & Gorall, 2003). Este instrumento foi desenvolvido pelo autor

David Olson (1990; cit. por Olson, 2000), e validado pelos autores Thomas e Olson (1993; cit. por Olson, 2000).

A CRS (Anexo C) avalia a dimensão *coesão* através de um contínuo de oito níveis, como a *desligada* (nível 1 e 2); *separada* (nível 3 e 4); *ligada* (nível 5 e 6); *emaranhada* (nível 7 e 8). A compreensão do nível da dimensão *coesão* em que a família e/ou o casal se encontra faz-se através da avaliação do *laço familiar*; *envolvimento familiar*; *relação conjugal*; *relação entre pais-filhos*; *fronteiras internas*, relativamente ao espaço e tempo que cada membro possui em relação à sua família, bem como a forma de como são tomadas as decisões; *fronteiras externas*, nomeadamente avaliar se existe preferência pelo tempo passado com os amigos e/ou com a família; e se os interesses são ou não comuns aos do sistema familiar.

A dimensão *flexibilidade* subdivide-se em *rígida* (nível 1 e 2); *estruturada* (nível 3 e 4); *flexível* (nível 5 e 6); *caótica* (nível 7 e 8). As variáveis que permitem perceber o nível de *flexibilidade* existente num sistema familiar e/ou *subsistema conjugal* são a *liderança*; *disciplina*; *negociação*; *papéis* exercidos; e as *regras*.

A avaliação da dimensão *comunicação* considera a *empatia* e a *audição atenta dos ouvintes*; a capacidade dos *oradores falarem pelo próprio*; a capacidade de se *colocar no lugar do outro*; *interrupções*; *revelações pessoais*, ou seja a forma de como expressam e expõem os seus sentimentos; *clareza e continuidade do discurso*; *respeito e consideração pelas mensagens e sentimentos transmitidos pelos outros membros familiares* (Olson, 1993).

Procedimento

O projeto ORIENTA.TE SDR E5G tem como visão “*Jovens felizes e capacitados para agir*”, sendo que para isso a sua missão consiste na realização dos sonhos e objetivos dos jovens participantes. A concretização desse seu objetivo torna-se possível através de um conjunto de atividades que o projeto disponibiliza, como acompanhamentos individuais, atividades lúdico-pedagógicas e intervenções familiares.

O projeto inicia uma intervenção familiar quando há um pedido por parte do jovem (participante do projeto) em ser acompanhado juntamente com a família, ou quando a técnica que está a intervir individualmente com o mesmo percebe que a concretização do objetivo pessoal do jovem seria facilitada com uma intervenção familiar, pois muitas das vezes a sua dinâmica disfuncional não permite a autonomização e diferenciação dos jovens, o que limita a concretização dos seus objetivos.

No âmbito da presente investigação, o acompanhamento com as duas famílias foi iniciado sob forma de responder a um pedido por parte dos três jovens, para trabalhar com as suas famílias disfuncionalidades relacionais. Perante o pedido dos mesmos, foi-lhes proposto que o jovem e a sua família iniciassem uma intervenção familiar. Uma vez assentido pelo jovem, a técnica contactou a família do mesmo para iniciar a primeira sessão, onde lhes era explicado o trabalho que o projeto desenvolvia, o seu objetivo para a respetiva sessão, para com isso perceber se a família estaria disposta e disponível a ser acompanhada. As duas famílias concordaram em participar numa intervenção familiar, em que por isso na primeira sessão foram planeadas a regularidade das sessões, sendo que as primeiras três seriam semanais, e as restantes efetuadas quinzenalmente. Considerando a disponibilidade e as necessidades das famílias, as técnicas estiveram dispostas a serem flexíveis relativamente a essas datas, sendo que muitas das sessões marcadas tiveram de ser reagendadas.

As técnicas de intervenção iniciaram as sessões considerando que apesar de ter sido o jovem a apresentar o *sintoma*, o mesmo era um mero representante de uma disfuncionalidade familiar e por isso teve-se em conta todo o sistema e os seus *padrões transacionais* (Minuchin & Fishman, 2003). Através das primeiras informações sobre a família, elaborou-se uma conceção do funcionamento e da *estrutura* familiar, o que permitiu criar um conjunto de hipóteses sistémicas, que não é mais do que uma forma de diagnóstico da *estrutura* e do funcionamento familiar que orienta toda a intervenção. Esse conjunto de hipóteses era reformulado à medida que a intervenção se ia desenvolvendo (Minuchin & Fishman, 2003).

Quando se inicia uma intervenção familiar existe no espaço da terapia duas realidades, a da família e a que se vai criar no quadro da terapia. Considerando que a família procura manter a sua *homeostase* e que por isso a mesma vai adotar um funcionamento rígido perante uma nova realidade, procurou-se desde logo estabelecer uma *aliança terapêutica* com a respetiva família. Estabelecida a importante *aliança* nas sessões iniciais, procurou-se dar a entender à família de que a sua realidade se estava a tornar disfuncional, e que por isso não estava a possibilitar um crescimento e desenvolvimento saudável dos membros do sistema familiar. As técnicas perceberam assim que a realidade criada pela família teria de ser *reenquadrada* sob uma outra construída em terapia (Minuchin & Fishman, 2003). A técnica *reenquadramento* foi facilitada pela utilização de técnicas como a *focalização*, *encenação*, *intensidade da mensagem terapêutica* e a *reestruturação* (Minuchin & Fishman, 2003). A técnica *focalização* foi utilizada por exemplo para estabelecer um foco numa dada dinâmica transacional, ou para centrar nas competências da família. A *encenação* foi igualmente utilizada para tornar mais funcionais os respetivos *padrões transacionais*, pois esta permite,

sob a forma de teatro, que a família exponha a sua realidade familiar. Ao mesmo tempo que se solicitava a respetiva família para encenar um determinado tipo de interação, as técnicas procuravam introduzir novos padrões de relação mais funcionais (Minuchin & Fishman, 2003). Quando se entendia que a família não estava a perceber que um determinado *padrão transacional* se estava a revelar bastante disfuncional onde a mesma procurava escapar ao assunto, utilizava-se a técnica *intensidade da mensagem terapêutica* para reforçar o conteúdo da mensagem que queríamos transmitir, e isso poderia ser através da *repetição da mensagem, imagens* ou *metáforas*. Ao reforçar a *mensagem*, sem evocar outros temas, pretendeu-se demonstrar à família a importância daquele conteúdo. Todas estas técnicas permitiram uma *reestruturação* do sistema familiar, pois a família compreendeu que os *padrões transacionais* atuais são disfuncionais e, por isso, necessitam de mudança (Minuchin & Fishman, 2003).

No total foi possível concretizar treze sessões com a Família 1 e nove sessões com a Família 2. No final de cada sessão as técnicas preencheram individualmente as grelhas da *Clinical Rating Scale* da Família 1 e da Família 2, sendo que no final de preenchidas as técnicas reuniram-se com o intuito de realizarem o consenso das respetivas CRS. Após o término da intervenção, de forma a poder complementar a avaliação observacional (CRS) das dinâmicas familiares, foram realizadas entrevistas (Anexo D) com cada membro das duas famílias, onde o nome dos respetivos participantes foi modificado de forma a manter o seu anonimato.

Segundo Vala (1986) a fidelidade dos resultados da análise de conteúdos é difícil de prever uma vez que dois codificadores poderão analisar o mesmo material podendo retirar resultados diferentes. Na presente investigação procedeu-se à técnica de tratamento da informação das entrevistas, análise de conteúdo, onde as dimensões e categorias já estavam definidas *a priori*, uma vez que já existia um pressuposto teórico definido (Vala, 1986). Desta forma, garantiu-se a fidelidade dos resultados junto de três membros que já terminaram, ou estão a terminar o mestrado em psicologia clínica, onde se chegou a um acordo *inter-codificadores* (Vala, 1986).

De forma a complementar todos estes resultados, foram também concretizados quatro genogramas das sessões iniciais e finais (Anexo E), das famílias 1 e 2, para através desses ilustrar as mudanças da *estrutura* e do funcionamento familiar.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e analisados os respectivos resultados das sessões de intervenção com as famílias 1 e 2 obtidos através da *Clinical Rating Scale* (CRS), bem como os conteúdos das entrevistas realizadas a cada participante. Relativamente aos resultados da CRS, estes serão avaliados compreendendo o seu percurso em termos das mudanças ao nível da *coesão* e da *flexibilidade*. A dimensão *comunicação* será analisada percebendo as modificações das duas dimensões acima referidas, uma vez que esta terceira tem uma função facilitadora de mudanças nessas duas dimensões (Olson, 2000). As entrevistas serão analisadas segundo as três dimensões do *Modelo Circumplexo*, assim como será discutida uma dimensão que surgiu através da leitura das entrevistas, o *alcoolismo*.

Família 1

A Família 1 é constituída por três membros, pelos filhos Rui de 20 anos, César de 22 anos e pela mãe Ana de 56 anos. A figura em baixo retrata o percurso, ao nível do funcionamento familiar, que a Família 1 realizou desde a primeira à 13ª sessão, sendo que nas 12ª e 13ª sessões o participante César não esteve presente.

Análise dos resultados da *Clinical Rating Scale* da Família 1

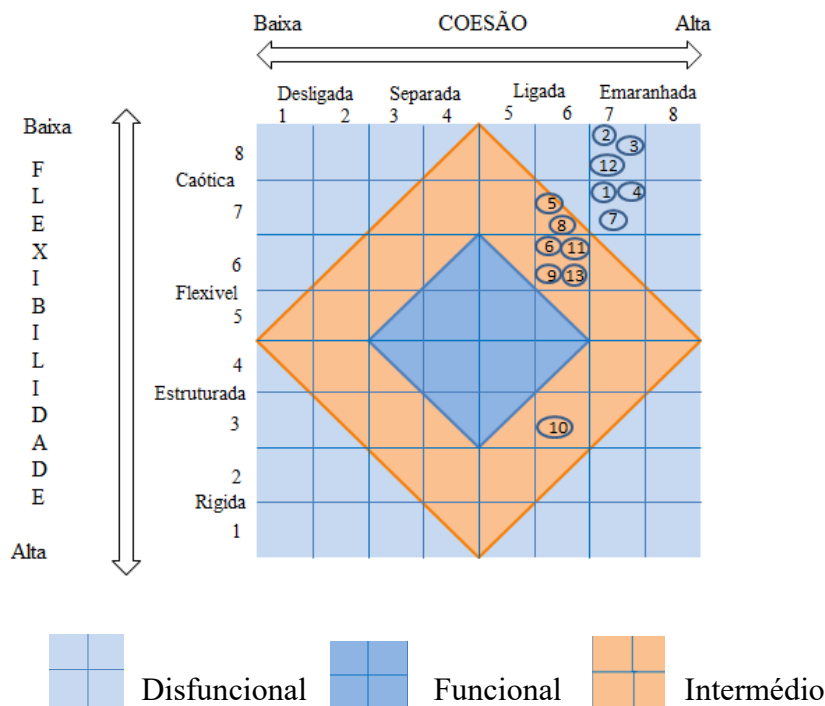


Figura 1: Gráfico do progresso do funcionamento da Família 1 ao longo das treze sessões, através da observação das dinâmicas familiares.

Observando a figura 1, é perceptível que nas primeiras quatro sessões as técnicas constataram um tipo de funcionamento disfuncional nesta família, caracterizado por uma *coesão emaranhada* e por uma *flexibilidade caótica*. Este emaranhamento era visível na relação que o filho César tinha com a mãe, onde os dois assumiam o papel na tomada de decisões e no pagamento das contas da casa. A relação da mãe com o Rui era igualmente *emaranhada*, pois os dois tinham cada um o seu quarto, mas dormiam juntos. Não obstante este emaranhamento, a relação entre R. e a mãe caracterizava-se por uma grande hostilidade. O emaranhamento entre o *subsistema filial* e *parental* não se verificava dentro do *subsistema fraternal*, pois o mesmo apresentava uma *coesão* bastante *desligada*. Assim, procurou-se junto da família estabelecer fronteiras claras entre os *subsistemas*, para tornar mais compreensível para os membros quais os *papéis* de cada um, uma vez que muitas das vezes o César assumia um papel parental junto com a mãe, marginalizando o Rui. Esta relação privilegiada que o César tinha com a progenitora conduzia a um afastamento dos dois irmãos, criando uma rivalidade entre os mesmos, sendo que para isso procurou-se fortificar a relação entre estes irmãos fazendo-os ver as suas histórias de vida em comum.

Na quinta e sexta sessão, este sistema familiar começou a funcionar de uma forma mais funcional, contudo ainda num nível intermédio. Essa mudança também foi favorecida pela *comunicação* que se foi tornando cada vez mais positiva e clara para todos, onde se procurou definir e esclarecer os *papéis* de cada um no sistema familiar (Olson, 2000). A comunicação empática e respeitadora entre todos possibilitou aos filhos um diálogo sobre a importância do espaço pessoal de cada um, o que levou nestas duas sessões a progenitora a respeitar o espaço dos filhos, sem se sentir excluída das atividades pessoais dos mesmos, condição essencial para o crescimento e diferenciação destes jovens adultos (Alarcão, 2008).

Quanto à sétima sessão, foi perceptível uma mudança deste sistema para um tipo de funcionamento familiar mais disfuncional, o que poderá estar relacionado com o momento de crise que estavam a vivenciar. Na oitava sessão, denotou-se uma melhoria em termos da *coesão* pois esta tornou-se mais funcional, porém a *flexibilidade* manteve-se *caótica* disfuncional (nível 7). A *flexibilidade* deste sistema familiar manteve-se num nível extremado de disfuncionalidade, pois era visível que os *papéis* ainda não estavam claros para cada um, onde as tomadas de decisão eram feitas por qualquer membro da família. Este tipo de *flexibilidade* conduz a um ambiente *caótico*, típico de um sistema familiar com problemas de dependência química (Silva, 2003).

Nas 9^a, 10^a e 11^a sessões houve melhorias na *coesão*, onde o sistema mesmo não assumindo um nível funcional, tornou-se mais funcional (nível 6). Na 9^a sessão a *flexibilidade*

alcançou o nível *flexível*, contudo na sessão seguinte (10^a) foi compreendido pelas técnicas que a mãe procurou assumir um papel mais autoritário para com os filhos sem qualquer oportunidade de negociação, por isso na 10^a sessão a *flexibilidade* foi percebida como *estruturada* disfuncional (nível 3). Na 11^a sessão a *flexibilidade* voltou a assumir um nível *flexível* (nível 6), onde se abriu espaço para os membros da família exporem os seus sentimentos, em que foi visível a capacidade de escuta e a negociação nas tomadas de decisão entre todos. Assim, a família nesta sessão conseguiu manter-se num nível intermédio de funcionamento não tão disfuncional, onde a sua *coesão* e *flexibilidade* situaram-se no nível seis. A melhoria do tipo de funcionamento que se mostrou fixo a partir da nona sessão, coincidiu igualmente com a fomentação, por parte das técnicas de intervenção, de aptidões comunicacionais positivas entre os membros do sistema familiar (Olson, 2000). No final desta sessão, foi concordado com a família que o objetivo da presente intervenção tinha sido concretizado, e que se passaria à fase seguinte que seria a realização das entrevistas com cada membro. Porém, o término da intervenção não foi possível, uma vez que esta família estava a vivenciar um momento de crise porque o C. tinha sido preso, o que conduziu a uma *flexibilidade caótica* deste sistema, e a uma necessidade de proximidade emocional extrema entre o Rui e a mãe. Desta forma, na 12^a sessão foi observado pelas técnicas uma recaída para o campo da disfuncionalidade do funcionamento, onde a sua *coesão* tornou-se mais *emaranhada* (nível 7) e a sua *flexibilidade caótica* extremada (nível 8). Nesta sessão as técnicas procuraram auxiliar a família, quer no sentido de manter a intervenção, como no acompanhamento do processo judicial do filho César.

Na 13^a sessão a família conseguiu novamente alcançar o nível de funcionamento intermédio, onde a *coesão* tornou-se *ligada* disfuncional (nível 6), e a *flexibilidade* como *flexível* disfuncional (nível 6). Esta mudança para um retorno de funcionamento mais funcional, conquistado ao longo da intervenção, foi possível graças ao acompanhamento que foi feito no momento de crise familiar, mas também porque este sistema conseguiu utilizar os recursos que adquiriu e/ou potencializou na intervenção (Walsh & Olson, 1989; cit. por Olson & Gorall, 2003). No fim desta sessão procurou-se perceber junto da família se ainda consideravam útil participar na presente intervenção, ou se achariam que o objetivo já tinha sido alcançado com o todo familiar, ao qual tanto o Rui como a Ana concordaram com a conclusão da intervenção uma vez que o objetivo já tinha sido concretizado.

Análise dos resultados das entrevistas da Família 1

Após as treze sessões com a Família 1 foi possível realizar um último momento de avaliação da *estrutura* e do funcionamento familiar, considerando o ponto de vista dos próprios participantes deste estudo. Esse último momento foi realizado sob a forma de uma entrevista *semi-estruturada* que avaliou as dimensões *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* familiar.

Tabela 1: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *coesão ligada* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Coesão Ligada		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Nível 5	"Quando (...) algum de nós precisa de ajuda (...) vemos televisão (...) mandamos uma piada (...)" "(...) lidamos com ela (<i>stress</i>) a falar..."	"Se o meu irmão quiser aprender (...) olha falta um parafuso ali, (...) já que eu sei meter, metes tu (C.) (...)"	"Quando os meus filhos precisam de ajuda, posso sentar e dar conselhos."
Nível 6	"Quando tenho problemas conto à minha família, de preferência à minha mãe." "(...) dou também com essas pessoas especiais, mas dou mais com pessoas da minha família (...)" "Damo-nos bem, como um filho e uma mãe (...) eu amo ela, ela me ama..." "(...) eu vejo logo ela triste (...) eu pergunto logo (...) para ver o que é que aquela pessoa (mãe ou R.) tem..."	"(...) podemos estar zangados (A. e R.) e daqui a três dias (...) eu sei que ela vem falar comigo e eu...aí descanso a minha cabeça (...) é com ela que sempre vou contar." "Perguntamos se eles (R. e C) precisam de ajuda, e eles respondem, olha sim preciso de ajuda vem cá me ajudar...e eu vou." "(...) preocupo-me (...) com toda a gente dentro de casa (...)" "(...) Prefiro avisar, do que ficarem preocupados (...) Agora é que comecei a avisar mais..." "(...) eu fiquei triste quando ele foi...preso (...) gostava que ele tivesse cá fora"	"(...) O R. tem saudades dele (...) às vezes ele quer ir comigo mas (...) não pode entrar..." "(...) eu gosto é de andar com os meus filhos (...)" "Mas o R. está em casa, e eu digo R. eu vou a C.M....vou, ele mesmo...leva-me...depois vem para casa..." "Os meus filhos é meu amigo (...) eles não gostam que ninguém faz mal a mim (...)" "Dou-me melhor com a família dentro de casa do que com os amigos de fora (...) porque os meus filhos são meus amigos." "Quando estamos em casa, estamos sempre juntos."

No que concerne aos conteúdos da tabela 1, estes dizem respeito na sua maioria a uma *coesão ligada* disfuncional (nível 6). Relativamente às citações que remetem para uma *coesão ligada* funcional (nível 5) estas referem-se sobretudo à entreajuda entre os membros, onde quando alguém precisa de ajuda os outros estão dispostos a auxiliar (Rui), aconselhar (Mãe) ou proporcionar momentos de diversão (César).

No que diz respeito à *coesão ligada* disfuncional (nível 6), tanto César como Rui revelam uma relação de forte proximidade emocional com a mãe. Rui reconhece a preocupação dos restantes membros por aquilo que cada um faz, "(...) *Prefiro avisar, do que*

ficarem preocupados (...)". O próprio também partilha dessa mesma inquietação quando o irmão César chega tarde a casa, "(...) *preocupo-me (...) com toda a gente dentro de casa (...) como o meu irmão, às vezes ele sai e não volta...eu fico preocupado com ele (...)*". É também visível que a mãe percebe esta preocupação por parte dos seus filhos para com ela, "*Os meus filhos é meu amigo (...) eles não gostam que ninguém faz mal a mim...*".

Apesar de este sistema ter alcançado níveis mais funcionais de *coesão*, o mesmo não conseguiu adquirir um equilíbrio entre a *separação* e a *união* entre os membros da família (Olson & Gorall, 2003). A mudança que este sistema familiar fez de uma *coesão emaranhada* disfuncional para uma *coesão ligada* disfuncional foi possível, pois clarificou-se e definiu-se *fronteiras* entre os *subsistemas parental* e *filial*, o que levou a um fortalecimento na relação entre os irmãos, passando o *subsistema fraternal* de uma *coesão desligada*, para *ligada* (nível 6). A proximidade emocional entre os irmãos conduziu a uma compreensão de que podiam contar um com o outro, mas também à manifestação de sentimentos de preocupação principalmente pela parte de Rui. Este sentimento de Rui é também sentido para com a mãe quando ela sai para beber, o que remete mais uma vez para um sentimento de receio dada a imprevisibilidade da conduta do alcoolista, seja do C. como da mãe (Silva, 2003).

Tabela 2: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *coesão emaranhada* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Coesão Emaranhada		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Nível 7	"(...) alguma coisa que eu tenho para contar conto a ela (mãe), ela conta a mim (...)"		
Nível 8	"Uma relação entre mãe e filho (a dele com a mãe) é tipo dois irmãos..." "(...) estamos sempre dentro de casa, unidos (...)"		"(...) sou mãe, tenho que saber tudo o que eles fazem (...) eles também se envolvem nos meus problemas." "(...) eu não escondo nada deles (...) de manhã digo assim ó filho ontem tava bêbada, ontem dormi aqui..." "Da minha família gosto de passar mais tempo com o C. porque ele é que é o meu companheiro (...)"

Considerando a tabela 2, é bastante explícito que apenas o filho mais velho (C.) e a mãe compreendem uma *coesão emaranhada* disfuncional no seu sistema familiar. Relativamente à *coesão emaranhada* disfuncional (nível 7), o C. refere que quando tem algo para desabafar, prefere fazê-lo com a mãe.

No nível mais extremado de *coesão emaranhada* (nível 8), verifica-se a relação fusional desta díade, onde tanto o César com a mãe revelam possuir uma ligação muito forte

um com o outro, como “irmãos” (César), ou “companheiros” (Ana), quebrando as devidas fronteiras entre o *subsistema filial* e o *parental* (Minuchin, 1988). O emaranhamento percebido tanto por Ana como por César, não se verifica no Rui, o que poderá estar relacionado com a relação privilegiada que César sempre teve com a mãe, onde ambos assumiam as funções de cuidado da casa. Apesar de Rui não perceber este emaranhamento, a mãe refere que procura saber sempre o que se passa com ambos os filhos, “(...) *sou mãe, tenho que saber de tudo o que eles fazem (...)*”. Ainda no mesmo nível, é de realçar os *limites difusos* existentes entre o *subsistema parental* e o *filial*, mantidos pela extrema proximidade entre os membros, pois a mãe refere nada esconder dos seus filhos, nem mesmo quando não dorme em casa por se encontrar embriagada oculta o motivo a César e a Rui.

Tabela 3: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *flexibilidade flexível* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Flexibilidade Flexível		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Nível 5	"Nas situações difíceis apoiamos-nos mais." "Decidimos de forma calma (...) em conjunto."	"Quando há uma mudança na nossa rotina reagimos bem, não reagimos mal (...) apoiamos-nos uns aos outros."	"Quando há um dia diferente da nossa rotina lidamos com isso a pensar...falamos..."
Nível 6	"Ela tenta perceber a nossa opinião (...) Eu acho que é negociável..." "(...) é fácil (mudar uma decisão) ...decidimos e já está...conversamos e já está..."	"A opinião de todos interessa para a definição das regras." "(...) cada coisa que ela diz eu aí não vou dizer nada, porque é a decisão dela...mas se ela tomar alguma decisão que ela queira e eu não, eu digo para mim não...mas para o meu irmão sim." "É fácil mudar uma decisão." "(...) eu quando quero fazer as minhas coisas faço, o meu irmão quando quer fazer as dele faz e a minha mãe também (...)"	"(...) eu disse ó R. tens aqui esta tinta...pinta-me o corredor, e ele diz que não chega (...) ele percebe mais." "(...) Ele não come bacalhau, mas já tirei costeleta." "(...) não faço coisas (decisões) que eles não gostam..." "(...) o que eles dizem também eu alinho com eles..." "Quem toma as decisões sou eu ou eles (R. e C)...conforme..."

No que diz respeito à *flexibilidade flexível* funcional (nível 5), todos os membros familiares perceberam essa *flexibilidade* no que diz respeito à superação e adaptação a situações novas, fora da rotina familiar. Perante esses novos acontecimentos, os três referem que procuram se ajustar de forma ponderada a esse, dialogando sobre o mesmo e apoiando-se uns aos outros.

Analisando a tabela 3, compreende-se que os membros deste sistema familiar entendem a *flexibilidade* da sua família como *flexível* disfuncional (nível 6), principalmente

no que diz respeito às tomadas de decisão, pois todos relatam que procuram negociar juntos as decisões, onde a opinião de cada um é relevante para a decisão final. As citações da mãe vão no sentido dessa tolerância e flexibilização, pois a mesma refere que as decisões são tomadas pelo conjunto familiar, "(...) *o que eles dizem também eu alinho com eles...*". Está igualmente claro nas afirmações dos filhos que existe uma elevada democracia na liderança da mãe, onde há espaço para as regras serem flexivelmente cumpridas, ou até mesmo para as infringirem de forma relativa.

Todas as famílias necessitam de estabilidade e de capacidade para mudar, pois só assim o sistema se torna funcional (Alarcão, 2008). Assim, através da fomentação de *fronteiras* claras entre os filhos e a mãe, o sistema conseguiu mudar as suas dinâmicas relacionais e de tornar mais equilibrada e funcional a sua *flexibilidade*, onde a progenitora assumiu o papel principal na tomada de decisões com abertura para a negociação com os seus filhos. Esta *flexibilidade flexível* estabelece os *limites* que estes jovens necessitam, mas também pressupõe que esses sejam ajustáveis e negociáveis, de forma a favorecer o desenvolvimento e a autonomia dos mesmos (Alarcão, 2008). Deste modo, César e Rui sabem que existem *limites*, mas que também é possível alguma democratização que os permite explorar o mundo e expor os seus pontos de vista.

Tabela 4: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *flexibilidade caótica* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Flexibilidade Caótica		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Nível 7		"Ela (a mãe) não precisa de me pagar para eu tar a fazer isso (tarefas de casa) (...) não é preciso tares a dizer lava a loiça e eu pago-te...assim não."	"(...) Paguei (ao R.) para pagar os vidros, não limpou...paguei para arranjar os estores que já estragaram, não arranjou ainda..."
Nível 8	"Que eu saiba não há consequências (quando se quebra regras)."		"Quando as regras são quebradas, não há consequências."

Quanto à *flexibilidade caótica* disfuncional (nível 7), salienta-se a liderança fraca e precipitada da progenitora, onde tanto a mesma como o Rui referem que a mãe quando precisa que o filho R. faça alguma tarefa paga-lhe dinheiro para ele as executar, porém este não as cumpre, tal como a mesma refere "(...) *Paguei (ao R.) para pagar os vidros, não limpou...paguei para arranjar os estores que já estragaram, não arranjou ainda...*". Esta liderança da progenitora, que deixa Rui bastante indignado, vai de encontro ao que a autora Silva (2003) refere, que um progenitor com problemas de dependência química tem dificuldade em assumir o papel de líder da sua casa e família.

No que diz respeito ao extremo da *flexibilidade caótica* disfuncional (nível 8), essa está presente apenas nas referências do filho César e da mãe, onde ambos admitem a ausência de consequências caso haja uma quebra de regras. Segundo Silva (2003), os sistemas familiares que possuem um, ou mais membros alcoólicos caracterizam-se por uma falta de organização familiar, concebendo assim um ambiente caótico. Percebe-se deste modo que apesar deste sistema familiar perceber a sua *flexibilidade* como *flexível* disfuncional (nível 6), onde existe democratização na liderança da figura parental, o mesmo não possui regras claras e consequências caso as transgridam, o que dificulta a forma de como este sistema se organiza.

Tabela 5: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *comunicação positiva* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Comunicação		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Positiva	"(...) eu respeito (aquilo que o R. e a mãe dizem)..." "Que eu saiba...que eu saiba sim...(todos satisfeitos com a comunicação)" "Eu partilho os meus sentimentos com o meu irmão e com a minha mãe, e eles respeitam." "(...) comunicamos todos os dias..."		"Com o C. falo (...) o conselho que eu dou sempre (...) e o R. está a trabalhar mas todo o dia tenho que lhe dar conselhos..." "(...) eu falo eles ouvem, eles falam eu oiço..." "É uma boa comunicação."

No início das sessões com este sistema familiar, aquilo que se evidenciou foi a sua *comunicação* extremamente *negativa*, onde não havia empatia, escuta ativa, nem respeito pelos sentimentos e mensagens dos outros, principalmente entre e a mãe e o Rui, e entre os irmãos. Este tipo de *comunicação* estava a conduzir a uma permanência deste sistema familiar num tipo de funcionamento extremo disfuncional (Olson, 2000). Assim, outro dos focos da presente intervenção foi fomentar dinâmicas comunicacionais mais positivas, pois segundo a quinta hipótese do *Modelo Circumplexo* de Olson (Olson & Gorall, 1995) quando um sistema familiar adquire habilidades comunicacionais positivas, torna mais favorável a existência de mudanças funcionais nas dimensões *coesão* e *flexibilidade*. Nas sessões foi possível criar, junto com a família, novos e melhorados *padrões transacionais* onde se fomentaram comunicações pautadas pelo respeito, empatia e escuta ativa, que se verificaram quer ao nível dos conteúdos das entrevistas.

Deste modo, verifica-se que tanto o César como a mãe percebem a *comunicação* da família como *positiva*. Ao contrário de R., o C. e a A. fizeram referência à sua confiança em expor os sentimentos aos restantes membros, pois sabem que são escutados e respeitados.

Tabela 6: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *comunicação ambivalente* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Comunicação		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Ambivalente	"Epah não sei...numas verdades (do R. e da mãe) posso acreditar, noutras não sei..."	"Quando falamos tamos lá às vezes a jogar às cartas, dominó...tamos lá a conviver até...mas só raramente acontece..." "Eu é que não digo (a verdade), mas a minha mãe e o meu irmão dizem..."	"Às vezes de forma calma, às vezes também não é calma (quando há problemas)..."

Neste tipo de *comunicação* menos disfuncional, verifica-se que nem sempre existe transparência e veracidade naquilo que os membros comunicam, sendo que Rui acaba mesmo por mencionar que *"Eu é que não digo (a verdade) (...)"*. Este tipo de *comunicação* também se concretiza quando esta família enfrenta problemas, *"Às vezes de forma calma, às vezes também não é calma (quando há problemas) ..."*, o que indica que embora que haja um esforço para discutirem de forma calma, por vezes não conseguem. Tanto o Rui como a mãe quando abordam ocasiões em que comunicam, estes evidenciam situações de realização de tarefas domésticas, como a mãe refere *"Quando alguém precisa de ajuda conversamos...às vezes eu digo ó C. casa de banho, ou cozinha? (...)"*, ou como Rui cita *"Quando falamos tamos lá às vezes a jogar às cartas, dominó (...)"*, o que não fomenta um espaço de *comunicação* sobre afetos e sentimentos.

Tabela 7: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *comunicação negativa* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Comunicação		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Negativa	"Quando surge um problema, resolvemo-lo a gritar..."	"Eles devem tar, mas eu não (satisfeitos com a comunicação)." "(...) não há aquela pessoa dentro de casa que fale baixo (...) é só mesmo (...) dizer asneiras (...) Mas se eu sair de casa, e se tiver a minha mãe e o meu irmão eles já não discutem, agora se eu tiver dentro de casa é, é sempre (...)"	"O que eu mais discuto é com o R. (...)" "Discuto quando eu falo com eles e eles não me ouvem (...)"

Relativamente à *comunicação negativa*, todos os membros realçam a presença de conflitos, sendo que não é possível comunicar sem ser a discutir. O R. é o único membro insatisfeito com a *comunicação* da sua família, "*Eles devem estar, mas eu não*". Em todas as citações R. expõe o ambiente ofensivo que vive na sua habitação "(...) *é só mesmo falar alto (...)* *é só mesmo dizer asneira (...)*", contudo do seu ponto de vista esse ambiente só se perpetua quando ele está em casa, porque "(...) *se tiver a minha mãe e o meu irmão, eles já não discutem (...)*". Tal facto é confirmado com a citação da mãe, "*O que eu mais discuto é com o R. (...)*". A progenitora destaca também a falta de diálogo na família, sendo que quando existe essa não é ouvida nem considerada, o que acaba por conduzir a uma hostilidade na *comunicação*, "*Discuto quando eu falo com eles e eles não me ouvem (...)*". A permanência de uma *comunicação negativa* neste sistema familiar, não permite que o mesmo consiga atingir um nível de funcionamento familiar funcional e equilibrado (Olson, 2000).

Tabela 8: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *alcoolismo* da entrevista final para a Família 1.

	Entrevista Final		
	Alcoolismo		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	M. (Mãe)
Conflitos		"Opa estes dias andamos bem (R. e a mãe)...sem contar com ontem porque ela...ela tava um bocadinho alterada (...)" "Sim (tinha bebido) (...) não gostei muito da atitude dela (...)"	"(...) não faço nada de mal...e mesmo que faço...é por causa da bebida (...)"
Padrão transgeracional	"(...) às vezes ela vai ali a um bar eu tou ali, nós nos encontramos. Ou vou ali encontro o R., o R. encontra-me a mim..."	"(...) ela tem de controlar-se a beber, é uma coisa que ela não faz...eu também não me controlo mas opa tenho o meu limite (...)" "(...) seja que a minha mãe saiu...opa eu preocupo-me (...) acordar e não ver a minha mãe em casa...eu digo olha, ou ela dormiu na amiga, ou ela apanhou a bebedeira (...)" "O meu irmão, quando bebe é assim...ele fica em casa, no outro dia não sai (...)"	"(...) fui ali a casa dela e bebi... " "Porque ele (o C.) às vezes bebe...bebe, e faz merda...mas comigo não deixo... " "(...) às vezes bebo aqui em casa com a minha amiga até...dormir...de manhã digo assim ó filho ontem tava bêbada, ontem dormi aqui..." "Quando eu e os meus filhos precisamos de ajuda, é sentar, comer, beber e jogar."
Fracasso no papel parental		"É fácil, ela não bebe...(como é que a mãe toma decisões)"	

Após uma leitura aprofundada de cada uma das entrevistas desta família, surgiu um conteúdo que foi analisado, o *alcoholismo*. Considerando a dimensão *alcoholismo* emergiram três categorias, sendo elas, *conflitos* provocados pelo alcoholismo, o alcoholismo como *padrão transgeracional* e o *fracasso no papel parental*.

O álcool afeta a família como um todo, uma vez que o alcoólico quando está embriagado tem tendência para originar conflitos, promovendo assim um clima de receio e *stress* nos restantes membros sóbrios (Silva, 2003). Relativamente à categoria *conflitos*, a mãe acaba por mencionar que nunca se envolve em problemas, sendo que quando tal ocorre é porque bebeu de mais, "(...) não faço nada de mal...e mesmo que faço...é por causa da bebida (...)". Rui faz bastantes referências aos conflitos que a mãe inicia com o próprio quando está sob o efeito do álcool, "Opa estes dias andamos bem (R. e a mãe)...sem contar com ontem porque ela...ela tava um bocadinho alterada (...)".

O César, ao contrário de Rui, não referiu quaisquer conflitos associados ao álcool, sendo que apenas fez referência ao alcoholismo para explicar que por vezes vão todos juntos a um bar beber, o que remete para o *padrão transgeracional*, onde aquilo que norteia o funcionamento desta família é o álcool. Como se pode verificar na tabela 8, todos os elementos desta família fazem citações que faz transparecer o *padrão transgeracional* que mantém o álcool de geração em geração, como é possível constatar numa das referências de Ana, "Quando eu e os meus filhos precisamos de ajuda, é sentar, comer, beber e jogar...". Assim, é perceptível a existência de um *padrão* familiar organizado em torno do álcool, sendo que a mãe bebe e os filhos também se apropriaram desse *padrão*, onde os membros bebem sem qualquer controlo, pois a moderação foi incutida, mas sim estimulada pela progenitora (Diez, 1998). Ainda nas entrevistas compreende-se que as rotinas e os momentos de lazer desta família, ou seja o potencial da mesma organiza-se em torno do álcool (Trindade & Bucher-Maluschke, 2008), o que acaba por conduzir ao perpetuar de um *padrão transgeracional* associado ao alcoholismo (Ortha & Moréb, 2008). Desta forma, consegue-se constatar a existência de um *padrão transgeracional* que indica uma dependência relacional existente entre os membros familiares, onde todos procuram preservar essa dinâmica relacional dependente, através do álcool (Sudbrack, 2003).

A dependência química por parte dos filhos poderá servir para o perpetuar do *padrão transgeracional*, mas também como *sintoma* que procura comunicar dinâmicas relacionais disfuncionais existentes na sua família (Sudbrack, 2001). De acordo com Sudbrack (2004; cit. por Ortha & Moréb, 2008) as mães de adictos estabelecem relações fusionais com os seus filhos. Tal como já foi possível verificar Ana mantém uma extrema dependência afetiva com

os seus filhos, sendo que por isso o álcool pode servir, para estes filhos, como um recurso que os possibilita romper esses limites difusos, de modo a alcançarem a sua diferenciação e autonomia (Penso & Sudbrack, 2004). O álcool torna-se assim um meio para César e Rui alcançarem uma *pseudo-independência* (Stanton, 1978; cit. por Sudbrack, 2003), pois adquirem algum controlo pelas suas escolhas em relação a quererem beber ou não, contudo mantêm o funcionamento e a *estrutura* familiar imutável (Ortha & Moréb, 2008). Assim, quando os filhos estão embriagados alcançam a sua “independência”, mantendo-se leais à mãe (Sudbrack, 2003).

Quanto ao *fracasso no papel parental*, este apenas foi mencionado por Rui, onde referiu que a mãe não assumia o papel parental na tomada de decisões devido à bebida. Esta percepção de R. vai de encontro com aquilo que a autora Silva (2003) refere, nas famílias em que os pais ou um dos pais são alcoólicos, estes não conseguem assumir um papel de liderança no sistema familiar, o que conduz a um ambiente familiar caótico.

Tabela 9: Resultados da análise de conteúdo das mudanças percecionadas relativas às dimensões da Família 1.

	Entrevista Final		
	Mudanças Percecionadas		
	C. (Filho mais velho)	R. (Filho mais novo)	A. (Mãe)
Coesão	"Estamos melhor (o C. e o R.)."	"Opa estes dias andamos (R. e A.) bem..." "(...) agora sinto-me bem com a minha mãe dentro de casa." "Houve mudanças (relação entre C. e R.) porque...opa eu fiquei triste quando ele foi (...) opa e gostava...gostava que ele tivesse cá fora (...)"	"Com os meus filhos também houve mudanças, o R. tá com pena do C. (...) tem saudades dele...manda cumprimento cada vez que vou lá (...)" "(...) agora vamos ao Banco Alimentar juntos..."
Flexibilidade		"Aviso(...) Agora é que comecei a avisar (quando chego tarde a casa) mais..."	"Mudanças de regras (...)"
Comunicação		"(...) mudança na forma de falar com a minha mãe (...) já não grito (...)" "Já não temos, já não temos muitas confusões...isso...agora não."	" (...) já não temos muitas confusões (...)" "Estas sessões mudaram muita coisa...a discussão...falar alto..." "Nós (R. e A.) agora estamos bem (...) discussão não..." "(...) Agora há respeitinho...que ele diz eu também oiço (...)"
Alcoolismo	"Bebeu menos.(mudança da mãe, percebida pelo filho)"	"As vezes ela (a mãe) dizer que não bebe...e à noite ela não faz o barulho que ela fazia antes (...)"	"(...)Bebia dois com três copos, e agora não tou a beber dois com três copos...só um..."

Em jeito de conclusão, torna-se essencial para o presente estudo compreender as mudanças na *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* familiar, expressas de forma direta pelos próprios participantes em contexto de entrevista. César revelou prontamente que a maior mudança recaiu na relação com o seu irmão mais novo, Rui. César destaca a melhoria na relação com Rui, revelando que os dois possuem neste momento final uma maior proximidade emocional, o que contrasta com a ligação bastante *desligada* entre os dois no início das sessões. Esta maior *coesão* deveu-se à definição clara entre o *subsistema filial* e *parental* e à fomentação de atividades passadas em conjunto enquanto irmãos, que os permitiu compreender que ambos assumem um papel simétrico enquanto filhos e irmãos. A proximidade emocional percebida por César, encontra-se igualmente presente nas referências da mãe e do Rui, que referem a preocupação e as saudades que R. sente pelo irmão C. que foi preso.

No início da intervenção, a relação entre a Ana e o filho Rui, caracterizava-se como *emaranhada* mas bastante hostil, uma vez que não era possível que os dois estivessem no mesmo espaço da casa sem discutirem. Analisando a tabela 9, compreende-se que, para Rui e Ana a relação entre os dois está mais equilibrada e harmoniosa, pois ambos referem já se sentirem confortáveis na presença um do outro, onde conseguem desfrutar dessa companhia sem discussões, tal como R. cita "(...) *agora sinto-me bem com a minha mãe dentro de casa.*", e A., "*Já não temos (A. e R.), já não temos muitas confusões (...)*".

De acordo com as autoras Pratta e Santos (2006), o estabelecimento de regras oferecem aos jovens princípios que guiam as suas condutas, sendo que isso faz com que os mesmos se sintam mais responsáveis pelos seus atos. Relativamente à dimensão *flexibilidade*, a mãe revela ter havido mudanças nas regras da casa, porém sem citar exemplos. Compreende-se que esta mudança foi na promoção de um relativo controlo em relação às saídas de casa, pois tal como Rui refere "*Aviso (...) Agora é que comecei a avisar (quando chego tarde a casa) mais...*". Este maior controlo não se assemelha em nada daquilo que era a *flexibilidade* deste sistema, pois não havia qualquer monitorização por parte da progenitora, sendo que cada um fazia aquilo que queria sem avisar.

A mudança que o Rui e a mãe percebem como maior, é ao nível da *comunicação* familiar. Ambos salientam a modificação que houve na forma de como comunicam entre si, em que referem que neste momento final, o diálogo é pautado por uma empatia, respeito e audição atenta. Acredita-se que esta visível mudança na dimensão *comunicação*, mais *positiva*, conduziu a uma proximidade emocional mais funcional entre os membros, como

também fomentou uma definição clara das *fronteiras* entre os *subsistemas parental e filial* (Olson, 2000).

Relativamente à dimensão *alcoolismo*, todos os membros verificaram que a mãe melhorou no seu comportamento adicto de alcoolismo, o que vai de encontro ao que o autor Bowen (1974; cit. por Trindade & Bucher-Maluschke, 2008) refere, ao modificar os padrões transacionais nas famílias alcoólicas, a dependência química é atenuada mesmo que o próprio membro alcoólico não participe na intervenção familiar.

Família 2

A Família 2 é constituída por três membros, pela filha Dora de 12 anos, pela mãe Manuela e o pai Leonardo, ambos de 47 anos. O pai nunca compareceu às sessões de intervenção familiar, por isso a intervenção e a sua avaliação, quer em termos dos resultados da C.R.S. como das entrevistas, apenas incluem a mãe e a filha. A figura 2 representa o percurso, ao nível do funcionamento familiar, que a Família 2 foi realizando desde a primeira à nona sessão.

Análise dos resultados da Clinical Rating Scale da Família 2

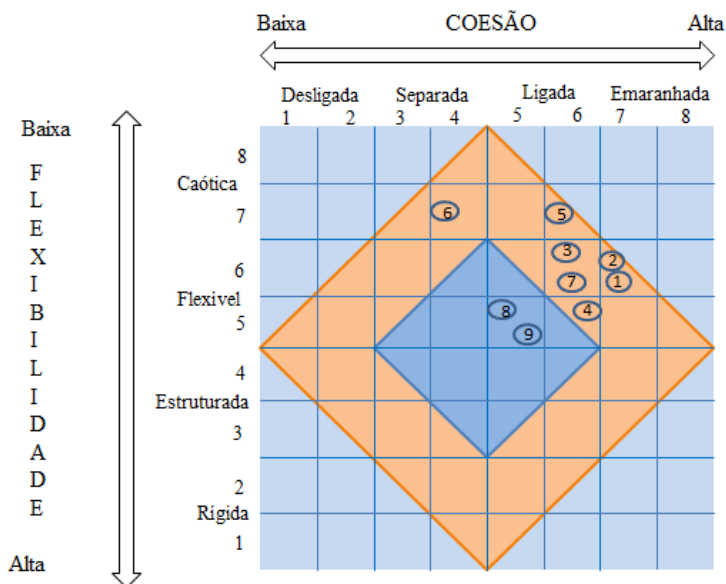


Figura 2: Gráfico do progresso do funcionamento da Família 2 ao longo das nove sessões, através da observação das dinâmicas familiares.

Nas primeiras duas sessões com a Família 2, verificou-se a existência de uma relação *emaranhada* entre a mãe Manuela e a filha Dora. Este emaranhamento contrastava com a

ausência do pai na primeira sessão, o que sugere conflitos conjugais ou dificuldades na forma de como ambos exercem o seu papel parental (Barker, 2000). Após as duas primeiras sessões foi perceptível a existência de uma *triangulação* – duas pessoas em discórdia não resolvem os problemas entre eles, mas envolvem uma terceira que toma parte desse processo (Barker, 2000) – onde se compreendeu a existência de fortes dificuldades relacionais entre o casal conjugal, em que tanto a mãe como o pai mudaram o foco da ansiedade da relação conjugal para um terceiro elemento, a filha Dora. Assim, apesar de se ter iniciado a intervenção com o propósito de auxiliar estes pais nesta nova fase de vida que é a *entrada dos filhos para adolescência* (Relvas, 1996). De imediato as técnicas perceberam que não era apenas o facto de Dora estar numa nova fase, mas sim porque toda a família atravessava igualmente essa fase com todas as mudanças implicadas tais como a redefinição do papel parental, e o aumento do tempo passado em casal (Alarcão, 2008).

Compreendeu-se assim, a existência de uma disfuncionalidade no *subsistema conjugal*, pois o casal *triangulou* o seu conflito, fomentando uma relação *emaranhada* entre a filha e a mãe, onde Manuela exercia um papel *orientado para o ser mãe e não orientado para a filha* (Minuchin, Montalvo, Guerney Júnior, Rosman & Schumer, 1967), pois se assim fosse a mesma permitia uma diferenciação desta última. Se a Manuela estava assumir um papel principalmente de mãe, a Dora tinha também que assumir um papel de filha (Minuchin et al., 1967), o que limitava a diferenciação e o desenvolvimento desta jovem adolescente.

Desta forma, procurou-se trazer o pai como um igual participante desta intervenção, contudo sem sucesso. Apesar da ausência do pai, considerou-se necessário intervir nesta díade fusional, pois essa não estava a permitir que Dora crescesse e se desenvolvesse de forma saudável. O objetivo para esta família passou pela clarificação das *fronteiras* entre o *subsistema filial* e o *parental*, para desta forma atenuar o emaranhamento existente entre a mãe e a filha, como também tornar visível aos olhos desta mãe que o seu problema conjugal não deveria ser sanado através da filha.

Analisando a figura 2, compreende-se que a família permaneceu nas primeiras duas sessões num nível intermédio de funcionamento, em que a sua *coesão* apresentava um nível extremo de disfuncionalidade (nível 7) e a *flexibilidade* um nível mais funcional, porém ainda num nível intermédio (nível 6). A primeira mudança revelou-se na terceira sessão, onde a *coesão* e a *flexibilidade* exibiram níveis intermédios de funcionalidade. Na quarta sessão, apesar da Família 2 se encontrar num nível intermédio de funcionalidade, a mesma mostrou uma mudança de um nível disfuncional de *flexibilidade* (nível 6) para um nível de *flexibilidade* funcional (nível 5). Contudo, na quinta sessão a *flexibilidade* tornou-se caótica

(nível 7). Na sexta sessão ocorreu uma mudança na *coesão* deste sistema, deixando de ser *ligado* disfuncional (nível 6) para se tornar *separada* funcional (nível 4), sendo que a sua *flexibilidade* assumiu níveis mais disfuncionais (nível 7), mantendo desta forma este sistema num nível intermédio de funcionalidade. Esta sexta sessão caracterizou-se por uma tentativa de diferenciação por parte de Dora, o que poderá justificar os resultados de uma *coesão separada* em que as duas definiram nesta sessão limites claros entre ambas, contudo de uma forma precipitada e por isso disfuncional. Na sétima sessão o sistema voltou a assumir uma *coesão ligada* disfuncional (nível 6) e uma *flexibilidade flexível* disfuncional (nível 6), tais resultados poderão estar relacionados com o facto de nesta sessão ter-se explorado a entrada de Dora para a adolescência, e de que forma é que essa está a ser vivida pelas duas.

Na oitava sessão verificaram-se claras melhorias na *coesão* (nível 5), tornando-se esta funcional. Nas últimas duas sessões, Dora manifestou um desejo em se diferenciar e autonomizar em relação à mãe, onde referiu ainda compreender aquilo que a sua progenitora sente mas que ela não tem de ter conhecimento de tudo relativo à sua progenitora. Quanto à mãe, Manuela conseguiu perceber a importância em promover e facilitar o crescimento e autonomia à sua filha, proporcionando o espaço que a mesma necessita. Uma dessas mudanças foi na aceitação e incentivo por parte da mãe em deixar Dora sair com os amigos, mas também na concretização das tarefas, pois no início da intervenção a Manuela não deixava a filha mexer no fogão, uma vez que para a mesma Dora ainda era uma criança, contudo no final da intervenção as duas referiram que a D. com a ajuda da mãe preparou o jantar. É de realçar que a partir da sétima sessão esta díade manifestou uma melhoria na dimensão *comunicação*, onde as duas conseguiram expor os seus sentimentos e as suas relações, levando ambas a compreender a posição uma da outra facilitando assim a criação de limites mais claros entre estes *subsistemas* (*filial* e *parental*). A fomentação, por parte da intervenção, de uma comunicação positiva, aberta e honesta entre mãe e filha promoveu alterações na *coesão* e *flexibilidade* familiar, visível nas últimas duas sessões (Olson, 2000).

Análise dos resultados das entrevistas da Família 2

Tabela 10: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *coesão desligada* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Coesão Desligada	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Nível 2	" (...) o meu pai sempre foi tipo daqueles homens muito sério (...) nunca demonstrou os seus sentimentos (...)" " (...) o meu pai às vezes está com os amigos...raramente para em casa (...)"	" (...) com ele nem tanto (passar tempo)...porque ele às vezes sai, ou vai trabalhar, ou vai ao café com os amigos...às vezes está a dormir, quando não está na rua, está a dormir..."

Relativamente à *coesão desligada* disfuncional (nível 2), ambas fizeram referências relativas à separação emocional para com o pai de D., uma vez que este, segundo as próprias, prefere o convívio individual com o seu núcleo de amigos e por isso não aproveita tempo em família. A escassa proximidade entre Dora e o pai, e entre o casal poderá dever-se ao facto de o casal não conseguir lidar com os seus problemas conjugais, o que conduziu Manuela, de forma a lidar com essa dificuldade, desviar o seu foco para a sua filha, unindo-se a Dora e afastando-se do seu marido (Alarcão, 2008). Porém, esta *coesão desligada* também poderá dever-se ao facto de este pai ser dependente de álcool, pois segundo Silva (2003), as famílias alcoólicas caracterizam-se por uma instabilidade nas relações afetivas, o que pode conduzir a um afastamento entre os membros familiares em questão.

Tabela 11: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *coesão ligada* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Coesão Ligada	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Nível 5	<p>" (...) alguns problemas são da escola...e aí ela tem de se meter...ela e o meu pai...mas há outros problemas que são tipo mesmo da minha vida pessoal (...) ela aí não se tem de intervir (...) às vezes quero que ela se aproxime mais dos meus problemas, às vezes quero que se afaste mais (...)"</p> <p>"Sei que posso contar com os meus pais, com os meus amigos (...) a minha família principalmente. "</p> <p>"(...) eu e ele (irmão mais velho da parte do pai) sempre tivemos uma ligação especial (...)"</p> <p>"(...) quando eu preciso de ajuda da minha família peço."</p> <p>" Antes era a minha mãe que me levava até à escola (...) no sexto ano...ela deixou-me ir sozinha...ou melhor, eu ia com uma amiga minha (...) conheci-a (à amiga) lá perto da minha casa (...) para cá, a minha mãe ia-me buscar (...)"</p> <p>"(...) Eu conheço alguns amigos da minha mãe e do meu pai (...) outros não os conheço. O meu pai conhece alguns dos meus amigos, a minha mãe conhece praticamente todos os meus amigos (...)"</p>	<p>"(...) depende dos problemas. Se for alguma coisa grave tenho que me preocupar, se for coisas da escola também (...) agora se for assim coisas simples, pronto, que ela não queira falar (...) ela resolve. "</p> <p>"(...) quando ela (D.) tem certos problemas que eu possa resolver ou ajudar, ela conversa comigo (...)"</p> <p>"(...) a D. às vezes, quando está de boa maré, começa a dar-me beijos (...) o meu marido (...) quando eu não estou ele telefona-me a perguntar onde é que eu estou (...)"</p> <p>"(...) o meu marido se aleijou (...) e eu fui buscar (...) aquelas pedras de gelo (...)"</p> <p>"(...) as amigas da escola eu conheço (...) porque elas foram lá no aniversário dela o ano passado, e já tiveram lá em casa (...)"</p>
Nível 6	<p>"Olha passo (tempo), com os meus pais...passo até de mais!"</p>	<p>"(...) é natural que eu me preocupe com ela (...) eu sei que ela gosta do espaço dela (...) mas também tem de haver um bocadinho de preocupação (...)"</p>

No que diz respeito à *coesão ligada* funcional (nível 5), esta é percebida tanto por Dora como por Manuela. A Dora refere que apesar de estimar a proximidade emocional que tem com os pais, também necessita do seu espaço. A Manuela percebe igualmente uma *coesão* deste nível, sendo que as suas referências focam-se sobretudo na sua relação com a D., onde menciona que procura manter o seu envolvimento afetivo com a mesma, mas respeitando o seu espaço pessoal. Dora refere igualmente a proximidade emocional que tem com os seus amigos, mas que para ela existe uma ligação maior com a sua família, em especial com o seu irmão mais velho da parte do pai "*(...) eu e ele sempre tivemos uma ligação especial (...)*". A Manuela dá especial enfoque há ligação emocional que tem com a sua filha, revelando que sempre que a D. necessita de apoio a Manuela está lá para lhe ajudar, refere ainda que tal como ela, o próprio marido e a Dora também se preocupam e são carinhosos com ela, "*A D. quando está de boa maré começa a dar-me beijos (...) quando eu não estou, ele (marido) telefona-me a perguntar onde é que eu estou (...) acho que isso é um gesto de preocupação e de carinho (...)*". Ainda é possível constatar numa citação dita por Manuela, a proximidade emocional funcional entre M. e o marido "*(...) o meu marido se*

aleijou, e ele estava se a queixar com dores (...) e eu fui buscar (...) aquelas pedras de gelo com cubos (...)"

Relativamente à *coesão ligada* disfuncional (nível 6), Dora considera existir demasiada proximidade emocional, *"Olha passo (tempo), com os meus pais...passo até de mais!"*. Esta proximidade também é percebida pela mãe, contudo do seu ponto de vista *"(...) também tem de haver um bocadinho de preocupação (...)"*.

Tabela 12: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *coesão emaranhada* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Coesão Emaranhada	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Nível 7	"Eles às vezes envolvem-se, mas eu não gosto! Porque eu já sei tratar...já sou crescadinha...já sei tratar dos meus problemas sozinha..." "(...) porque se nós passamos por algum mal é ela (família) que nos vai apoiar para nós ultrapassámos isso...não vai ser, por exemplo um a vir de fora da família (...)"	"(...) uma vez que ele está no curso (...) normalmente sou eu que me responsabilizo mais pelas coisas dela."

Relativamente à *coesão emaranhada* disfuncional (nível 7), é visível nas citações de ambas que existe uma proximidade emocional extrema entre as duas. Para Dora esta proximidade poderia ser aligeirada, pois para a mesma não é necessário que os pais se envolvam nos seus problemas, uma vez que como D. refere *"(...) já sou crescadinha...já sei tratar dos meus problemas sozinha..."*. Apesar desta necessidade de espaço pessoal manifestada por Dora, a mesma menciona a importância que a família tem para ela, *"(...) porque se nós passamos por algum mal é ela (família) que nos vai apoiar para nós ultrapassámos isso...não vai ser, por exemplo um a vir de fora da família (...)"*. Esta citação de D. é bastante interessante, pois ela demonstra que necessita do seu espaço, mas também sabe que ainda precisa da presença da sua família. De acordo com Alarcão (2008) essa consciência, por parte dos jovens adolescentes, de que ainda necessitam do apoio dos pais e da família mesmo estando a crescer, é essencial para a construção da sua identidade, e para a sua diferenciação e autonomia.

Ainda neste nível, a mãe justifica a sua elevada proximidade com a sua filha, onde refere que apenas possui uma relação muito próxima com Dora, porque está desempregada e por isso passa mais tempo em casa.

Tabela 13: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *flexibilidade flexível* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Flexibilidade Flexível	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Nível 5	<p>"Porque, primeiro decide um...não é? E depois os outros ouvem, se estiverem de acordo, estão (...)"</p> <p>"(...) se for alguma coisa que agrada aos três sim, se for uma coisa que agrada a só um, ou dois não, nem por isso...se for uma coisa que não agrada a nenhum aí também não..."</p> <p>"Não (é difícil mudar uma decisão), basta só nós concordamos em mudar e no que é que se vai mudar."</p> <p>"Tentamos não pensar no assunto (nos momentos difíceis)...tentamos nos acalmar e depois no dia seguinte se estivermos mais calmos falamos sobre isso."</p>	<p>"(...) a gente discute entre os três ou entre os dois, a decisão...e depois a gente vê qual é a melhor..."</p> <p>"Acho que quando são os momentos difíceis...como é que se diz...se apoiam mais."</p> <p>"Às vezes há consequências (...) se houver assim alguma quebra de regra pode haver uma consequência (...)"</p> <p>"Olha se tiver que haver uma mudança derivado sei lá, a um problema de saúde, ou qualquer coisa assim...claro que temos que arranjar maneira de organizar as coisas para podermos-nos orientar...como quando tive bastante mal no hospital (...) eles tiveram que se organizar (...)"</p>
Nível 6	<p>"Ah...depende da mudança na vida deles...se fosse para melhor, ficariam super felizes...se fosse para pior ficariam muito deprimidos (...)"</p>	

Tanto Dora como Manuela percebem *flexibilidade flexível* funcional (nível 5) no seu sistema familiar, principalmente no que diz respeito à forma de como as decisões são tomadas, pois ambas compreendem que existe uma negociação entre todos os membros. Para Dora, essas tomadas de decisão podem ser facilmente mudadas, "(...) *basta só nós concordamos em mudar e no que é que se vai mudar.*". Quanto às mudanças de rotina e à forma de como estas são lidadas pela família, de acordo com D. e M. é possível haver uma adaptação perante um novo acontecimento. Relativamente a esses novos acontecimentos D. cita "(...) *tentamos nos acalmar e depois no dia seguinte se estivermos mais calmos falamos sobre isso.*". Para Manuela existe não só uma *flexibilidade* funcional perante momentos novos, como também esses os motivam para se apoiar mais.

Quando se torna necessário mudar, a capacidade de perceber e de efetuar a mudança é, segundo Olson e Gorall (2003), uma condição fundamental que distingue os sistemas familiares e conjugais funcionais dos disfuncionais. O que vai de encontro aos resultados da tabela 13, em que o sistema conseguiu atingir níveis de *flexibilidade* funcionais. O funcionamento desta família tornou-se mais funcional, pois este sistema conseguiu democratizar e flexibilizar as regras essenciais para esta nova etapa do ciclo de vida familiar (Alarcão, 2008). A melhoria na *flexibilidade* familiar foi possível porque houve uma consciencialização da mãe para com a nova fase de vida em que a filha se encontra, e por isso

a consciência da necessidade de alguma democratização na liderança dos pais, onde está presente uma negociação e respeito pelas opiniões de Dora.

Tabela 14: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *flexibilidade caótica* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Flexibilidade Caótica	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Nível 7		"Não (as tarefas não são distribuídas), sou eu que faço tudo."
Nível 8	"Ninguém faz isso (distribuição das tarefas) (...) Porque somos os três preguiçosos (...)" "Isso é mais o meu pai (toma decisões de forma irrefletida e impulsiva)." "(...) na casa dos meus pais...não há regras."	"(...) devia haver mais organização, mas não há..." "Porque devia haver mais...mais regras desde o princípio que a gente se juntou (...)"

Relativamente ao nível 7, Manuela percebe uma *flexibilidade caótica* disfuncional (nível 7) no sentido da delegação e execução das tarefas, pois estas segundo a própria não são distribuídas, "*Não (as tarefas não são distribuídas), sou eu que faço tudo.*".

O nível extremado de *flexibilidade caótica* disfuncional (nível 8) é percebido por ambas, relativamente à inexistência de regras e de organização na casa. Ainda neste nível de *flexibilidade*, Dora refere que o seu pai quando toma decisões é de forma irrefletida e impulsiva. Para Manuela esta excessiva flexibilização está relacionada com o facto de todos os anos da sua vida em conjunto com o seu marido, nunca ter tido oportunidade para aplicar regras familiares, pois durante muitos anos a Dora teve problemas de saúde e de momento tanto o marido como a própria encontram-se desempregados. O que vai de encontro ao que os autores Sousa et al. (2007) referem, muitas das famílias pobres não conseguem arranjar disponibilidade física e emocional para estabelecerem regras e tarefas em casa, pois muitas das vezes essas tarefas surgem de forma impulsiva onde cada um faz aquilo que deseja no momento.

Tabela 15: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *comunicação positiva* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Comunicação	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Positiva	"(...) nós primeiro temos que ouvir todos, e depois ah...os outros que oíçam as nossas opiniões, depois no final de todos ouvirem, iremos voltar a perguntar se alguém tem mais alguma coisa a acrescentar (...)" "(...) Ouvimos aquilo que cada um tem a dizer (...)"	"(...) quando ela está triste eu quero saber o que é que se passa com ela (...)" "Sim, a gente quando...quando há algum problema tenta resolver da melhor maneira possível."

Dora entende haver uma *comunicação positiva* na sua família, principalmente quando é necessário tomar uma decisão, pois nessas alturas existe abertura e respeito pelas opiniões de todos. A mãe também entende existir uma *comunicação positiva* no seu sistema familiar, onde a abertura honesta dos sentimentos é encorajada "(...) *quando ela está triste eu quero saber o que é que se passa com ela (...)*".

Ao longo da intervenção incentivou-se uma abertura ao diálogo, onde ambas puderam expressar os seus sentimentos e relações, e explorar aquilo que a entrada para uma nova fase de vida, as fazia sentir, de forma individual e enquanto família. Esta abertura fomentou uma comunicação mais positiva dentro do sistema familiar, e fulcral para esta nova fase, pois de acordo com as autoras Pratta e Santos (2006) torna-se essencial a existência de comunicação numa família com adolescentes, uma vez que nesta etapa de grandes mudanças, o diálogo assume um meio de promoção de tranquilidade e de satisfação na família.

Tabela 16: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *comunicação ambivalente* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Comunicação	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Ambivalente	<p>"(...) temos os nossos desentendimentos...e temos os nossos entendimentos (...)"</p> <p>"O meu pai é raramente, a minha mãe às vezes...e eu muito raramente (partilhar sentimentos)."</p>	<p>"(...) Mas quando há algum assunto relacionado assim com qualquer coisa de decisão importante, sim...a gente conversa ou...às vezes...às vezes...às vezes a gente (M. e marido) não fala, outras vezes fala...conforme."</p> <p>"(...) A D. quando está triste, às vezes diz assim ó mãe não me apetece falar, e eu digo está bem (...)"</p>

Considerando a dimensão *comunicação ambivalente*, para Dora, não existe uma elevada empatia e partilha de sentimentos, "*O meu pai é raramente, a minha mãe às vezes...e eu muito raramente (partilhar sentimentos)*". Apesar do carácter ocasional da abertura dos sentimentos e das relações, Manuela fomenta a partilha de afetos, e confere espaço e respeito quando a sua filha não quer falar sobre o assunto, "(...) *A D. quando está triste, às vezes diz assim ó mãe não me apetece falar, e eu digo está bem (...)*". Relativamente à comunicação com o seu marido, Manuela salienta que em ocasiões onde é necessário conversar sobre assuntos importantes, existem vezes em que o casal conversa e outras em que não.

Tabela 17: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *comunicação negativa* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Comunicação	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Negativa	"Infelizmente não discutimos de forma calma."	"(...) a gente (M. e marido) não conseguimos desabafar um com o outro (...)" "(...) se eu lhe (marido e pai da D.) disser alguma coisa que não é do agrado dele, é que ele começa a mandar vir comigo (...)"

No que concerne à *comunicação negativa*, Dora considera não existir a possibilidade de discutirem sobre algum assunto de forma ponderada. Quanto à Manuela, esta entende haver uma comunicação negativa entre ela e o seu marido. Para Manuela, a *comunicação* entre os dois enquanto casal é bastante escassa, não existindo qualquer diálogo ou manifestação de sentimentos, sendo que quando Manuela procura abrir-se e expor a sua opinião, que não seja do agrado do marido, o mesmo responde com uma atitude hostil para com ela, "*(...) se eu lhe disser alguma coisa que não é do agrado dele, é que ele começa a mandar vir comigo (...)*". A visível baixa *comunicação* entre o casal, não promove uma relação funcional entre os dois, uma vez que na dinâmica dos cônjuges é crucial a existência de uma *metacomunicação*, pois esta oferece um espaço para comunicarem sobre os seus conflitos, esclarecerem certas interações e unirem-se (Alarcão, 2008).

Assim, percebe-se que ainda existem alguns conflitos onde não se consegue alcançar um consenso harmonioso. A comunicação negativa percebida por Manuela poderá estar relacionada com a fase de mudanças que todos os membros estão a vivenciar que fazem emergir conflitos naturais (Alarcão, 2008). Este facto também poderá estar relacionado com a dependência química por parte do cônjuge de Manuela, uma vez que segundo Silva (2003), os conflitos entre o casal têm uma maior prevalência em pares conjugais que convivem com um parceiro alcoólico.

Tabela 18: Resultados da análise de conteúdo da dimensão *alcoholismo* da entrevista final para a Família 2.

	Entrevista Final	
	Alcoholismo	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Conflitos	"(...) cada vez há mais problemas...e às vezes surgem, por causa do meu pai...quando ele está bêbado ele só faz (...) asneira atrás de asneira...às vezes não sabemos dele porque ele anda por aí a (...) não sabemos o que é que ele anda a fazer...e depois vêm bater à nossa porta a dizer que ele fez asneira...é o costume...já estamos habituadas, mas mesmo assim ficamos (M. e D.) revoltadas..."	
Padrão transgeracional	"(...) porque o meu pai, por exemplo, só quer pensar em bebida (...)" "(...) o meu avô às vezes batia nela (M.) ...tipo...ela não tinha culpa, e ele às vezes não tinha consciência (estava alcoholizado) do que lhe fazia (...)"	"(...) Com o primeiro, que era mesmo meu marido (falecido marido) (...) quando ele deixou a bebida...a gente desabafava muito um com o outro (...)" "Se ele (marido atual e pai da D.) por exemplo sair de casa e for para o café se embebedar pronto (...) isso, eu acho mal."
Fracasso no papel parental	"(...) ele quer dar o exemplo mas não consegue...ele é que nos atinge para o fundo (...) porque ele só sabe é ir beber com os amigos (...)"	

Relativamente à dimensão *alcoholismo*, salientam-se as categorias *conflitos*, *padrão transgeracional* e *fracasso no papel parental*. Uma vez que a única pessoa alcoólica neste sistema é o pai, e considerando que o mesmo nunca compareceu a nenhuma sessão, torna-se complexo compreender a função que este *alcoholismo* adotava nesta família.

Num sistema familiar onde o problema de alcoholismo permanece, são visíveis os constantes conflitos e tensões originados pelo alcoólico (Silva, 2003). Assim, a D. percebe um ambiente bastante receoso quando o pai fica embriagado, pois acredita que o mesmo vai originar atritos com alguém, "(...) *quando ele está bêbado ele só faz (...) asneira atrás de asneira (...)*", o que conduz a um clima de inquietação e revolta em casa, "(...) *e depois vêm bater à nossa porta a dizer que ele fez asneira...é o costume...já estamos habituadas, mas mesmo assim ficamos (M. e D.) revoltadas...*". Nesta última citação é perceptível que, apesar de Manuela não fazer alusão aos conflitos que o seu marido cria quando está bêbado, esta encontra-se subentendida na referência de Dora, "(...) *ficamos (M. e D.) revoltadas...*".

Nas citações de ambas encontra-se bem presente a existência de um *padrão transgeracional* que faz perpetuar o *alcoholismo* nesta família, tal como se pode perceber na citação de D. que refere que o seu avô batia na sua mãe, mas que por estar alcoholizado não tinha consciência daquilo que fazia, "(...) *o meu avô às vezes batia nela (M.) ...tipo...ela não tinha culpa, e ele às vezes não tinha consciência (estava alcoholizado) do que lhe fazia (...)*". Percebe-se assim que Manuela teve um relacionamento com a sua figura parental pautado

pelo alcoolismo. Nas únicas citações de Manuela, que se focaram unicamente na categoria *padrão transgeracional*, a mesma refere que as suas relações amorosas, quer com o seu falecido marido quer com o atual, foram e são marcadas por um problema de adição química (alcoolismo), "(...) *Com o primeiro, que era mesmo meu marido (falecido marido) (...) quando ele deixou a bebida...a gente desabafava muito um com o outro (...)*" e, "*Se ele (marido atual e pai da D.) por exemplo sair de casa e for para o café se embebedar pronto (...) isso, eu acho mal.*".

Compreendendo o *alcoolismo* com o foco no pai de Dora, para o autor Colle (1996; cit. por Sudbrack, 2001) o problema de adição não existe de forma individual, mas sim esse poderá ser mantido por meio de “aliados” que sustentam o vício através das suas dinâmicas. Neste sentido, o problema de *alcoolismo* deste pai também poderá estar relacionado com a necessidade dele se manter marginalizado face à relação de forte proximidade emocional entre a mãe e a filha.

Compreendendo o *alcoolismo* considerando a vivência de Manuela, foi perceptível que as duas relações amorosas que esta teve, foram ambas com figuras masculinas com problemas de dependência química, tal como a sua figura paterna. Do ponto de vista sistémico, a escolha por maridos alcoólicos como a sua figura parental, poderá revelar um sentimento de lealdade para com o *padrão* alcoólico que lhe foi apresentado na sua família de origem (Ortha & Moréb, 2008), preservando assim a *identidade alcoólica* dessa mesma (Trindade & Bucher-Maluschke, 2008), o que sugere que Manuela poderá não estar necessariamente diferenciada em relação a essa família (Alarcão, 2008). Manuela realizou assim uma escolha, onde optou por retomar ao equilíbrio (orientado pelo alcoolismo) que já conhecia (Trindade & Bucher-Maluschke, 2008), mesmo tendo essa infância sido saturada de conflitos, aflições e rancores associados ao álcool (Silva, 2003).

Dora fez também uma referência relativa ao fracasso do papel desempenhado pelo pai, onde refere que o mesmo só sabe beber e não consegue por isso dar o exemplo, e que por isso os está a conduzir para o "*fundo*", o que remete para uma incapacidade deste progenitor assumir um papel parental. No mesmo sentido, a autora Silva (2003) refere que o pai alcoólico, por estar tão envolvido no seu vício, não consegue assumir um papel de líder da casa, sendo que esse acaba por ser assumido pelos restantes membros da família.

Tabela 19: Resultados da análise de conteúdo das mudanças percebidas relativas às dimensões da Família 2.

	Entrevista Final	
	Mudanças Percecionadas	
	D. (Filha)	M. (Mãe)
Coesão	"Hoje em dia não me meto nos problemas da minha mãe."	"Da minha parte (houve mudanças) também, foi o espaço que eu dei a ela, para ela ter mais responsabilidade."
Comunicação	"(...) agora vejo que consigo perceber mais ou menos o que é que a minha família sente (Porque comunicamos mais) (...)" "(...) acho que ela (Mãe) começa a compreender o que eu sinto. (Porque comunicamos mais)" "As discussões diminuíram." "(...) ela (Mãe) fala mais baixo (...)"	"(...) se for preciso a gente (M. e marido) está uma semana sem se falar (...) agora as coisas (forma de como M. e o marido comunicam) andam mais coiso...mas já houve muitas vezes em que era cada qual (M. e marido) para o seu lado." "Em termos de não ser tão respondona...anda mais calma (a D.)."

Em jeito de conclusão, compreende-se que tanto a Dora como a Manuela perceberam mudanças ao nível da *coesão* e da *comunicação* familiar. Dora, contrariamente ao início da intervenção, salienta como mudança o não envolvimento nos problemas e assuntos relativos à sua progenitora, revelando assim a fronteira clara que se assumiu entre o *subsistema filial* e *parental*, que conduziu Dora a assumir o seu papel de filha adequadamente (Minuchin, 1988). Ainda na dimensão *coesão*, Manuela faz referência ao espaço, outrora não existente, que proporcionou à filha. O respeito pelo espaço pessoal, tão necessário a esta jovem adolescente (Alarcão, 2008) revela que esta mãe conseguiu estar aberta a uma adaptação e ajuste a esta nova fase de vida familiar, que transforma a todos os níveis o funcionamento e *estrutura* familiar (Molinari et al., 2010). Considerando a tabela 19, compreende-se que a relação entre ambas encontra-se numa *coesão* funcional, pois tanto a filha como a mãe foram capazes de atingir um equilíbrio entre a necessidade de *separação* e de *união* (Olson & Gorall, 2003).

Dora considera ainda que o trabalho realizado nas sessões promoveu uma *comunicação* mais *positiva*, sem discussões e com maior compreensão pelas mensagens e emoções do outro familiar, "(...) agora vejo que consigo perceber mais ou menos o que é que a minha família sente (...)" e "(...) acho que ela (Mãe) começa a compreender o que eu sinto.". Tal como Dora, a mãe também realçou mudanças na forma de como a filha comunica, referindo que através das sessões a filha D. passou a "(...) a não ser tão respondona...anda mais calma..." ou seja, favoreceu-se um espaço de diálogo positivo entre ambas. Considerando as citações de ambas relativamente à dimensão *comunicação*, percebe-se que esta intervenção favoreceu uma *comunicação* mais benéfica, crucial para esta jovem

adolescente, pois a partilha de informação e de sentimentos de forma positiva promove uma harmonia e satisfação no todo familiar (Pratta & Santos, 2006).

CONCLUSÃO GERAL

O objetivo do presente estudo consiste em avaliar a intervenção familiar realizada no contexto do projeto ORIENTA.TE. Para isso, formulou-se uma hipótese geral que remete para a afirmação de que a intervenção concretizada de nove e treze sessões com cada uma das famílias, tornará o funcionamento das respectivas mais funcional, seja ao nível da *coesão*, *flexibilidade* como da *comunicação*. Considerando os resultados obtidos através da observação e registo das dinâmicas familiares feita pelas técnicas, como por meio da realização de entrevistas *semi-estruturadas* a cada membro, verifica-se a concretização de mudanças que conduziram estas duas famílias para um funcionamento familiar mais funcional.

Relativamente à Família 1, tanto as técnicas (visível na figura 1) como os próprios participantes (visível nas tabelas) perceberam mudanças nas dimensões *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* familiar. Sendo que as alterações mais observáveis encontram-se na proximidade emocional entre o Rui e a Ana e entre o Rui e o César, pois assumiram uma *coesão* ligada, deixando de ser *emaranhada* e *desligada* respetivamente. Ao nível da *flexibilidade* familiar, a Família 1 conseguiu assumir níveis mais funcionais, contudo ainda disfuncionais de *flexibilidade* (*flexibilidade ligada* disfuncional), afastando-se assim de um ambiente caótico (*flexibilidade caótica* disfuncional) característico de um sistema familiar com problemas de dependência química (Silva, 2003). Verificaram-se igualmente mudanças na *comunicação* deste sistema familiar, pois esta caracterizava-se por uma completa ausência de empatia, respeito e escuta ativa por parte de todos os membros. A comunicação assumiu assim uma essência mais positiva, onde no momento final da intervenção a mesma apresentava ainda alguns discursos hostis, contudo na sua maioria essa *comunicação* organizava-se em torno de diálogos, e da partilha de sentimentos compreendidos e respeitados.

Não obstante esta investigação servir para avaliar as mudanças alcançadas nas dimensões *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* familiar, surgiu igualmente uma outra dimensão que foi considerada para a avaliação do funcionamento familiar, o *alcoolismo*. Considerando que a dependência química estava bastante presente neste sistema, compreende-se que provavelmente a Família 1 não conseguiu alcançar níveis funcionais nas três

dimensões acima referidas, pois a presença de membros alcoólicos no sistema familiar fomenta uma flexibilidade caótica onde não existem limites e regras (*flexibilidade*), favorece a presença de um ambiente saturado de conflitos (*comunicação*) (Silva, 2003), e estabelece, em torno do álcool, relações de dependência ditas *emaranhadas* (*coesão*) (Kaufman, 1985; cit. por Sudbrack, 2003). Assim, apesar de esta família não ter alcançado níveis funcionais nas respectivas dimensões avaliadas, a mesma conseguiu mudar de um funcionamento familiar extremado para um nível mais funcional. É de realçar também a mudança que todos os participantes deste sistema salientaram relativamente à conduta adicta da figura materna. Denotou-se assim notáveis mudanças no problema de alcoolismo da mãe, onde a mesma passou a consumir menos, o que sugere que a alteração das relações entre os membros desta família, fomentada através da intervenção, atenuou a dependência alcoólica por parte da progenitora (Bowen, 1974; cit. por Trindade & Bucher-Maluschke, 2008). Analisando os dados da avaliação, conclui-se que, como a Família 1 não atingiu os níveis de funcionalidade familiar, tais resultados não vão ao encontro da hipótese geral desta investigação.

Considerando os resultados dos dois momentos de avaliação, as sessões e a entrevista, reconhece-se que a Família 2 alcançou um funcionamento familiar funcional na sua *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação*. Relativamente à dimensão *coesão*, outrora *emaranhada*, este sistema alcançou um nível de *coesão ligada* funcional, em que tanto a mãe como a filha conseguiram ajustar-se a uma nova fase de vida que é a adolescência. Para isso foi necessário a fomentação por parte da mãe de um espaço pessoal para Dora, de modo a que a mesma crescesse de forma autónoma e saudável (Alarcão, 2008). No que diz respeito à *flexibilidade* deste sistema, esta tornou-se *flexível* funcional, onde tanto a filha como a mãe conseguiram compreender a importância dos *limites claros* entre os dois *subsistemas* (*filial* e *parental*), para o cumprimento adequado dos *papéis* de cada um (Minuchin, 1988), como também a mãe compreendeu a relevância que a negociação e a tolerância têm nesta fase da adolescência (Alarcão, 2008).

Quanto à *comunicação*, tanto as técnicas como as próprias participantes compreenderam mudanças nesta dimensão. Anteriormente à intervenção a *comunicação* entre ambas pautava-se por uma excessiva simetria, onde aquilo que uma dizia era de imediato concordado pela outra, sem qualquer tipo de manifestação dos seus próprios sentimentos, ou opiniões. No momento final da intervenção, a Família 2 alcançou níveis de *comunicação* bastante positivos, fomentados através da abertura honesta dos sentimentos de cada uma, o que permitiu esclarecer perspetivas e posições na respetiva relação. Deste modo, é perceptível que a existência de uma *comunicação positiva* entre ambas, tornou possível a existência de

uma relação mais funcional quer em termos da sua *coesão* como da *flexibilidade*, o que indica mais uma vez a importância desta dimensão para a fomentação de uma maior funcionalidade da *coesão* e *flexibilidade* familiar (Olson & Gorall, 2003).

McNeil et al. (2013) referem que o trabalho com as famílias é fulcral, porém não se deve descurar do importantíssimo trabalho colaborativo com outros serviços caso seja necessário. Neste sentido, ao longo das sessões compreendeu-se que Manuela apresentava uma depressão, e que por isso necessitava de um acompanhamento psicoterapêutico individual. Sob forma de uma intervenção colaborativa entre serviços de apoio, facultou-se o acompanhamento necessário à Manuela, assim a mesma iniciou uma psicoterapia a partir da sexta sessão da intervenção familiar.

Conclui-se que a Família 2 foi capaz de compreender uma nova realidade familiar construída em sessão, sendo que embora essa realidade tenha sido percebida por ambas como stressante, pois perturbou a *homeostase* familiar, tal provocou modificações na *estrutura* e no funcionamento da família (Minuchin, 1988). Percebe-se que apesar de ter sido possível atingir um nível de *coesão* funcional entre as duas, tal poderia ter-se tornado mais funcional ao nível do sistema familiar completo, caso o pai tivesse participado na intervenção, pois surgiriam outras dinâmicas que poderiam ser trabalhadas. Ainda assim, os resultados da Família 2 vão ao encontro da hipótese geral deste estudo.

Compreendendo os resultados finais de ambas as famílias participantes, poder-se-á supor que o facto da Família 1 não ter conseguido alcançar níveis funcionais na *coesão*, *flexibilidade* e *comunicação* familiar como ocorreu no caso da Família 2, poderá estar relacionado com a presença de patologia (alcooolismo) em todos os membros deste sistema (Família 1), sendo que nenhum deles era acompanhado nesse sentido. No caso da Família 2, apesar de ser constituída por um progenitor com problemas de dependência química, o pai alcoólico e a sua relação com as participantes da Família 2 não foram avaliadas e trabalhadas, uma vez que o mesmo nunca compareceu nas sessões de intervenção familiar. Outro dos fatores que poderá ter limitado os resultados da Família 1 pode estar relacionado com o momento de crise que a mesma estava a vivenciar no momento final da intervenção (a partir da 11ª sessão), que foi a entrada do filho César para um estabelecimento prisional, enquanto preso. Por último, é de referir que também poderá ter afetado os resultados finais deste estudo o facto de a Família 1 ter iniciado a presente intervenção apresentando níveis mais disfuncionais de funcionamento familiar, contrariamente à Família 2 que apresentava níveis intermédios de disfuncionalidade (confirmado nas figuras 1 e 2 respetivamente).

Limitações do estudo

Considerando a presente investigação verificou-se algumas limitações que poderão ter condicionado os seus resultados. Como primeira limitação salienta-se a amostra reduzida, pois apenas participaram duas famílias, o que dificulta a generalização destes resultados para a população em geral. Como limitação deste estudo destaca-se igualmente o facto de se ter utilizado um instrumento, guião de entrevista baseado na FACES IV, cuja FACES IV utilizada ainda se encontra em processo de validação para a população portuguesa (Gouveia-Pereira, Gomes, Martins, Miranda & Coutinho, 2015). Uma outra limitação foi o facto dos instrumentos de avaliação, a CRS e a FACES IV (Olson, 2000), não possuírem os mesmos níveis de avaliação do funcionamento familiar, sendo por isso a análise dos conteúdos das entrevistas terem sido analisadas segundo a FACES III (Olson, 1996; cit. por Olson, 2000). A presença de patologia (alcooolismo) sem qualquer acompanhamento direccionado para a mesma, poderá igualmente ter condicionado os resultados do estudo.

Propostas para estudos futuros

Atentando os respetivos condicionamentos deste estudo, sugere-se várias propostas para findar as limitações acima referidas, para estudos futuros. Relativamente à dimensão da amostra, propõe-se que esta seja aumentada para originar resultados mais fidedignos. Tendo em conta que nesta intervenção a amostra foi constituída por famílias que de alguma forma, directa ou indirectamente, eram afetadas pelo problema de adição química, seria interessante perceber a diferença de uma intervenção em famílias alcoólicas inseridas num programa individual para o alcoolismo, para contrastar com os resultados das famílias deste estudo, que não tiveram inseridas em nenhum programa de tratamento para a dependência química.

Seria igualmente proveitoso aplicar este estudo com famílias alcoólicas, onde ambos os pais estariam presentes na intervenção, sendo que um ou ambos os progenitores eram alcoólicos, para desta forma ter uma perspetiva mais completa de como o alcoolismo é vivenciado quer em termos do funcionamento familiar, como do casal.

Referências Bibliográficas

Alarcão, M. (2008). *(Des)equilíbrios familiares – uma visão sistémica* (3th ed.). Coimbra: Quarteto Editora.

Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar*. Lisboa: Climepsi Editores.

Diez, J. P. (1998). El modelado familiar y el papel educativo de los padres en la etiología del consumo de alcohol en los adolescentes. *Revista Española de Salud Pública*, 72 (3), 251-266.

Gaspar, T., Gonçalves, A., Ramos, V., & Matos, M. G. (2006). Desvantagem socio-económica, etnicidade e consumo de álcool na adolescência. *Análise Psicológica*, 24 (4), 495-508.

Gorall, D., & Olson, D. H. (1995). Circumplex model of family systems: Integrating ethnic diversity and other social systems. In, R. H. Mikesell, D. D. Lusteran, & S. H. McDaniel (Eds.), *Integrating family therapy: Handbook of family psychology and systems theory* (pp. 217-233). Washington, DC: American Psychological Association.

Gouveia-Pereira, M., Gomes, H., Martins, C., Miranda, M., & Coutinho, S. (2015). *Validação e adaptação da Escala de Avaliação de Coesão e Flexibilidade Familiar para a população portuguesa (FACES IV)*. (Em processo de validação.)

Johnson, L. N., Wright, D. W., & Ketring, S. A. (2002). The therapeutic aliance in home-based family therapy: Is it predictive of outcome?. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28 (1), 93-102.

Leonard, K. E., & Eiden, R. D. (2007). Marital and family processes in the context of alcohol use and alcohol disorders. *Annual Review of Clinical Psychology*, 3, 285-310.

Lourenço, S. T. V., & Fernandes, O. M. (2011). “O Álcool entre Nós”: impacto do consumo de álcool no casal. *Revista CES Psicologia*, 4 (2), 15-28.

McNeil, S. N., Herschberger, J. K., & Nedela, M. N. (2013). Low-income families with potential adolescent gang involvement: A structural community family therapy integration model. *The American Journal of Family Therapy*, *41*, 110–120.

Michael-Tsabari, N., & Lavee, Y. (2012). Too close and too rigid: Applying the circumplex model of family systems to first – generation family firms. *Journal of Marital and Family Therapy*, *38*, 105-116.

Minuchin, S. (1988). *Famílias: Funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (2007). *Working with families of the poor* (2nd Ed.). New York: The Guilford Press.

Minuchin, S., & Fishman, H. C. (2003). *Técnicas de terapia familiar*. São Paulo: Artmed.

Minuchin, S., & Lappin, J. (2011). Instructor's manual for Salvador Minuchin on family therapy. Psychotherapy.net.

Minuchin, S., Montalvo, B., Guerny Júnior, B. G., Rosman, B. L., & Schumer, F. (1967). *Families of the slums: An exploration of their structure and treatment*. New York: Basic Books.

Molinari, L., Everri, M., & Fruggeri, L. (2010). Family microtransitions: Observing the process of change in families with adolescent children. *Family process*, *49* (2), 236-250.

Moreno, R. S., Ventura, R. N., & Brêtas, J. R. S. (2009). Ambiente familiar e consumo de álcool e tabaco entre adolescentes. *Revista Paulista de Pediatria*, *27* (4), 354-360.

Navarre, S. E. (1998). Salvador Minuchin's structural family therapy and its application to multicultural family systems. *Issues in Mental Health Nursing*, *19*, 557- 570.

Nuño-Gutiérrez, B. L., & González-Forteza, C. (2004). La representación social que orienta las decisiones paternas al afrontar el consumo de drogas de sus hijos. *Salud Pública de México*, 46 (2), 123-131.

Olson, D. H. (1993). Clinical rating scale (CRS) for the circumplex model of marital and family systems. Minnesota: University of Minnesota.

Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.

Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: Validation study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3 (1), 64-80.

Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.) *Normal Family Processes* (3th ed.) (pp. 514-547). New York: Guilford.

Olson D. H., & Gorall D. M. (2006). FACES IV & the circumplex model. Life innovations. Recuperado de: <http://www.facesiv.com/pdf/3.innovations.pdf>.

Ortha, A. P. S., & Moréb, C. L. O. O. (2008). Funcionamento de famílias com membros dependentes de substâncias psicoativas. *Psicologia Argumento*, 26 (55), 293-303.

Paz, F. M., & Colossi, P. M. (2013). Aspectos da dinâmica da família com dependência química. *Estudos de Psicologia*, 18 (4), 551-558.

Penso, M. A., Costa, L. F., & Sudbrack, M. F. O. (2008). A transmissão transgeracional no estudo da relação adolescente, drogas e ato infracional. In M. A. Penso, & L. F. Costa (Orgs.), *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 143-164). São Paulo: Summos.

Penso, M. A., & Sudbrack, M. F. O. (2004). Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. *Psicologia USP*, 15 (3), 29-54.

Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. D. (2006). Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia, 11* (3), 315-322.

Relvas, A. P. (1996). *Ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.

Rojano, R. (2004). The practice of community family therapy. *Family Process, 43* (1), 59-77.

Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva, 8* (1), 299-306.

Schenker, M., & Minayo, M. D. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva, 10* (3), 707-717.

Silva, M. R. S. (2003). Família de alcoolista: O retrato que emerge da literatura. *Família, Saúde e Desenvolvimento, 5* (1), 9-18.

Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multi-problem poor families. *Journal of social work practice: Psychotherapeutic approaches in health, welfare and the community, 19* (2), 163-179.

Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S., & Grilo, P. (2007). *Famílias pobres: Desafios à intervenção social*. Lisboa: Climepsi Editores.

Sousa, L., & Ribeiro, C. (2002). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia, 19* (1-2), 169-191.

Sudbrack, M. F. (2001). Terapia familiar sistémica. In S. D. Seibel, & A. Toscano Júnior (Eds.), *Dependência de drogas*, (pp. 403-415). São Paulo: Atheneu.

Sudbrack, M. F. O. (2003). Terapia familiar e dependência de drogas: Construções teórico-metodológicas no paradigma da complexidade. In I. I. Costa, A. F. Holanda, F. Martins, & M. I. Tafuri (Orgs.), *Ética linguagem e sofrimento*, (pp. 273-293). Brasília: ABRAFIPP.

Summers, J., McMann, O., & Fuger, K. L. (1997). Critical thinking: A method to guide staff in serving families with mutiple changes. *Topics in early childhood special education*, 17 (1), 27-52.

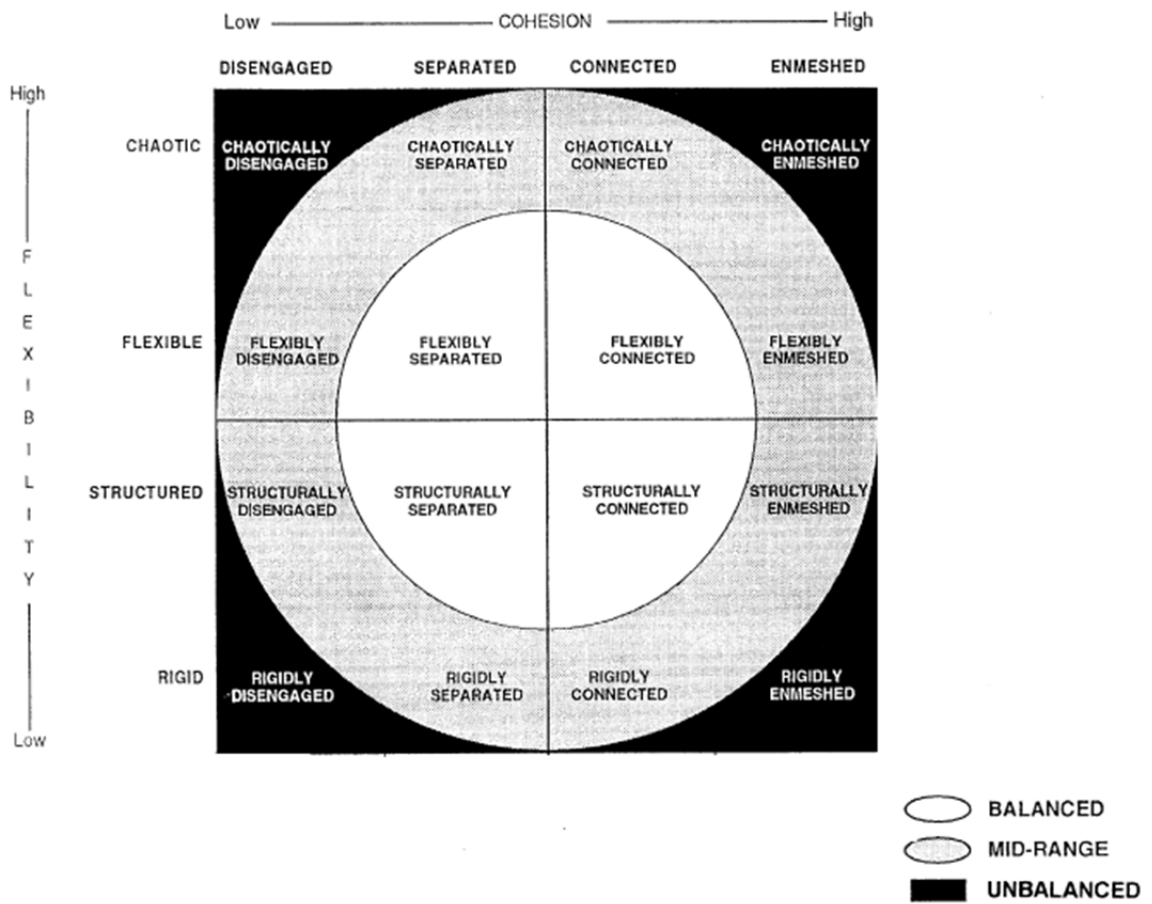
Trindade, E. M. V., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Considerações acerca da abordagem transgeracional de famílias alcoólicas. In M. A. Penso & L. F. Costa (Orgs.), *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (165-180). São Paulo: Summos.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Weiner, I. B. (1995). *Abuso de substâncias tóxicas*. In, B. I. Weiner (2th ed.), *Perturbações psicológicas na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

Anexo A – Configuração do Modelo Circumplexo de Olson (Olson, 2000)



Anexo B – Guião de entrevista: Versão Adulto

Autorização para gravação | Gostaria agora que me falasse um bocadinho sobre a sua família
| pode começar por onde quiser ... Como descreve a sua família...

COMUNICAÇÃO entre as pessoas da família

Todos se ouvem uns ao outros | Respeitam o que cada um diz | Sempre? S/N Porquê

Casal discute ideias, crenças e opiniões | e com os filhos | Porquê

Todas as pessoas satisfeitas com a forma como comunicam uns com os outros

Assuntos que dominam a conversa no casal | entre pais e filhos

COESÃO

Conversam para tomar decisões importante | Como fazem | Normalmente quem “ganha”

Há negociação ou domina a opinião de uma pessoa

COMUNICAÇÃO

Quando conversam em Família há espaço para partilhar sentimentos |

Respeito pelos sentimentos dos outros | Alguma situação marcante | Podem discutir
problemas de forma calma? | Todos ouvem o que outros têm a dizer? | Todos dizem a
verdade? | Todos dizem aquilo que sentem?

COESÃO

Na família costumam envolver-se nos problemas dos outros? | Em todos? | Como?

Gostava de mais ou menos envolvimento? | Porquê | Envolve-se nos problemas dos filhos?

Em todos? | Porquê? | Como o faz?

Costuma partilhar experiências com a família? | Porquê | Mais exps posit. ou negat. | Porquê

Na sua Família como discutem os problemas? | Como lidam com o *stress*

Conversam em família para tomar decisões importantes? | Como o fazem?

COMUNICAÇÃO

Se quisesse classificar a comunicação na sua família como a classificaria | Porquê

COESÃO

Fale-me um pouco da sua relação com os seus filhos | Como a classifica | Porquê

Como sente a relação com os seus próprios pais? (intergeracionalidade)

O que acha que a sua família sente/manifesta em relação a si? (hostilidade, afeto, indiferença)

Quando tem problemas de preferência a quem os conta? (problemas escolares/profissionais; problemas sentimentais; outro problema pessoal) | Porquê | Sabe que pode contar com quem | Porquê | Dentro da sua família com quem se dá melhor | Porquê

Com quem gosta de passar mais tempo na sua família | Porquê | A sua família é uma referência para si? | Como e porquê

Que atividades costuma realizar com a sua família | Quais as que gostaria de fazer mais ou menos | Porquê | Acha que passa tempo suficiente em família | Porquê

Como é aproveitado esse tempo? | Gostaria de passar mais ou menos tempo em família?

Diria que se dá melhor com pessoas fora da sua família ou não precisa de pessoas “especiais” fora de casa | Porquê | Quem?

Os seus amigos costumam ir a sua casa? | Gosta que isso aconteça | Sente-se à vontade | É hábito os seus filhos receberem amigos lá em casa?

Os membros da sua família conhecem bem os amigos dos outros membros da família?

Quando alguém da sua família está fora de casa a fazer coisas sem a família, isso é bem aceite por todos os membros da sua família?

Quando estão em casa, as pessoas da sua família passam a maior parte do tempo juntos ou evitam estar uns com os outros?

Os elementos da sua família precisam muito uns dos outros ou não precisam muito uns dos outros? | Porque? | Nessas alturas o que fazem | Como é que se vê que precisam/não precisam muito uns dos outros?

Ou o que fazem as pessoas que precisam/não precisam que mostre que elas de facto precisam/não precisam dos outros?

Quando surge um novo problema na sua família, acha que todos procuram maneiras

diferentes e novas de lidar com o problema

FLEXIBILIDADE

Acha que a sua família é uma família organizada, ou não? | Porquê | (Há hierarquias)

Como se organizam na dinâmica do dia-a-dia? | As tarefas são distribuídas? Cada um tem as suas tarefas para fazer ou não? | Fazem aquilo que gostam mais ou são impostas?

Quando há uma mudança na rotina que costumam ter, como é que a sua família reage?

Todas as famílias têm momentos difíceis, nessas situações como é que reagem? |

Apoiam-se uns aos outros ou discutem mais?

Quando é preciso tomar decisões quem decide? | Porquê |

Essas decisões são bem aceites pelos outros elementos | Porquê

Partilha a liderança da família com o seu marido/mulher de forma igual?

Quem costuma orientar a distribuição das tarefas | Porquê

Sente que as regras estão bem definidas, são claras? | São respeitadas | Porquê

As regras são negociadas ou são impostas? | Por quem | Porquê essa pessoa | A opinião de todos interessa para a definição das regras? (p.ex. horas de chegada etc.)

Se pudesse mudava algumas regras? | Quais? | Porquê

As decisões são tomadas irrefletidamente e impulsivamente por qualquer membro da família?
| Como é que acontece? (Exs) | Quando uma decisão é tomada na sua família, é difícil mudar essa decisão?

Quais são as regras que considera funcionais e não funcionais na sua família |

Quando essas regras são quebrada há consequências? | Quais ? | Acha que é claro e fácil de perceber as consequências que podem acontecer quando alguém da sua família faz algo errado? | Considera ter uma família com regras e disciplina justas?

Acha que os papéis na sua família estão bem definidos?| Pode-me explicar como funcionam...

SATISFAÇÃO

O que deseja que mude na sua família? Acha que o processo que vamos iniciar todos juntos o podem ajudar? | Em quê? | Como se pode traduzir essa ajuda na sua vida? | O que gostaria que mudasse?

Acha que estas sessões têm ajudado? | Em que? | Como se traduz essa ajuda na sua vida?

Sente que tem havido mudanças em si? | Quais? | O que desejaria que mudasse? |

E com os seus filhos, sente que tem havido mudanças? | Quais?

O que gostaria que mudasse?

Como se sente agora

Quer acrescentar mais alguma coisa... Dizer mais alguma coisa...

Obrigada

Guião de entrevista: Versão Jovem

Autorização para gravação | Gostaria agora que falasses um bocadinho sobre a tua família |
podes começar por onde quiseres ... Como descreves a tua família...

COMUNICAÇÃO entre as pessoas da família

Todos se ouvem uns ao outros | Respeitam o que cada um diz | Sempre? S/N Porquê

Discutes ideias, crenças e opiniões com os teus pais | Porquê

Todas as pessoas satisfeitas com a forma como comunicam uns com os outros

Assuntos que dominam a conversa com os teus pais

COESÃO

Sentes que tens espaço para a tua privacidade? | Ou os teus pais querem saber tudo?

É igual com o teu pai e com a tua mãe? | Conversam para tomar decisões importante | Como
fazem| Normalmente quem “ganha” | Há negociação ou domina a opinião de uma pessoa

COMUNICAÇÃO

Quando conversam em Família há espaço para partilhar sentimentos |

Respeito pelos sentimentos dos outros | Alguma situação marcante |

Podem discutir problemas de forma calma? | Todos ouvem o que outros têm a dizer?

Todos dizem a verdade? | Todos dizem aquilo que sentem?

COESÃO

Na família costumam envolver-se nos problemas dos outros? | Em todos? | Como?

Gostavas de mais ou menos envolvimento? | Porquê | Costumas partilhar experiências com a
família? | Porquê | Mais exps posit. ou negat. | Porquê | Na tua Família como discutem os
problemas? | Como lidam com o *stress*

Conversam em família para tomar decisões importantes? | Como o fazem?

COMUNICAÇÃO

Se quisesses classificar a comunicação na tua família como a classificarias | Porquê

COESÃO

Fala-me um pouco da sua relação com os teus pais | Como a classificas | Porquê

Como sentes a relação com dos teus pais com os teus avós? (intergeracionalidade)

O que achas que a tua família sente/manifesta em relação a si? (hostilidade, afeto, indiferença)

Quando tens problemas de preferência a quem os contas? (problemas escolares/profissionais; problemas sentimentais; outro problema pessoal) | Porquê | Sabes com quem podes contar | Porquê | Dentro da tua família com quem te dás melhor | Porquê | Com quem gostas de passar mais tempo na tua família | Porquê

A tua família é uma referencia para ti? | Como e porquê

Que atividades costumam realizar com a tua família | Quais as que gostarias de fazer mais ou menos | Porquê | Achas que passas tempo suficiente em família | Porquê

Como é aproveitado esse tempo? | Gostarias de passar mais ou menos tempo em família?

Dirias que te dás melhor com pessoas fora da tua família ou não precisas de pessoas “especiais” fora de casa | Porquê | Quem?

Os teus amigos costumam ir a tua casa? | Gostas que isso aconteça | Sentes-te à vontade | É hábito os teus pais receberem amigos lá em casa?

Os membros da tua família conhecem bem os amigos dos outros membros da família?

Quando alguém da tua família está fora de casa a fazer coisas sem a família, isso é bem aceite por todos os membros da tua família?

Quando estão em casa, as pessoas da tua família passam a maior parte do tempo juntos ou evitam estar uns com os outros?

Os elementos da tua família precisam muito uns dos outros ou não precisam muito uns dos outros? | Porque? | Nessas alturas o que fazem | Como é que se vê que precisam/não precisam muito uns dos outros?

Ou o que fazem as pessoas que precisam/não precisam que mostre que elas de facto precisam/não precisam dos outros?

Quando surge um novo problema na tua família, achas que todos procuram maneiras diferentes e novas de lidar com o problema?

FLEXIBILIDADE

Achas que a tua família é uma família organizada, ou não? | Porquê | (Há hierarquias)

Como se organizam na dinâmica do dia-a-dia? | As tarefas são distribuídas? Cada um tem as suas tarefas para fazer ou não? | Fazem aquilo que gostam mais ou são impostas?

Quando há uma mudança na rotina que costumam ter, como é que a tua família reage?

Todas as famílias têm momentos difíceis, nessas situações como é que reagem? |

Apoiam-se uns aos outros ou discutem mais?

Quando é preciso tomar decisões quem decide? | Porquê | Essas decisões são bem aceites pelos outros elementos | Porquê

Os teus pais partilham a liderança da família de forma igual?

Quem costuma orientar a distribuição das tarefas | Porquê

Sentes que as regras estão bem definidas, são claras? | São respeitadas | Porquê

As regras são negociadas ou são impostas? | Por quem | Porquê essa pessoa | A opinião de todos interessa para a definição das regras? (p.ex. horas de chegada etc.) Se pudesses mudavas algumas regras? | Quais? | Porquê

As decisões são tomadas irrefletidamente e impulsivamente por qualquer membro da família? | Como é que acontece? (Exs) | Quando uma decisão é tomada na tua família, é difícil mudar essa decisão?

Quais são as regras que consideras funcionais e não funcionais na tua família |

Quando essas regras são quebradas há consequências? | Quais ? | Achas que é claro e fácil de perceber as consequências que podem acontecer quando alguém da tua família faz algo errado? | Consideras ter uma família com regras e disciplina justas?

Achas que os papéis na tua família estão bem definidos? | Podes-me explicar como funcionam

SATISFAÇÃO

O que desejas que mude na tua família? Achas que o processo que vamos iniciar todos juntos te pode ajudar? | Em quê? | Como se pode traduzir essa ajuda na tua vida? |

O que gostarias que mudasse?

Achas que estas sessões têm ajudado? | Em que? | Como se traduz essa ajuda na tua vida?

Sentes que têm havido mudanças em ti? | Quais? | O que desejarias que mudasse? |

E com os teus pais, sentes que têm havido mudanças? | Quais?

O que gostarias que mudasse?

Como te sentes agora

Queres acrescentar mais alguma coisa... Dizer mais alguma coisa...

Obrigada

Anexo C – Exemplo da grelha de cotação da *Clinical Rating Scale*

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Lazo Emocional								
Envolvimento Familiar								
Relação Conjugal								
Relação Pais-Filhos								
Fronteiras Internas								
Fronteiras Externas								
Global Coesão								

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança								
Disciplina								
Negociação								
Papéis								
Regras								
Global Flexibilidade								

Comunicação	Baixa <----- Facilitação-----> Alta					
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia						
Audição Atenta						
Capacidade de Falar						
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros						
Interrupções						
Revelações pessoais						
Clareza						
Continuidade/Seguimento						
Respeito e Consideração						
Global Comunicação						

Anexo D – Exemplo de uma das entrevistas finais

Entrevistadora: P.M.

Entrevistado: Rui

Data: 31 de Julho de 2015

Entrevistadora: "Boa tarde M.. "

Manuela: "Boa tarde. "

E.: "Ah..bem, como já tínhamos combinado a semana passada, vamos dar início à entrevista. Vou gravá-la para não estar a escrever à sua frente, mas o seu nome não vai estar em nenhuma parte desta entrevista, e é só para eu ver e a M.M....Ah, eu para começar gostava que a M. falasse um bocadinho da sua família. "

M.: "Ah...da família geral ou..."

E.: "Aquela que é a sua família, do seu marido e filha... "

M.: "Ah...pronto...o meu marido pronto...tem quarenta e sete anos, chama-se L. F. S. M., já estou com ele à dezasseis anos...ah...conheci-o no meu trabalho, em que estava a trabalhar na J...ah...tenho uma filha com doze anos, é...fruto do meu relacionamento com ele, que chama-se D. S. G. S. , ah...tanto um como o outro são...ah...uma boa filha, e ele também tem sido um bom pai e um bom marido...ah...e pronto...e depois temos alturas em que estamos bem e alturas em que estamos mal...mas isso é qualquer relacionamento...ah...as coisas começaram a ficar um bocado mais difíceis, ah derivado...pronto...ah...a um problema de saúde que eu tive e ah...depois a fábrica começou a entrar em...em...sem dinheiro...começou a haver falta de dinheiro...ah, até que pronto...o pessoal...os donos fecharam a fábrica, e o pessoal veio para o fundo do desemprego...e neste momento estou desempregada eu e o meu marido. Ele está a tirar um curso, e eu estou à espera se vou tirar um curso, ou não. E...e é assim...ah...como eu lhe disse, foi um problema de...saúde, ah...tirei o peito...depois tive, derivado à quimioterapia, tive internada...porque estava com o sistema imunitário muito em baixo...depois tive um problema de...uma infeção pulmonar, como os médicos se enganaram a dizer que eu tinha cancro por todo o lado, tinha só seis meses de vida...isto foi muito complicado para ele...ah...como ele não dava conta do caso, tive que chamar a minha mãe para ela vir tratar de mim aqueles meses até eu...pronto...arrebatar...até que pronto...depois

ela foi-se embora. Ah...tudo isso...ah...veio ficar com...falta de trabalho, falta de saúde, essas coisas todas veio...veio a complicar ainda mais o problema que já tinha, que eu não sabia que tinha, mas veio, veio a abrir feridas...que foi uma...uma depressão que eu tive e tenho...ainda continuo em tratamento, tanto que eu estou com um psiquiatra em Cascais e com a psicóloga, a Dra. I. S. , neste momento está parado porque ela foi de férias e só regressa em setembro. Ah...depois encontrei aqui apoio no ORIENTA.TE, com a P.M. e a M.M. ... através da D. comecei a vir aqui às sessões...ah...de família...pronto falta cá um elemento mas pronto...como a P.M. diz e a M.M. , faltava cá o principal. E de resto é isto que se resumo a..."

E.: "A sua família... "

M.: "Sim. "

E.: "Ok. A M. acha que todos se ouvem uns aos outros? "

M.: "Acho que não, acho que hoje em dia falta muito às pessoas...diálogo..."

E.: "E na sua família, acha..."

M.: "Acho que há falta de diálogo...não...eu não estou a dizer, pronto...ah comigo, com o meu marido e com a miúda...ah...há. Mas há conversas que nós...que nós não conseguimos falar um com o outro. "

E.: "Ok. "

M.: "Porque a gente não quer...ou coisa assim...é porque a gente não conseguimos desabafar um com o outro, aquilo que ele sente e aquilo que eu sinto. E é mais fácil eu dialogar com outra pessoa estranha, do que propriamente com ele. E sempre foi assim! Não é de agora, sempre foi assim. "

E.: "Ok. E com a D. também? "

M.: "Com a D. não...com a D. eu...pronto às vezes quando ela...quando ela tem certos problemas que eu possa resolver ou ajudar, ela conversa comigo. Agora quando há outras coisas que eu não possa ajudar, ou...ou...é mais se calhar eu ir procurar ajudar com outras

peessoas que sejam...pronto que tenham outra...como é que eu hei-de dizer? Outra cultura sei lá...uma coisa mais diferente de...de mim. "

E.: "Ok. Como mãe e filha vocês comunicam mais, é isso? "

M.: "Sim, sim. "

E.: "Ok. E respeitam aquilo que cada um de vocês os três diz? "

M.: "Sim. A gente tenta fazer o máximo para...pronto para convivermos dentro dos possíveis, para não haver atritos nem chatices. "

E.: "E acha que se respeitam uns aos outros sempre? "

M.: "Sempre...não é sempre, às vezes...depende. "

E.: "Porque é que acha que é depende? "

M.: "Sei lá...porque pronto...como eu te estava a dizer à bocado antes de a gente começarmos a entrevista...no caso dela não dormir, não dorme e não deixa dormir...acho que isso também é...pronto, eu sei que ela também está num fase complicada, mas acho que isso também é uma falta de...de respeito...em termos de, de...para mim. Não descansa, e não me deixa descansar. "

E.: "Ok. "

M.: "Acho que pronto...é isto. "

E.: "Você sente que, enquanto casal...vocês os dois...vocês discutem ideias e opiniões com a D.? "

M.: "Bom...ah...algumas coisas discutimos com a D., outras coisas não...mas pronto, do que está relacionado com a D. a gente conversa...pronto sobre a saúde dela, ou sobre as coisas da escola...a escola...ah...outras coisas que pronto, o pai às vezes queira saber...e como ele não está em casa, ele não sabe...pronto, a gente fala...eu digo a ele e...essas coisas...Todas as coisas que eu converso com ela, eu converso com ele...ou seja, seja da escola, seja das notas...da escola, seja o que for ele quer saber. "

E.: "O próprio pai também vai perguntar à D. sobre essas coisas, ou é só a mãe? "

M.: "Ah não, às vezes também pergunta, como há essas coisas de ela não vir aqui aos computadores, que ele quer saber se houve algum problema aqui com vocês. E eu disse não, ela não vai aos computadores porque não tem...diz que é uma seca, que não tem atividades. "

E.: "E agora eles também têm o *facebook* no telemóvel..."

M.: "Pois, o *facebook*..."

E.: "O quê? "

M.: "O *facebook*..."

E.: "Sim, ela tem o *facebook* no telemóvel, e eles o que fazem lá em cima é jogos de rapazes ou é *facebook*...e como ela tem *facebook*, ela..."

M.: "Pois é, agora o pai também tem agora um telemóvel que tem internet, tem um cartão que tem internet...é mensalidade...paga-se só a fatura. E então tem internet, e ela vai lá...põe o cartão do pai no outro telemóvel novo, e vai ao *facebook*. "

E.: "Ok. E sente que todas as pessoas da sua família ah...estão satisfeitas com a forma de como comunicam uns com os outros? "

M.: "Podia...às vezes...às vezes podia haver um bocadinho mais de diálogo. Sim...mas, acho que está dentro dos normais. "

E.: "Estão todos satisfeitos com essa comunicação? "

M.: "Sim. "

E.: "Dê-me um exemplo dos assuntos que dominam a conversa entre os pais e a filha? "

M.: "A maior parte das é...pronto é...ou é...às vezes as novelas, ou é...pronto, coisas relacionadas às vezes com os irmãos dela, ah...no meu caso, no meu caso de outros pais não sei...mas sim, há coisas...coisas sobre o curso que ele está a tirar...ah...às vezes quando vou ao médico, ele pergunta-me o que é que a médica me disse, ou o que é que se passa...ou...pronto

coisas assim normas...ou quando tem de sair para algum lado, e pergunto aonde é que ele vai...ou se ele vai trabalhar ou...essas coisas assim do dia a dia. "

E.: "Ok. E vocês conversam quando há uma decisão importante para tomar, vocês conversam todos? "

M.: "Sim. Por acaso, estava a falar com ele sobre...sobre as coisas da...pronto da, da D. para a escola...e ele estava a dizer sim, eu sei...agora vou...tenho que te ajudar a comprar o material da escola...eu já lhe tinha pedido ajuda porque eu pronto...não ia...sozinha não consigo. E...e ele disse sim, eu sei que tenho de ajudar. E tivemos a falar sobre o assunto, que ele me disse que lhe tiraram dinheiro para as finanças, o banco descontou-lhe dinheiro para as finanças...queria saber porquê...tinha de ir saber porquê. Mas quando há algum assunto relacionado assim com qualquer coisa de decisão importante, sim...a gente conversa ou...às vezes...às vezes...às vezes a gente não fala, outras vezes fala...conforme. "

E.: "Mas a maioria das vezes, quando há uma decisão importante vocês falam... "

M.: "Sim, sim. "

E.: "Então e como é que vocês costumam fazer quando é para falar sobre uma decisão importante, costumam falar os dois? "

M.: "Sim, às vezes a gente fala sobre certos e determinados assuntos que não sejam a...pronto relacionado só com a gente os dois, não seja com a D.. "

E.: "E quando é sobre a D., falam os três? "

M.: "Sim, falamos os três. "

E.: "Ok. Normalmente, quando é para tomar uma decisão importante entre os elementos da família, normalmente quem é que tem a decisão final? "

M.: "Oh...pronto...normalmente é ele, porque...eu opto mais pelos assuntos relacionados com a casa e com...com...com a comida...com a educação da D., em termos da escola, e essas coisas todas...as reuniões da escola. Tudo o que é relacionado com a casa e com a D. sou eu, mas pronto...outras coisas relacionados com outros assuntos é ele, que dita as normas, às vezes. "

E.: "E esses assuntos que ele trata...dê me um exemplo. "

M.: "Assuntos relacionados com coisas dela...por exemplo agora este assunto de...de uma casa que ele tinha...que ele comprou para a irmã, pediu um empréstimo para a irmã...mas quem ficou a pagar foi a irmã. Só que os culpados são os fiadores...e como ela não pagava a prestação ao banco, o banco ficou com a casa, e ele está a pagar os juros entre todos...uma vez que a mãe era também fiadora, uma vez que a mãe morreu aquilo passou a ser todos a pagarem um x todos os meses...e isso é com ele, alguns assuntos que sejam coisas dele, é com ele. O resto, como eu já disse, em termos de casa, comida, outras coisas mais...sou eu. "

E.: "Ok, ok. E sente que quando tem de tomar uma decisão em família, há negociação entre todos, ou seja, cada um expõe a sua ideia e negociam, ou domina sempre a opinião de uma pessoa. "

M.: "Não. É sempre...é quando sempre a opinião de um...pronto a gente discute entre os três ou entre os dois, a decisão...e depois a gente vê qual é a melhor... "

E.: "Negociam... "

M.: "Sim! Qual é a melhor para aquele assunto. "

E.: "Ok. E quando vocês conversam em família, há espaço...ou seja, vocês partilham sentimentos, aquilo que estão a sentir? "

M.: "Não...nem...nem sempre, porque...ele é muito...ah...como é que eu hei de dizer...ele é muito reservado. Ele é aquela pessoa que...ah...guarda tudo para ele, é muito raro...pelo menos comigo, desabafar certas e determinadas coisas. Eu, eu também com ele também há certas coisas que eu também não consigo desabafar. É...vêm-me as lágrimas (emocionada)...não, não...não...não consigo desabafar. É mais fácil, como eu disse...é mais desabafar com um, com um desconhecido do que desabafar com ele. "

E.: "Com ele... "

M.: "Com quem eu desabafava muito era com o meu falecido marido. Com o primeiro, que era mesmo meu marido...com esse eu desabafava, quando ele deixou a bebida...a gente desabafava muito um com o outro...porque ele também, não quer dizer que este não seja meu amigo, mas o outro era meu amigo. Ah...e foi, como se diz...foi o meu primeiro amor, e então

com este eu não...não consigo...não quer dizer que ele não seja meu amigo, não consigo desabafar...não sei porquê, não consigo... "

E.: "E com a D. também costumam...a D. quando está triste... "

M.: "Sim, eu quero saber pronto, quando ela está triste eu quero saber o que é que se passa com ela, porque pronto às vezes ela pode ter qualquer problema que eu tenha que ir resolver, ou ...ou essas coisas todas...pronto alguma chatice da escola, ou algum problema que alguém lhe tenha feito mal, ou...estou sempre, seja com ela seja com...como há oito dias fui ao hospital com a irmã dela, não me é nada, é minha enteada...mas pronto, o mesmo que eu fiz...faço à minha, faço aquela, não...mas tudo o que está relacionado com a D., até mesmo um assunto que houve num problema que houve na escola primária, eu prontifiquei-me a ir com ela ao...aos médicos, à polícia, aqui...tive que ir...fomos sempre com ela, tanto eu como o pai...toda a saúde dela está em primeiro lugar...não quer dizer que a minha também não esteja, mas ela está sempre em primeiro lugar, seja para saúde, seja para comida, seja para roupa, seja para o que for ela está sempre em primeiro lugar. "

E.: "Ok. E por exemplo, quando a D., você ou o pai, pronto...expõe a alegria, mostram alegria, ou mostram tristeza, vocês respeitam os sentimentos uns dos outros? "

M.: "Sim, sim, às vezes...às vezes ela não quer falar sobre...sei lá, qualquer coisa, e eu respeito...não quer falar, não quer falar. A D. quando está triste, às vezes diz assim ó mãe não me apetece falar, e eu digo está bem mas eu quero saber o que é que se passa...ó mãe não me chateias, não quero falar. Pronto, e ela às vezes lá pergunta mãe o que é que tu tens e eu digo, não deixa estar, não é nada. Às vezes...não é que eu não queira dizer a ela, não...é para tentar não preocupá-la...quando é coisas tristes, quando é coisas alegres também partilho com ela e com o meu marido. Ainda ontem ela estava no *facebook* do pai, e estava a ver uns comentários de uma fotografia da...da irmã com o irmão, e estávamos as duas na brincadeira, eu já estava na cama...não estava a dormir, e ela estava a ver a fotografia do irmão e da irmã, e estávamos a rir as duas dos comentários. "

E.: "Ok. Ah...por exemplo, vocês quando discutem algum problema, vocês discutem de forma calma ou pelo contrário? "

M.: "Depende das situações, às vezes...às vezes salta-me a tampa com o que eles dizem, e discuto...e às vezes, e às vezes a ele também salta-lhe a tampa, discute, e vai um para cada

canto. A gente não fala mais, se for preciso a gente está uma semana sem se falar. É assim, já tem acontecido muitas vezes, agora as coisas andam mais coiso...mas já houve muitas vezes em que era cada qual para o seu lado. "

E.: "Ok. E vocês ouvem aquilo que cada um tem para dizer, quando há assim algum problema? "

M.: "Sim. "

E.: "Sim? "

M.: "Sim, a gente quando...quando há algum problema tenta resolver da melhor maneira possível. "

E.: "Ok. E todos dizem a verdade? Quando alguém tem alguma coisa a dizer... "

M.: "Às vezes, nem sempre...às vezes, nem sempre. "

E.: "E todos dizem aquilo que sentem? "

M.: "Não, a maior parte das vezes não...a maior parte das vezes a gente não, pronto...tem de omitir algumas coisas. "

E.: "Ok. Na vossa família, os três, costumam-se envolver nos problemas uns dos outros? "

M.: "Sim, quando, sim...quando se relaciona com, com...com nós os três, tudo bem. Agora quando, seja outra coisa que ah...que pronto não seja de nós os três, quando é assuntos relacionados com...outros elementos da família, portanto da parte dele, que não...perdão...que não me dizem respeito, eu não me meto. Quando há certos assuntos que se relacionam com a minha, da minha parte...com os meus, ele também tenta não se meter, desde que isso não prejudique a gente. Se prejudicar, claro temos de nos meter. "

E.: "Ok. E se por exemplo há algum problema com a D.... "

M.: "Bom, com a D. sim. A gente tenta resolver, só se ele não poder. "

E.: "Em todos os problemas da D., ou só aqueles que vocês acham? "

M.: "Não, em todos os problemas que se relacionam com ela...como sou eu que estou mais tempo em casa, sou eu que tenho mais essa tarefa, uma vez que ele está no curso. E quando ele não está no curso, não está a trabalhar...está a descansar. Mas normalmente sou eu que me responsabilizo mais pelas coisas dela. "

E.: "O pai não se mete tanto? "

M.: "Não, porque pronto, ele também a maior parte das vezes não está em casa, só vai...chega a casa às três, três e pouco...conforme ele apanhe o autocarro...não quer dizer que ele não se meta, não quer dizer que ele não queira saber, mas como sou mais eu, depois eu comunico as decisões. "

E.: "E ele também se preocupa como a M.?" "

M.: "Sim, porque ele sempre se preocupou com os filhos. "

E.: "Ok. Como é que vocês costumam envolver-se nos problemas uns dos outros? "

M.: "Hum... "

E.: "Quando alguém tem algum problema, você, o seu marido ou a filha, como é que vocês costumam envolver-se nos problemas uns dos outros? "

M.: "Tentamos saber, pronto, o que é que se passa...pronto... "

E.: "Vão ter com a filha, vai ter com o seu marido, ou vão ter consigo... "

M.: "Sim, tentamos perceber o que é que se passa...quando foi isto do meu problema de saúde, eu comuniquei logo a ele o que é que a médica tinha dito. E depois pronto ele foi ah...é assim às consultas propriamente ele não foi...foi muito raro ele ir comigo. Só foi aos tratamentos, aos tratamentos ele ia comigo...ah...agora...a consultas assim...antes de, de...ai...quando fui operada das duas vezes ele também me foi lá ver...e sempre esteve presente em tudo, em tudo, ainda hoje...ainda hoje quer saber. Com outros assuntos ele também quer saber, seja o que for, ele também quer saber. "

E.: "E com a vossa filha, como é que se envolvem no problema dela? "

M.: "Eu pronto, como eu disse...como eu estou mais em casa, tento perceber mais como é que ela está. Se há algum problema, se está tudo bem com ela...ver onde é que ela anda...ver com quem é que ela fala, e essas coisas...porque pronto, ela ainda é nova, é uma adolescente...e o mundo hoje está um bocado perigoso, e eu tento saber onde é que ela anda, e o que é que ela, com quem é que ela vai e...a que horas sai da escola e...e essas coisas todas. "

E.: "Ok. Gostava que houvesse mais ou menos envolvimento? "

M.: "Não, acho que...acho que devia haver um bocadinho mais... "

E.: "Ou seja, vocês envolvem-se nos problemas uns dos outros, e gostava que houvesse mais ou menos envolvimento? "

M.: "Não, problema não queria, queria era que houvesse mais, mais diálogo, às vezes... "

E.: "Mais diálogo... "

M.: "Sim. "

E.: "Ok. E quando há problemas vocês envolvem-se, mas gostava que ainda se envolvessem mais ou um bocadinho menos, ou seja, se afastassem e cada um resolvesse os seus problemas? "

M.: "Não, eu pronto...eu...queria que houvesse mais envolvimento. "

E.: "Ok. Porquê? "

M.: "Porque eu acho que...como eu disse à pouco...houvesse mais, porque às vezes à pouco envolvimento em certas coisas, em certas conversas, ah...acho que devia haver mais envolvimento. "

E.: "E como é que seria esse envolvimento maior? "

M.: "Mais, pronto...mais diálogo entre a família, devia ser assim. "

E.: "Ok. A M. envolve-se nos problemas da D.? "

M.: "Sim, quando é assuntos relacionados com ela, sim. "

E.: "Em todos? "

M.: "Sim, depende dos problemas. Se for alguma coisa grave tenho que me preocupar, se for coisas da escola também...agora saúde também...agora se for assim coisas simples, pronto, que ela não queira falar com ninguém, ou que ela não se dê com alguém...isso, coisas em que se chateou com as amigas, ela resolve. "

E.: "Ok. "

M.: "Desde que não seja cá maltratar, porque isso também não quero. Não faço aos outros, por isso também não quero que façam a ela. "

E.: "Ok. Costuma partilhar experiências com a sua família? "

M.: "Depende das experiências...se forem boas sim, se forem más, não. "

E.: "Ok. E porque prefere partilhar as boas experiências, do que as más? "

M.: "Porque as más são coisas...uma pessoa já tem problemas que chegue...temos problemas que chegue, tento não preocupar mais...pronto. Sei que isto não anda nada fácil, o mundo derivado à crise...derivado às pessoas doentes, que cada vez há menos médicos, e essas coisas todas...as pessoas cada vez tem mais problemas de cabeça, e então eu também tento não preocupar muito a minha família sobre isso. Sobre essas experiências más. "

E.: "Ok. Na sua família, como é que vocês discutem os problemas? "

M.: "Tentamos discutir de maneira civilizada, para não haver...pronto discussões, chatices em casa, para não haver guerras, tentamos discutir de forma civilizada. "

E.: "Ok, e como é que lidam com o *stress*? "

M.: "Isso é que é um bocado mais difícil, porque isso há sempre *stress*...isso todos os dias, desde que eu acordo ou, até deitar é sempre *stress*...ando sempre com aquela, com aquele *stress* do dia a dia...do...falta de...de...principal...os dois principais é saúde e dinheiro, sem dinheiro a gente não consegue sobreviver, sem saúde a gente não pode trabalhar...então, como eu não tenho muita saúde é um *stress* todos os dias, porque tenho de tomar, eu sei que tenho de tomar...aquela medicação a tempo e horas, sem que tenho que dar a insulina a tempo e

horas, sei que tenho de picar os dedos para fazer os testes por causa da glicémia, pronto é o *stress* do dia...de manhã à noite, depois para fazer as coisas em casa é sempre *stress*. "

E.: "Ok. E como é que lida com isso? "

M.: "É um bocado difícil... "

E.: "Difícil... "

M.: "É um bocado difícil...depois eu enervo-me por tudo e por nada. "

E.: "Quando vê que está em *stress*, ainda se enerva mais? "

M.: "É. "

E.: "Ok. Vocês conversam em família, para tomar decisões importantes, como já me tinha dito. Ah...e como é que vocês o fazem? "

M.: "Quando, quando é assuntos importantes sentamo-nos e falamos...e discutimos, para ver o que se pode fazer...como pronto...como foi o caso de agora estes quatro meses...em que ele teve sem receber nada, tentamos resolver...eu por um lado dei as voltas todas, para tentar resolver da melhor situação...o que é que se podia fazer para...pronto, para organizar as coisas em casa. "

E.: "Ok, ok... "

M.: "Através de vocês... "

E.: "Daqui, sim... "

M.: "Vocês...pronto a M.M. e tu, com a ajuda da M.M. me indicaram a doutora F. , e depois ela encaminhou-me para a doutora H., tive com vocês...este tempo todo, também ajudou bastante, a minimizar as coisas, e agora aos poucos e poucos estou a ter muitas mudanças... "

E.: "Ok... "

M.: "Não quer dizer, que quando for preciso não venha cá ter outra vez com a M.M., e coiso...mas por enquanto pronto, eu vou continuar com as sessões de Psicologia lá em cima, e depois com o tratamento no hospital, e depois logo se vê como é que as coisas correm. "

E.: "Então, se tivesse que classificar a comunicação da sua família, se tivesse que dizer alguma coisa da comunicação que vocês têm uns com os outros, como é que...o que é que dizia? "

M.: "Acho que ficava por um seis... "

E.: "Por um seis...e o que é que isso quer dizer, um seis? "

M.: "Quer dizer que nem é bom, nem é mau... "

E.: "De zero a dez? "

M.: "É. Entre o...entre o zero e o dez, ficava aí a metade... "

E.: "Ok. E porque é que acha que é um seis? "

M.: "Porque é como eu disse ainda há bocadinho, há muita falta, por vezes, de diálogo entre nós. Principalmente da parte...da parte...da parte de nós os dois. Não tanto de nós os três, mas mais de nós os dois. Como tu sabes, às vezes...às vezes há certas coisas que a gente também...não queremos falar ou...ou tentamos não falar...não sei... "

E.: "Ok. Fale-me um pouco da relação que tem com a D...."

M.: "Opa a D., é assim...sempre foi uma miúda...sem problemas...desde bebé nunca tive...nunca me deu problemas nenhuns, em termos de, de não me deixar dormir durante a noite...só quando estava mesmo com algum problema de saúde...ouvidos...ou garganta, ou dentes...e pronto, não, não deixava dormir...mas sempre foi uma miúda calma, teve os problemas de desenvolvimento que teve de andar em Alcoitão, e teve de andar em Cascais, ao pé da praça de Cascais, naquele Centro de Saúde. E andou, e depois...não sei quantos meses ela tinha, detetaram-lhe um sopro no coração, teve de ir para Santa Cruz, andar lá...a ser observada, se o sopro não fechasse, ela tinha de ser operada e tinham de lhe meter uma cena desde o coração até cá a baixo. Ah...teve aqueles problemas de, de garganta, e de ouvidos...de vez em quando arrebenta-lhe...ah...agora, sempre foi uma miúda calma...agora é que está

mais...entrou naquela fase da adolescência está mais complicada...então este ano ainda está pior, este ano não dorme e não deixa adormecer...dorme até...ontem acordou eram quatro e tal da tarde, a onde é que já se viu isto...ah depois só à noite é que lhe dá o formigueiro no rabinho para fazer as coisas, até ontem andou a arrumar o quarto...ontem andou lá a arrumar umas prateleiras... "

E.: "Do quarto dela? "

M.: "Não, sim é dela. "

E.: "E o seu marido? "

M.: "Ele não estava...estava a ver televisão, quando ela...ela foi arrumar, o pai estava a ver televisão andou lá a limpar, arrumar, e deitou umas papeladas fora...mas pronto...às vezes quando ela está bem-disposta, as coisas andam calmas, quando ela está mal disposta, mãe não me chateeis, mãe deixa-me em paz, ó mãe não me chateeis, ó mãe deixa-me em paz...é sempre isto...mas tem sido sempre uma boa filha, nunca me deu problemas nenhuns, nem com porcarias que, que às vezes lhe pudessem dar...sempre foi uma miúda calma, sempre ajuizada...daqui para a frente não sei, mas até agora nunca me deu problemas nenhuns. "

E.: "Ok. "

M.: "Todo o mundo gosta dela, todo o mundo a admira, todo o mundo acha ela bonita, não tenho problemas nenhuns de nada disso..."

E.: "Tivesse que classificar então, a relação que tem com a sua filha o que é que dizia? "

M.: "Aí um nove... "

E.: "Um nove, e porquê? "

M.: "Porque pronto, podia dar um dez...mas às vezes depende também dos dias, dos dias em que ela está bem, dos dias em que eu estou mal...a gente também às vezes não está bem disposta, e isso não é só comigo, não é só com ela...isso é com todos...há famílias e famílias...felizmente...mas pronto, acho que está dentro dos parâmetros mais ou menos normais... "

E.: "Ok. Como é que sente a relação com os seus pais? "

M.: "Bom, o meu pai infelizmente já morreu, morreu há três anos...a minha mãe é um bocado difícil falar com ela porque pronto...ela sempre foi uma boa mãe, sempre tentou dar-nos aquilo que pode...só que é um bocado difícil com ela porque... "

E.: "Hoje em dia é difícil... "

M.: "Hoje em dia é um bocado difícil, não quer dizer que eu não fale com ela, e essas coisas...mas às vezes ela também tinha o seu feitio lixado, o meu pai não...o meu pai era mais calmo, era mais...quer dizer, houve uma época em que ele não era calmo, e também me batia e fazia as coisas dele, mas...sempre foi um bom pai, sempre tentou dar aquilo...a educação necessária a gente. A minha mãe, com aquele problema que teve de cabeça, teve que ficar internada, e também tem uma grande depressão...é um bocado difícil, porque ela hoje está bem, amanhã se for preciso está chateada com a gente e não nos falamos...e então quando elas moraram cá, foi difícil porque...ela teve uma temporada que não falou comigo, chateou-se...e eu que fiz tudo por elas, e depois quando eu precisei elas não me ajudaram. E elas foram-se embora, depois viajaram...foram embora depois para a Madeira e não...e não se despediram de a gente...fiz o aniversário cá, um deles, convidou as amigas...fiz o aniversário em casa da vizinha de baixo, e não convidou a minha filha. Ah...estive cá uma irmã dela, que veio de Inglaterra passar férias, a minha tia teve cá e eu não a vi...não me deixou ver a minha tia, por isso a minha mãe é um bocado conflituosa, ela e a minha irmã...andam sempre as duas em guerra. "

E.: "Hoje diria que a relação que tem com a sua mãe e com a sua irmã é conflituosa? "

M.: "Sim, há dias que sim. Comigo, não é tanto...ela ficar muito tempo zangada, mas elas as duas andam sempre em guerra... "

E.: "Ok. O que é que acha que a sua família sente em relação a si? "

M.: "Não sei dizer...por acaso...ainda aqui há tempos tive a falar com a doutora sobre isso, e sinceramente não sei...eu...não sei o que é que pensam... "

E.: "O que é que a D. e o seu marido pensam em relação a si? "

M.: "Não sei...a D. não sei...e eu também não sei, nunca lhe perguntei... "

E.: "Então e o que é que demonstram? O que é que manifestam em relação a si? "

M.: "Bom...é assim, tanto eu para ela como para ele, gosto dos dois...ela como minha filha, ah...porque foi sempre uma...uma coisa que eu quis, ser mãe. E ele, gosto dele...mas não é assim...como eu já disse à doutora...gosto dele, mas não é aquele amor, aquela paixão...percebes? Gosto, respeito e coiso, mas não é aquela paixão como eu tinha pelo outro que morreu, não...muito diferente...porque pronto, mudei-me de uma relação com a outra que é completamente diferente. "

E.: "O que é que a D. e o seu marido costumam demonstrar em relação a si? "

M.: "Bom, a D. às vezes, quando está de boa maré, começa a dar-me beijos, quando está de boa maré...e brincar às vezes...o meu marido, é mais as vezes que ele, quando ele chega ou que eu estou em casa, ou quando eu não estou ele telefona-me a perguntar onde é que eu estou, como na quarta-feira ele chegou e não me viu em casa, e a D. estava a dormir...ah...e...ele perguntou-me onde é que vocês estão, e eu disse, eu estou aqui no centro de saúde e a D. está a descansar...ah...sim fica preocupado, quer saber o que é que se passa...ou como eu disse quando eu vou ao...quando eu vou ao médico, ele quer saber sempre o que é que o médico disse, se está tudo bem, se não está...pronto acho que isso é um gesto de preocupação e de carinho...acho...pelo menos é o que eu penso...ah...sim, quando a gente tem de discutir, também discutimos...quando a gente tem de falar, também falamos... "

E.: "Ok. E quando tem problemas, problemas escolares, profissionais, que está a sentir, ou com outra pessoa...de preferência a quem é que conta esses problemas? "

M.: "Bem, depende, se for de saúde é claro que tenho de falar com o marido... "

E.: "Com o seu marido? "

M.: "Sim. Ah...se for problemas de...pessoais, que eu não queira contar a ele, posso tentar a uma pessoa de confiança, só que neste momento nem...a única pessoa de confiança que eu...as pessoas de confiança que eu podia contar era vocês e a doutora, e a doutora, as doutoras...tanto a psicóloga como a F....ah, e coisas relacionadas até às vezes com a minha intimidade, por exemplo, a minha e dele, ah...pronto...às vezes...quando tenho assim coisas para contar com ele, sobre isso...falamos, quando não...coisas que, que...como agora, quando fui operada ao útero, as coisas antes estavam um bocado difíceis ter uma relação íntima com

ele, porque...derivado aos efeitos, derivado à parede do útero que estava fechada, agora neste momento já as coisas estão a andar um bocadinho melhores. É assim, as pessoas com quem eu falo mais, agora neste momento eram...são com vocês...uma vez que tu te vais embora...ah...e é com as doutoras, claro que sim. "

E.: "Ok. Ah...e porque é que são essas pessoas? "

M.: "Porque para eles me ajudarem a perceber melhor, tentar perceber melhor o que é que se passa dentro de mim...porque nem por vezes nem eu sei o que é que se passa comigo...porque...há dias em que estou bem agora, e daqui a um bocado posso...sei lá...me passar da cabeça...e começar a chorar...ou me zangar com alguém, como já aconteceu. Uma vez chateei-me com a minha senhoria, e mandei ela para o Sr. Navalho, e ela é muito mais velha que eu, muito mais velha do que a minha mãe...tem idade para ser minha avó daqui a pouco, vai fazer setenta e oito anos ou lá o que é...opa chateei-me, enervei-me...e mandei-a para o trabalho...mandei-a...mandei-a, olha paciência. Ah...mas é...tudo isto por vezes é...depois quando eu não estou bem, há certos dias em que eu não estou bem, isolo-me...tento ficar mais, mais isolada. "

E.: "E a M., sabe com quem pode contar? "

M.: "Sim, sim...quando eu tenho...pronto como eu este mês, a doutora vai estar de férias, mas pronto...se houver algum problema que haja assim mais coiso, tenho aqui a M.M., como tu não estás cá, mas está cá a M.M., as duas M., mas pronto não tenho tanta confiança com esta como tenho com a outra, como tenho contigo...é diferente, porque vocês começaram comigo desde o princípio, e então a outra M. não...não quer dizer que ela não seja importante também no projeto...mas é totalmente diferente de vocês as duas. "

E.: "Ok. E dentro da sua família, com quem é que se dá melhor? "

M.: "Olha, se queres que eu te diga, acho que nem...acho que pronto...de nós os três, só posso contar com nós os três mesmo...com a D. e com o meu marido, porque de resto, não posso contar com mais ninguém da minha família...anda tudo às turras...para mim da parte da minha mãe, andam quase sempre às turras, as minhas tias...ou é por dinheiro, ou é por casas, ou por isto ou por aquilo, ou por saúde...ah...tenho um tio que mora em Algés que ficou chateado com a minha mãe, porque queria que a minha mãe lhe emprestasse mil euros, e a minha mãe disse que não emprestava, e deixou de falar comigo e com a minha mãe. Pronto...a minha

família, da parte da minha mãe, foi sempre complicada...uns mais outros menos...a minha mãe só tem uma irmã com quem se dá melhor...ah...as outras duas dá-se, uma infelizmente já morreu...e as outras duas...as outras duas é com quem se dá pior...ah...e... "

E.: "E entre o seu marido e a sua filha, com quem é que se dá melhor? "

M.: "Dou-me com a D. porque é com ela que eu me dou mais, e com ele não...ele pronto, a maior parte das vezes nem está em casa... "

E.: "E com quem, é que gosta de passar mais tempo na sua família? "

M.: "Com a D.... "

E.: "Com a D., e porquê? "

M.: "Porque ela é uma parte importante, porque ela vai sempre continuar a ser minha filha, independentemente daquilo que lhe acontecer vai sempre continuar...e ele é pronto...pode ir e vir...e ela, ela não, ela vai continuar ali...porque ela foi daqui de dentro que ela saiu...gerei-a cá dentro, e ele só...deu o coiso para fazer, mais nada. "

E.: "M. sente que a sua família é uma referência para si? "

M.: "Ah...depende. Nem sempre...ah...pronto, a D. até pode ser, agora...e o meu marido...agora o resto da família não. Não tenho grandes afinidades com a família... "

E.: "Como é que vê a sua família como referência? Como é que vê o seu marido e a D. como referência"

M.: "Vejo bem...vejo...pronto...vejo ela a crescer dia a dia, vejo ela se tornar uma adolescente engraçada, bonita...e essas coisas todas...e ele também, ele também é importante. "

E.: "Porque é que eles são uma referência para si? "

M.: "Porque me ajudam naquilo que eu preciso, ajudam-me no dia a dia e...é muito importante. "

E.: "Ok. Que atividades é que costumam fazer na família? "

M.: "Bom, as atividades é...é só mais eu e a D., e mesmo assim não...às vezes brincamos com, com...com aquelas coisas de...ai...aqueles jogos...como ele põe às vezes...que vem aqueles *puzzles*, aquelas coisas para montar... "

E.: "Dominó? "

M.: "Não, aqueles cartõezinhos que vem às vezes para...para... "

E.: "Ah, tipo *puzzle*? "

M.: "Sim, sim. Às vezes isso, outras vezes às cartas...outras vezes a televisão...conforme. "

E.: "Ok. Mais alguma atividade? Atividade pode ser todo o tipo de coisas... "

M.: "Não, não...ela gosta mais de ver bonecadas, e às vezes eu também não tenho paciência. "

E.: "Ok. E quais as atividades, que gostaria de fazer mais e as que gostava de fazer menos? "

M.: "Atividades mesmo assim... "

E.: "Que atividades é que gostava de fazer mais? "

M.: "Atividades, gostava de fazer mais...sei lá...algumas que desenvolve-se, desenvolve-se mais...gostava que ela também desenvolve-se...sei lá...neste momento não me estou a lembrar de nenhuma importante...uma coisa qualquer... "

E.: "Atividades, pode também ser passeios, viagens... "

M.: "Opa uma coisa que eu gostava muito de...era de passear com ela e de...pronto ir a qualquer lado que ela nunca conheceu nem eu...ir olha por exemplo, um local que eu gostava de ir, e gostava que ela conhecesse era o Jardim Zoológico...a ver os golfinhos ao vivo...vi na semana passada o *Zoo Marine* de Albufeira, ou lá o que era...era uma coisa que eu gostava, mas sei que é caro e que não há possibilidades...era uma coisa que pronto...que gostava que ela fosse, ou ir a um concerto do T. C., ou do D. C., que ela também gosta...ó assim concertos, passeios... "

E.: "Ok. Acha que passa tempo suficiente com a sua família?"

M.: "Sim...quer dizer, com a D. sim, com ele nem tanto...porque ele às vezes sai, ou vai trabalhar, ou vai ao café com os amigos...às vezes está a dormir, quando não está na rua, está a dormir... "

E.: "Ok. E como é que é aproveitado esse tempo? O que é que costumam fazer? "

M.: "Olha nada de especial, ele está a dormir e eu estou com sono vou dormir...e ela vê bonecos... "

E.: "E como me disse joga cartas... "

M.: "Sim, às vezes... "

E.: "E gostava de passar mais tempo, ou menos tempo com a sua família? "

M.: "Mais tempo... "

E.: "Diria que se dá melhor com pessoas dentro da sua família, ou fora? "

M.: "Às vezes dou-me melhor com algumas pessoas da rua, do que com a família. "

E.: "Ok. "

M.: "Também depende das pessoas...porque nem todas me agradam...eu não vou procurá-las todas...só com algumas... "

E.: "Então diz que se dá melhor com pessoas fora da sua família? "

M.: "Sim. "

E.: "E, porquê? "

M.: "Porque sei lá, muitas das vezes...as pessoas compreendem-me melhor do que os de casa, penso que seja por isso também... "

E.: "Essas pessoas, quem são? "

M.: "Às vezes...é...pronto, converso...agora nem tanto, mas conversava muito com uma vizinha, com a minha senhoria...com a minha senhoria, converso mais é com ela...não quer dizer que eu não tenha...como eu disse ainda à bocado, que não tenha turras com ela... "

E.: "Sim... "

M.: "Mas, pronto...converso muito com ela, e ela também, quando eu precisava de alguma coisa...quando eu estive bastante doente...ah...das vezes que estive doente, foi sempre ela que me ajudou, foi sempre ela que me socorreu, só se ela não pudesse...também ela quando precisou, eu também a socorri naquilo que ela precisou, pronto...isso tudo, estamos quites. "

E.: "M. os seus amigos costumam ir a sua casa? "

M.: "Não tenho amigos, nem amigos nem amigas...ainda aqui há tempos estive a falar com a doutora sobre isso, e a doutora disse porquê, e eu disse olhe não sei, tive uma grande amiga mas não sei dela, há muitos anos que eu não sei dela...foi uma amiga que eu tive quando estive internada num colégio de freiras lá na Madeira, e ela...o pai, os pais dela internaram-na lá, e ela não tinha o saquinho da lágrima...ela estava sempre a recorrer à máquina da vista...e foi uma grande amiga que eu tive...dava-me com ela, dava-me com ela e com as irmãs...e foi uma grande amiga, a gente partilhava muito as coisas uma com a outra...e eu ia à casa dela, e ela ia à minha casa...agora aqui não...aqui não tenho amigas. As amigas que tinha eram sempre para me chupar o dinheiro, todo o dinheiro que eu tinha, por isso afastei-me dessa gente. "

E.: "Aqui em Portugal Continental? "

M.: "Sim. "

E.: "Diga-me uma coisa, é hábito a D. receber amigos lá em casa? "

M.: "Não, porque também...também é muito raro ir lá amigas...ela tem aqui em cima uma miúda, mas como ela disse a mãe acho que não gosta que a D. ande com ela...não sei porquê...ela teve uma miúda que veio aqui, também se chateou...também nunca mais telefonou, nunca mais disse nada...por isso é muito raro. "

E.: "Ok. E os membros da sua família conhecem bem os amigos dos outros membros da família? Ou seja, a mãe conhece os amigos da D., o pai conhece os amigos da D.? "

M.: "Alguns eu conheço, pronto...as colegas dela da escola, as amigas da escola eu conheço...ah...como conheço essas duas miúdas daqui de cima de ao pé do supermercado...agora o pai não tanto porque...conhece essas duas miúdas, mas se vir elas agora se calhar não, não...não se lembra delas, porque elas foram lá no aniversário dela o ano passado, e já tiveram lá em casa, as duas...as três...ah...uma delas tem um irmão que anda aqui na primária, aqui em baixo...e...pronto, agora as outras eu conheço, da escola, a B., a D., a A., uma prima dela que também anda lá na escola... "

E.: "E quando alguém da sua família está fora de casa, quando algum dos três está fora de casa a fazer coisas, sem a família...isso é bem aceite por todos os membros da família? "

M.: "Sim, depende...depende...daquilo que eles estejam a fazer, por exemplo se a D. tiver que ir a algum lado fazer alguma coisa, sim...ou o L., o meu marido a mesma coisa...quando tem de fazer algum trabalho vai, à vontade...não há problema nenhum... "

E.: "Quando a M. diz depende, depende do quê? "

M.: "Se ele por exemplo sair de casa e for para o café se embebedar pronto. "

E.: "Ok. "

M.: "Isso, eu acho mal. "

E.: "E a D.? "

M.: "A D. não se chateia muito, ela já sabe como é o pai...ela não se importa...desde que ele chega a casa, como não faz barulho...não a desperta nada...vai-se deitar... "

E.: "E se a D. também sair, para fazer coisas sem ser com a família, isso é bem aceite como já disse, mas depende como? Em relação à D.. "

M.: "Depende se ela for fazer um trabalho, fazer algum trabalho...que seja...proveitoso para ela, acho bem. "

E.: "Ok. Quando estão em casa, as pessoas da sua família passam a maior parte do tempo juntos, ou evitam estar uns com os outros? "

M.: "Não! Na maior parte do tempo estamos juntos. "

E.: "Ok. Os elementos da sua família precisam muito uns dos outros, ou sente que não precisam muito? "

M.: "Precisam. "

E.: "E, porquê? "

M.: "Porque sem, sem a família também não...não acho...não há razão para a gente não estarmos juntos, acho que a família também é importante, faz parte da vida. "

E.: "Ok. E quando vêem que alguém precisa, que a D. precisa, você ou o seu marido precisam...o que é que vocês costumam fazer quando vêem que o outro precisa de ajuda? "

M.: "Olha houve um caso no domingo em que o meu marido se aleijou, e ele estava se a queixar com dores, e eu não fiz mais nada...depois ele levantou-se, foi para a sala, e eu fui buscar naquilo que eu tinha no congelador, aquelas pedras de gelo com cubos, meti dentro do saco e meti aqui assim, na parte do pé...e depois começou a derreter e fui buscar um saco de ervilhas e pus-lhe no pé...pronto foi a minha ajuda que eu...pude fazer. "

E.: "Ok. E como é que se vê que eles precisam, ou você...ou que não precisam de ajuda? Como se vê isso? "

M.: "Bom, quando deixo que...no caso da D....quando ela se começa a sentir cheia, ou com dores de cabeça, como foi na terça-feira...ou com dores de barriga, por causa do período...ah...e ele nem tanto, porque ele é muito raro se queixar por qualquer coisa, mas quando ele precisou de ajuda por causa da vista também ajudei...quando ele tem algum problema que ele precise, ou que ele precise de dinheiro que eu tenho...eu dou-lhe...ah...e ele a mesma coisa, quando eu não tenho ele também me dá...pronto essas coisas assim. "

E.: "Ok. O que é que fazem as pessoas que precisam ou que não precisam, que mostre que precisam de ajuda...ou seja, quando vocês precisam, o que é que fazem para demonstrar que olha eu preciso da vossa ajuda? "

M.: "Ou pede, ou pronto...se for de dinheiro que a pessoa tenha, empresta-se se não, ou dá...se for tipo de saúde, é dizer o que é que tem ou não tem para uma pessoa puder ajudar... "

E.: "Ok. E quando eles não querem ajuda, como é que eles mostram que não querem ajuda? "

M.: "É dizerem que não querem ajuda. "

E.: "Quando surge um novo problema na família, acha que todos procuram maneiras diferentes de reagir a esse problema, e fazem novas formas de lidar com o problema? "

M.: "Acho que sim, acho que...tentamos...resolver o problema em conjunto... "

E.: "E, de forma diferente? "

M.: "Sim. "

E.: "Ok. Acha que a sua família é uma família organizada, ou não? "

M.: "Não. "

E.: "Porquê? "

M.: "Porque pronto...devia haver mais organização, mas não há... "

E.: "Organização em termos de quê? "

M.: "De tudo. "

E.: "Ok. "

M.: "Ele partilhar mais...como se diz...estar mais atento às coisas do dia a dia... "

E.: "O seu marido? "

M.: "Sim. "

E.: "Como é que se organizam na dinâmica do dia a dia? "

M.: "Bem, é assim...eu como estou mais em casa, faço as coisas do dia a dia...e ele como não está, como chega por volta das três, três e pouco, despe-se e vai-se deitar...vai descansar e vê os jogos sem fronteiras, e vai descansar um bocado...porque, ele vem um bocado cansado de estar a escrever e a ler, essas coisas...e como está dentro de um contentor, aquilo está muito calor lá dentro, mas...acho que...desculpa, qual é a pergunta? "

E.: "As tarefas são distribuídas? Sente que as tarefas são distribuídas? "

M.: "Não, sou eu que faço tudo. "

E.: "Então as tarefas não são divididas, a M. é que faz tudo é isso? "

M.: "Sim. "

E.: "E faz, aquilo que mais gosta? "

M.: "Ó se fosse para gostar...se fosse para fazer aquilo que mais gostava havia muitas coisas que eu não fazia... "

E.: "Ok. "

M.: "Olha a coisa que eu detesto fazer é engomar...engomar e lavar a loiça. "

E.: "É a M. que faz isso? "

M.: "Pois. "

E.: "Ok. Quando há uma mudança na rotina que vocês costumam ter, vocês têm um dia a dia mas quando há uma mudança nessa rotina, como é que a família reage? "

M.: "Olha se tiver que haver uma mudança derivado sei lá, a um problema de saúde, ou qualquer coisa assim...claro que temos que arranjar maneira de organizar as coisas para podermos-nos orientar...como quando tive bastante mal no hospital, que ninguém dava por mim...eles tiveram que se organizar...eu não estava lá, e eles tiveram que se organizar ele e a filha mais velha... "

E.: "Como já disse o seu marido chamou a sua mãe... "

M.: "Sim, pronto...mas enquanto ela não veio, ele é que teve...lavar...punha a roupa a lavar, fazia comer, essas coisas...e depois ia trabalhar... "

E.: "Todas as famílias têm momentos difíceis, e nessas situações como é que reagem? "

M.: "Mal, pronto...quando eu estou mais em baixo reajo mal, quero estar mais isolada, sei que as outras pessoas não têm culpa do que eu estou a passar...mas eu discuto por qualquer coisa, pela mais coisinha de nada eu discuto. "

E.: "Ok. E a D. e o seu marido? "

M.: "Ele nem tanto...só se eu lhe disser alguma coisa que não é do agrado dele, é que ele começa a mandar vir comigo. A D. é as coisas dela, pronto...está naquela fase, como tu sabes...porque também tens irmãos e sabes como é que é, e como estás a trabalhar para psicóloga é...vais ter o teu prato... "

E.: "E a M. sente que todos se apoiam uns aos outros, ou quando há esses momentos difíceis ainda discutem mais? "

M.: "Acho que quando são os momentos difíceis...como é que se diz...se apoiam mais. "

E.: "Ok. Quando é preciso tomar decisões, quem é que decide? "

M.: "Pronto, se for alguma decisão sobre a família, sobre a casa...é entre nós os dois, eu e ele... "

E.: "E porque é que é entre vocês os dois? "

M.: "Porque tem de ser, porque como somos marido e mulher...e, certos assuntos têm de passar por nós, não é a D. que vai decidir...não é a D. que vai fazer as coisas, por exemplo quanto à renda da casa, água e luz, comida e essas coisas tem que ser entre nós os dois...não é a D. que vai às compras, não é a D. que vai pagar as contas...essas coisas. "

E.: "Ok. Essas decisões são bem aceites por todos? "

M.: "Sim. "

E.: "Sim? Porque é que acha que isso é bem aceite? "

M.: "Porque tem de ser mesmo aceite, porque é muito importante. "

E.: "Quem é que costuma orientar a distribuição das tarefas? "

M.: "Eu mando eles fazerem mas eles não fazem...nem um nem outro...e ele, antes de eu adoecer ele fazia tudo, fazia o comer em casa...agora depois que eu adoeci deixou de fazer...a D. pronto, eu mando ela fazer, e ela diz já vou...e eu digo D., e ela já vou...e às vezes está a dormir até tarde, como foi o caso de ontem, depois à noite é que lhe deu...ao final da tarde é que lhe deu para fazer uma limpeza lá dos armários, ah...a maior parte das vezes quem distribui as coisas sou eu. "

E.: "E porque é a M., a orientar a distribuição das tarefas? "

M.: "Porque sou a que estou mais em casa. "

E.: "Porque é a que está mais em casa. Sente que as regras da sua família estão bem definidas, ou seja, estão bem claras para todos? "

M.: "Sinto. "

E.: "E são respeitadas, essas regras? "

M.: "Às vezes, outras vezes não... "

E.: "Porque é que são às vezes? "

M.: "Porque devia haver mais...mais regras desde o princípio que a gente se juntou...devia de haver mais regras em casa, depois da D. nascer devia de haver e não houve...porque as coisas também nunca foram fáceis...porque pronto a gente também tinha o nosso trabalho, e depois como a D. era uma miúda doente, tínhamos mesmo que por vezes...ter paciência, e como trabalhávamos os dois de noite...não tínhamos paciência para ter aquelas regras necessárias. "

E.: "Ok. Mas então sente que tem regras em casa? "

M.: "Às vezes tenho, outras vezes não. "

E.: "E quando se fazem essas regras, sente que respeitam? "

M.: "Sim. "

E.: "Sim. Essas regras são negociadas por todos, ou são impostas? "

M.: "Não, são impostas. "

E.: "Por quem? "

M.: "Por nós os dois. "

E.: "Porque é que as regras são impostas por vocês os dois? "

M.: "Porque tem de ser, pronto há certas coisas, pronto...principalmente com a D., ela não me ouve...há certas coisas que ela não me ouve e tem mais respeito ao pai do que a mim. "

E.: "Ok. E sente que a opinião de todos interessa para a definição das regras? "

M.: "Sim. "

E.: "Se pudesse mudava alguma regra? "

M.: "Mudava algumas. "

E.: "Sim? Quais? "

M.: "Sei lá...pronto...o de dormir, dormir que era muito importante...mudava isso, dormir cedo...jantar cedo e se deitar cedo. "

E.: "E porquê, essa regra M.? "

M.: "Porque acho que o sono, o jantar cedo...por exemplo jantar todos à mesa às oito horas da noite jantar...a família...e se deitar cedo para dormir aquelas horas necessário para no outro dia de manhã não andar com sono, não andar *super* stressada... "

E.: "Ok. As decisões, quando são tomadas na sua família, são tomadas de forma irrefletida e de forma impulsiva por qualquer membro da família? "

M.: "Não. "

E.: "Não? Como é que acontece então? "

M.: "Quando pronto...quando há situações que é preciso resolver...espero por ele para podermos resolver com calma, com precaução. "

E.: "Pode-me dar um exemplo de uma decisão que tenha feito? "

M.: "Ah...pronto...quando...quando foi...foi que...ah...foi quando...um problema...como eu disse...o problema da D., tivemos de resolver os dois...foi muito importante, tanto que eu tive que comunicar isso ao pai dela. "

E.: "Ok. E quando uma decisão é tomada na sua família, é difícil mudar essas decisões? "

M.: "Às vezes é. "

E.: "Quais são as regras que considera funcionais... "

M.: "As quê? "

E.: "Quais são as regras que considera funcionais e as regras que considera não funcionais? "

M.: "As funcionais. "

E.: "Quais são as regras que considera funcionais? "

M.: "Quando a gente diz alguma coisa que, pronto tem de ser mesmo feita, é para fazer...para a gente ter...eu digo assim, ou ele diz assim, tens de fazer isto assim, assim e assim...isso está bem...ou ele às vezes ele de manhã sai...ou à noite...quando...agora houve um caso aqui à dias, houve um problema com...com falta de dinheiro, e não tínhamos coiso e cortaram-nos a água, e ele quando recebeu agora deu-me o dinheiro para eu ir pagar a Cascais, porque em Carcavelos estava fechado. E ele disse-me está aqui o dinheiro e está aqui a carta da água, não te esqueças de ir pagar isso...e eu disse está bem não me esqueço...eu fui."

E.: "Ok. Então as regras de cumprimento de prazos de pagamento são todas funcionais. E as, regras que considera não funcionais? "

M.: "Bom, quando há falta de alguma coisa, pronto...seja que não...que seja importante mas que não faço...são aquelas que não são funcionais, por exemplo quando ele ou eu, a gente se esquece de fazer alguma coisa qualquer, de cumprir um prazo qualquer, é quando não são funcionais...e depois quando se lembra, ah tinha de ir pagar isto e esqueci-me, ou tinha de ir fazer isto e esqueci-me...é assim. "

E.: "Quando as regras que vocês têm são quebradas, há consequências? "

M.: "Não. "

E.: "Acha que é claro e fácil de perceber as consequências que podem acontecer quando alguém da sua família faz algo de errado? "

M.: "Às vezes há consequências, depende daquilo que a pessoa fizer, por exemplo se houver assim alguma quebra de regra pode haver uma consequência, ou uma qualquer coisa que aconteça, há sempre consequências...mas normalmente não... "

E.: "Por exemplo uma regra... "

M.: "Sei lá, não me lembro assim agora de nenhuma regra que se tenha quebrado, ou que tenha imposto. Só se for com a D., alguma regra com a D. que o pai tinha posto ela de castigo ou não ter feito o que o pai mandou, ou eu...pronto mas de resto não... "

E.: "E quando ele, lhe pôs de castigo foi porquê? "

M.: "Porque ela também...ela é um bocado, assim...como é que eu hei de dizer...assim impulsiva. "

E.: "Ok. Então há uma consequência, há um castigo. "

M.: "Sim. "

E.: "Ok. Considera ter uma família com regras e disciplinas justas? "

M.: "Sim. "

E.: "Acha que os papéis na sua família estão bem definidos, ou seja o papel do pai, da mãe, da filha?"

M.: "Sim. "

E.: "Explique-me um bocadinho, como é que funcionam esses papéis na sua família... "

M.: "Bom, é assim como eu disse, eu sou a que mais faço, a que oriento as coisas em casa, mas certas coisas que, que tenho que comunicar a ele, pronto...se houver algum problema, tem que ser tomado por os dois...e certas coisas tem que se passar por nós os três...ou se houver,

neste caso por exemplo alguma coisa relacionado com os outros dois filhos, tem de passar também por ele...acho que dentro dos limites está tudo bem. "

E.: "Ok. Agora vamos tentar perceber, porque nós tivemos um conjunto de sessões com vocês as duas, e queremos perceber que mudança é que houve na vossa relação entre as duas...acha que estas sessões ajudaram? "

M.: "Sim, ajudaram bastante. "

E.: "Sim? Em quê? "

M.: "Pronto a perceber melhor certas coisas da D., certas coisas que ela precisava, certas coisas que lhe preocupava, e também coisas que preocupavam a mim, e muitas coisas mais...deu para ajudar imenso. "

E.: "Essas coisas da D. que fala... "

M.: "Ah, problemas do dia a dia, coisas da idade dela, porque pronto...como...é assim eu nunca tive filhos, não sei como é que é, vejo pelos outros pais, mas nem todas as relações...por exemplo entre pais e filhos são iguais, uma mais complicadas e outras menos complicadas...e ela está a entrar numa fase preocupante pronto...e está a crescer e...é natural que eu me preocupe com ela, é natural que eu seja exigente com ela...eu sei que ela gosta do espaço dela, gosta de ter o espaço dela, gosta das coisas dela...mas também tem de haver um bocadinho de preocupação, por causa de...da idade e de outras coisas mais, compreender ela melhor. "

E.: "E essa ajuda que diz que se fez, como é que se traduz na sua vida? Ou seja, como é que essa ajuda trouxe mudanças na sua relação com a D., e em si? "

M.: "Trouxe algumas coisas boas, pronto algumas experiências boas...como aquela de fazer aquela...coisa que vocês propuseram, um dia eu mando fazer uma coisa, no outro dia não mando...ah...depois aquela cena do bolo, foi mais tarde mas pronto...da jardineira...trouxe algumas coisas boas, e outras ah...podiam ser melhores mas pronto...ela como está a crescer, está numa fase mais coiso...conforme ela for crescendo a gente vai vendo... "

E.: "Então e que mudanças é que houve quando nós, eu e a M.M., propusemos isso da jardineira...sente que essas... "

M.: "Sim...houve algumas coisas em que mudou...houve mais responsabilidade por parte dela... "

E.: "Da D.?" "

M.: "Sim. "

E.: "Ok. E, da sua parte? "

M.: "Da minha parte também, foi o espaço que eu dei a ela, para ela ter mais responsabilidade. "

E.: "Ok. E que mudanças é que houve em si, através destas sessões? "

M.: "Ajudou-me a perceber melhor ela, de certas e determinadas coisas pronto...do crescimento dela, ajudou-me a perceber algumas coisas...como eu disse não é fácil, mas aos poucos e poucos eu vou lá também...tenho que lhe dar espaço para ela crescer e se tornar pronto...mais autónoma. "

E.: "Ok. Então essas mudanças foi, pronto, dar espaço para ela se tornar mais autónoma, e que mais mudanças em si? "

M.: "Mudanças em mim pronto...eu continuo a ser aquela mãe galinha...continuo a preocupar-me com ela, como mãe, como amiga, como companheira do dia a dia e essas coisas, mas houve algumas coisas boas também que aprendi com ela e com vocês... "

E.: "Diga-me um exemplo. "

M.: "Ah...pronto fazer essas experiências com ela e com vocês...foi uma boa coisa para...para tomar um conhecimento melhor. "

E.: "Diga-me uma coisa, e com a D.? Sente que houve mudança com a D.?" "

M.: "Sim, eu penso que sim...eu não sei o que é que vai dentro da cabeça dela, ou do coração dela... "

E.: "Mas aquilo que a mãe viu, o que é que achou que mudou? "

M.: "Acho que ela teve algumas coisas também boas, algumas mudanças boas... "

E.: "Diga-me exemplos... "

M.: "Acho que deu para compreender ela se tornar mais...mais responsável...mais...mais autónoma em certas e determinadas coisas com ela...pronto, na maneira de ser dela, na maneira dela...de ela se comportar... "

E.: "Sente que houve mudanças, na forma de como ela se relaciona consigo? "

M.: "Sim, houve mudanças. "

E.: "Em termos, de quê? "

M.: "Em termos de não ser tão respondona...anda mais calma. "

E.: "Ok. Duas últimas perguntas, como é que se sente agora? "

M.: "Um bocadinho melhor. "

E.: "Sim? "

M.: "Sim. "

E.: "Sente que as sessões a ajudaram? "

M.: "Sim. "

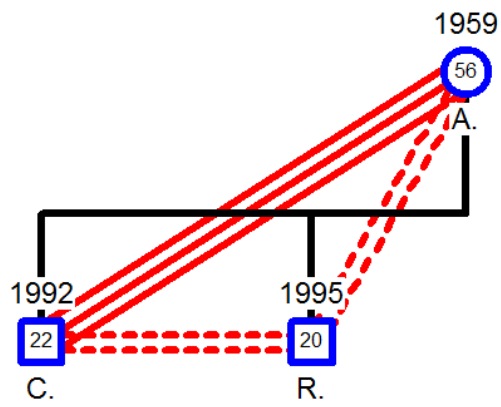
E.: "Quer acrescentar alguma coisa, dizer mais alguma coisa? "

M.: "Não. "

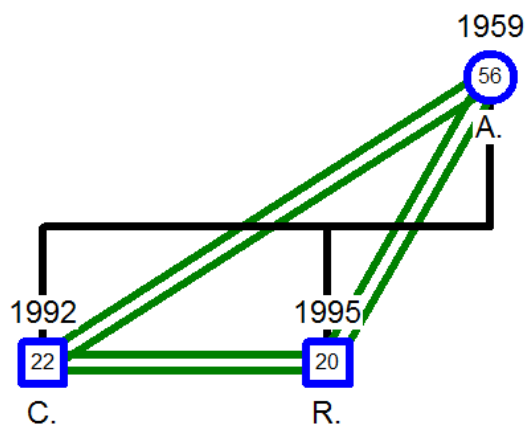
E.: "Não? Então M. acabamos a entrevista, muito obrigada. "

Anexo E – Genogramas da primeira e última sessão das Famílias 1 e 2

Família 1: Genograma da primeira sessão



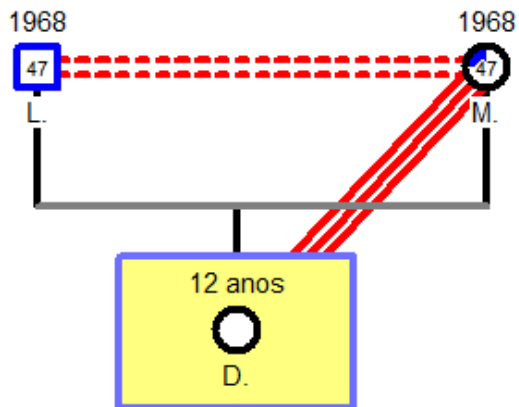
Família 1: Genograma da última sessão



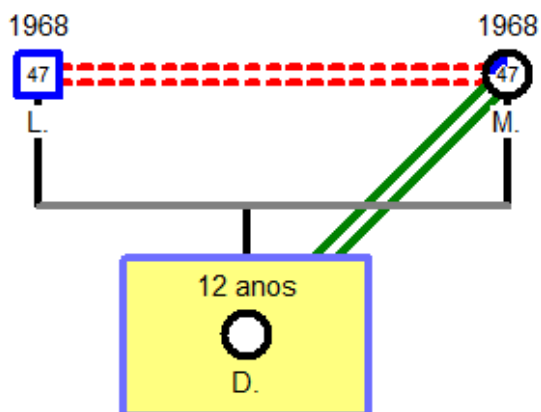
Legenda:




Família 2: Genograma da primeira sessão



Família 2: Genograma da última sessão



Legenda:

 Mulher com depressão

 Paciente identificado

 Homem com problemas alcoólicos

 Relação fusional / Dependência  Conflito  Relação forte